

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO TECNOLÓGICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA  
AMBIENTAL**

**PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO, HISTÓRICO E  
CULTURAL DA COMUNIDADE DA COSTA DA  
LAGOA, ILHA DE SANTA CATARINA,  
FLORIANÓPOLIS, SC**

**EDUARDO DIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada  
no programa de Pós-Graduação em  
Engenharia Ambiental da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina, como parte dos requisitos  
para obtenção do título de Mestre em  
Engenharia Ambiental, área de  
concentração Uso e Proteção de  
Ambientes Costeiros

**FLORIANÓPOLIS – SC**

**2001**

**“PERFIL HISTÓRICO, SÓCIO-ECONÔMICO E CULTURAL DA COMUNIDADE DA COSTA DA LAGOA, ( LAGOA DA CONCEIÇÃO), FLORIANÓPOLIS, SC, BRASIL.”**

**EDUARDO DIAS**

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de

**MESTRE EM ENGENHARIA AMBIENTAL**

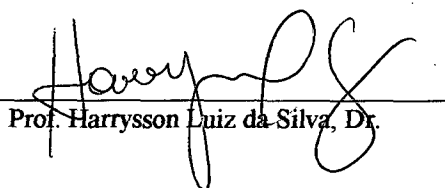
na Área de Uso e Proteção de Ambientes Costeiros.

Aprovado por:



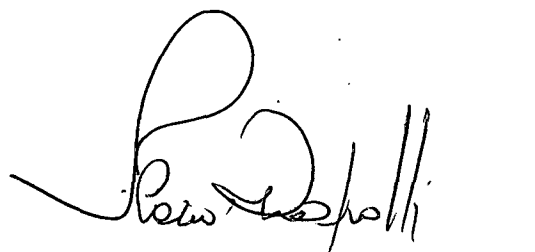
---

Prof. Érico Porto Filho, Dr.



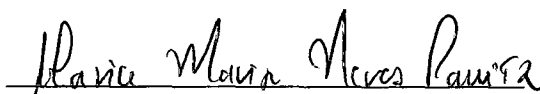
---

Prof. Harrysson Luiz da Silva, Dr.



---

Prof. Flávio Rubens Lapolli, Dr.  
(Coordenador)



---

Prof. Clarice Maria Neves Panitz, Dr.  
(Orientadora)

**FLORIANÓPOLIS, SC – BRASIL**  
**FEVEREIRO/2001**

## AGRADECIMENTOS

À Jeanete e Vitor, minha família, minhas estrelas... pela presença carinhosa em todos os momentos.

À professora Dr. Clarice Maria Neves Panitz, pela orientação segura, estímulo e amizade demonstrada durante todo o período.

Aos colegas de Laboratório, pelos momentos de atenção, discussão e apoio durante o desenvolvimento da pesquisa.

À comunidade da Costa da Lagoa, em especial nas pessoas da dona Bia, Tomásia, Seu Celso, Rose, Associação Comunitária e pescadores, pela disponibilidade, ensinamentos e amizade que extrapolaram o âmbito do trabalho.

Aos meus alunos do Colégio Estadual Henrique Veras, moradores da Costa da Lagoa, pela ajuda constante durante a pesquisa.

Aos meus pais, sogros e familiares pelo apoio e incentivo em todos os momentos

À Coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, pela dedicação.

*Eu não vi o mar.  
Não sei se o mar é bonito,  
não sei se ele é bravo.  
O mar não me importa.*

*Eu vi a lagoa.  
A lagoa, sim.  
A lagoa é grande  
E calma também.*

*Na chuva das cores  
da tarde que explode  
a lagoa brilha  
a lagoa se pinta  
de todas as cores.  
Eu não vi o mar.  
Eu vi a lagoa...*

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

Por sua formação histórica, o povoado da Costa da Lagoa é um dos últimos redutos com ricos elementos da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina. Sendo assim, este trabalho traça um perfil histórico sócio-ambiental da Costa da Lagoa.

A partir de questionários aplicados a comunidade, constatou-se que a qualidade de vida dos moradores da Costa da Lagoa melhorou consideravelmente nas últimas décadas. Os informantes atentam para as mudanças ocorridas na localidade (luz elétrica, posto de saúde, melhoria do caminho, etc.), além do aumento da escolaridade. Os resultados demonstraram que a comunidade da Costa da Lagoa, pode ser considerada uma comunidade tradicional, resultante da integração cultural, em uma condição histórico-social própria.

Na área econômica, o maior acesso à informação (educação), refletiu na melhoria da qualidade de vida desta comunidade, através da exploração sustentada dos espaços e recursos naturais de suas áreas. A pesca está deixando de ser a atividade principal, dando lugar ao turismo, esta atitude difere de outras comunidades pelo fato do turismo ser gerado por iniciativa dos moradores e não por investimentos externos, gerando um crescimento econômico da comunidade.

Uma forma de incrementar estas iniciativas é o estímulo ao surgimento de uma ação comunitária, desenvolvendo-se um trabalho de motivação e gestão sustentável, que objetivem a definição de modelos aplicáveis em situações similares e melhoria da qualidade de vida desta comunidade, através da exploração sustentada dos espaços e recursos naturais de suas áreas, a partir do conhecimento das técnicas tradicionais utilizadas pela mesma.

## ABSTRACT

For your historical formation, Costa da Lagoa village is one of the last redoubts with rich elements of the açoriana culture in Santa Catarina's island. Being thus, this work traces a profile historical partner-environment of Costa da Lagoa.

From questionnaires applied to the community it verified that the inhabitants life quality of Costa da Lagoa improved considerably in the last decades. The informers attend for the changes occurred in the place (electric light, health post, highway improvement, etc), besides the education increase. The results demonstrated that the community of Costa da Lagoa can be considered a traditional community, resultant of the cultural integration, in a historical-social condition property.

In the economic area, the biggest access to the information (education), reflected in life quality improvement of this community, through the exploration sustained of the spaces and natural resources of its areas. The fishing is letting of being the main activity, giving place to the tourism. This attitude differs of others communities by the tourism fact be generates for inhabitants' initiative and not for external investments, generating a community's economic growth.

A form of increasing this ones initiatives is the stimulus o the appearance of a community action, developing a motivation work and sustainable administration, that objectify the applicable models definition in similar situations and improvements of quality life of this community, through the exploration sustained of the spaces and natural resources of its areas, from the traditional techniques knowledge used by the inhabitants of Costa da Lagoa.

## SUMÁRIO

Índice de figuras

Índice de fotos

1. INTRODUÇÃO	01
2. OBJETIVOS	04
2.1. OBJETIVO GERAL	04
2.2. ESPECÍFICOS	04
2.3. JUSTIFICATIVA	05
3. MATERIAIS E MÉTODOS	08
3.1. Dados Sócio-econômicos e Históricos	08
3.2. Entrevista espontânea	09
3.3. O trabalho de campo	10
3.4. O tamanho da amostra	10
4. CONHECENDO A COSTA DA LAGOA	12
4.1. Área de Estudo	12
4.2. Aspectos Ambientais	17
4.3. Aspectos Geológicos	20
4.4. A População	23
5. UM POUCO DE SUA HISTÓRIA	26
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	41

6.1. O Turismo na Costa	70
6.2. Relato de Alguns Moradores	72
6.3. A Família e a Distribuição de Poder	76
6.4. Crenças	81
6.5. As Benzedeadas	86
6.6. As Parteiras	88
6.7. A Linguagem Oral	91
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7.1. Recomendações	97
8. BIBLIOGRAFIA	99



## ÍNDICE FIGURAS

01: Mapa de localização Geográfica da Bacia Hidrográfica e Costa da Lagoa, Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC	13
02: Mapa Geológico do quaternário da Lagoa da Conceição	22
03: Distribuição das ligações Elétricas residenciais na Comunidade da Costa da lagoa de 1991 a 2000	23
04: Mapa de localização dos sambaquis da Bacia da lagoa da Conceição	27
05: Divisão entre homens livres e escravos em 1810	37
06: Local de nascimento dos informantes	42
07: Resposta à pergunta se nasceu na Costa da Lagoa	43
08: Tempo de residência na Costa da Lagoa	43
09: Número de filhos que cada família entrevistada possuía	46
10: Cruzamento das questões idade com número de filhos	47
11: Situação de cada casa que a família mora	48
12: Material de construção da casa	50
13: Idade da residência da família	51
14: Número de cômodos das casas	54
15: Grau de alfabetização do PAI	56
16: Cruzamento das questões escolaridade do pai com sua idade	57
17: Grau de alfabetização da MÃE	58

18: Grau de alfabetização dos FILHOS	59
19: Profissão do PAI	60
20: Profissão da MÃE	61
21: Faixa salarial da família	62
22: Local que normalmente pesca	65
23: O que normalmente pesca	65
24: Cruzamento de onde pesca e se consegue viver da pesca	68
25: Local de comercialização do pescado	68
26: Reza contra bruxa	85
27: Linguagem típica coletada pelo autor, durante o período de pesquisa	92
28: Mapa da Trilha dos Macacos	Anexo 04
29: Mapa da Trilha de Ratores – Costa	Anexo 04
30: Mapa da trilha Monte Verde – Costa	Anexo 04
31: Mapa da Trilha Caminhos da Costa	Anexo 04

## ÍNDICE FOTOS

01: Caminho entre os núcleos	14
02: Caminho na Vila	14
03: Atracadouro de Floripinha no Centrinho da Lagoa – Freguesia	15
04: Baleeiras que fazem o transporte de pessoas	16
05: Vista aérea da Lagoa da Conceição	17
06: Detalhe da cobertura vegetal da Costa da Lagoa	18
07: Igreja da Costa da Lagoa	24
08: Peça para moagem da mandioca (engenho)	25
09: Parede dos fundos do engenho	35
10: Recipiente para a farinha, feito do tronco de garapuvu (engenho)	36
11: Barco decorado para a Procissão Marítima de Nossa Senhora dos Navegantes	41
12: Restaurantes da Costa da Lagoa	45
13: Restaurantes da Costa da Lagoa	45
14: Sobrado 17, com mais de 200 anos	49
15: Núcleo Vila Seca, mostrando o predomínio de casas de alvenaria	50
16: Casa mista	51
17: Construção típica da Costa da Lagoa, ressaltando a arquitetura açoriana	52
18: Construção típica açoriana	53
19: Pescador e seus utensílios de pesca. Em destaque a bernunça	67

20: Rancho de pesca com as canoas utilizadas para pesca na Lagoa da Conceição	69
21: Dona Tomásia e seu filho Alan. Ambos nascidos e moradores da Costa da Lagoa. Ele é a primeira geração da família a chegar ao ensino médio	73
22: Lagarto que a Dona Tomásia alimentava	73
23: Dona Bia	75
24: Rendeira Dona Maria	78
25: Seu César	89
26: Engenho da Costa da Lagoa	Anexo 04
27: Trilha Caminhos da Costa	Anexo 04
28: Rancho de pesca	Anexo 04
29: Vista do alto do Morro da Lagoa e Parque Florestal do Rio Vermelho	Anexo 04

## 1 – INTRODUÇÃO

Como professor do Colégio Estadual Henrique Veras (colégio situado na Lagoa da Conceição) no ensino médio, durante seis anos, tive um convívio com alunos de todas as localidades da Bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição. Este convívio mostrou-me as peculiaridades e realidade de cada comunidade. O Centrinho da Lagoa, com um comércio crescente e uma vida noturna invejável, o Canto da Lagoa, onde a especulação imobiliária é bastante forte, o Rio Tavares, que está deixando de ser uma área rural e sofre um processo de urbanização sem planejamento, a Avenida das Rendeiras onde ocorre uma luta acirrada entre casas X dunas, com larga vantagem para as dunas, que exigem de volta seu espaço, a Barra da Lagoa, onde os pescadores dividem seu espaço com turistas que descobriram o paraíso, e, por fim, a Costa da Lagoa, uma comunidade peculiar pelo seu modo de vida.

Com o passar do tempo, a Costa da Lagoa por sua beleza cênica, simplicidade de seus moradores, passou a centro de minhas atenções, pois, percebia a exploração imobiliária local e sentia a necessidade de preservar o único espaço ainda livre do turismo exploratório. Considerada, um dos últimos redutos de comunidade tradicional da Ilha de Santa Catarina, por manter ainda características próprias de organização social, a Costa da Lagoa localizada na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC tornou-se objeto deste estudo..

Conceitualmente, comunidade tradicional está essencialmente ligada à preservação de valores, de tradições, de cultura. Ao longo de sua história, o homem através de múltiplas experiências e situações vivenciadas, tem alcançado importantes conquistas que o fazem avançar. Porém, o ritmo das mudanças, tornam obrigatória a consolidação de certos valores, ou então, o resgate de valores hoje inexistentes no meio urbano, mas, conservados pelas comunidades tradicionais.

Na Costa da Lagoa, este modo de vida tradicional tem sido mantido por várias gerações e pelos diversos ciclos econômicos que a comunidade tem passado no decorrer de sua história. Nas últimas décadas, o turismo tornou-se a nova força econômica local, sendo os principais atrativos da comunidade, suas características peculiares, o belo espelho de sua lagoa, a temperatura agradável da água nos meses de verão, a luxuriante Mata Atlântica e a fauna e flora exuberante.

Considerada a atividade econômica que mais cresce no mundo, o turismo pode fixar o homem à sua terra, além de melhorar a infra estrutura local, se revelar como um estímulo à capacitação profissional e proteger o patrimônio natural, histórico e social dos lugares onde se estabelece. Esta mesma atividade, entretanto, quando praticada de forma não controlada, pode trazer a depredação de recursos naturais, a descaracterização de culturas específicas gerando marcas indelévels para as comunidades, a expulsão do morador de sua própria terra e significativos impactos ambientais. Por este motivo é que, dentro deste amplo campo acima citado, defenderemos a prática do turismo sustentável com base local, considerando-se a população, aproveitando as condições naturais como atrativos com os cuidados necessários para evitar a sua degradação.

A presença de comunidades socialmente bem estruturadas e com atividades adequadas para seu ecossistema, maximizam os resultados, o seu potencial de conservação, e minimização dos impactos causados no mesmo.

Segundo a “União Mundial pela Conservação”, a qualidade de vida das comunidades tradicionais depende da exploração sustentada dos espaços e recursos naturais de suas áreas tradicionais de uso sócio-cultural e econômico.

Inserida em um contexto amplo, que visa contribuir com uma das etapas do desenvolvimento sustentado na Bacia da Lagoa da Conceição, e conseqüentemente para a comunidade da Costa da Lagoa. Este estudo se propõe a apresentar um perfil sócio-econômico, histórico e cultural da comunidade da Costa da Lagoa contribuindo para um projeto integrado de gerenciamento da Bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição.

A Costa da Lagoa destaca-se pela sua riqueza cultural e ambiental, porém a manifestação humana caracteriza-se por um intenso uso das terras. Uma forma de equacionamento desta problemática é o estímulo ao surgimento de uma ação comunitária, desenvolvendo-se um trabalho de motivação e gestão sustentável. A desatenção para alguns destes aspectos, poderá levar ao desaparecimento destas raízes histórico-culturais, de profunda importância.

## **2. OBJETIVOS:**

### **2.1. OBJETIVO GERAL:**

Elaborar o perfil sócio-econômico e cultural da Comunidade da Costa da Lagoa, ressaltando aspectos históricos e ecológicos.

### **2.2. ESPECÍFICOS:**

- Verificar o modo de vida dos moradores, suas crenças, festas, linguagens e cultura;
- Identificar a interação entre a comunidade e o meio físico, levando-se em conta seus aspectos histórico-culturais;
- Identificar o grau de educação da comunidade e identificar suas atividades econômicas;
- Gerar informações que possibilitem outros pesquisadores, monitorar os recursos naturais renováveis e não renováveis e meio ambiente.



### **2.3. JUSTIFICATIVA:**

As populações pesqueiras artesanais ao longo do litoral brasileiro, as metrópoles e cidades litorâneas em fase de contínua expansão, o desmatamento contínuo da mata atlântica, a poluição dos estuários necessitam de planos de gestão efetivos e de ações que sejam desenvolvidas de acordo com a realidade dos problemas que ali são encontrados.

Estes problemas começaram a serem discutidos com mais afinco no Brasil, a partir do Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro (PNGC), que atualmente é supervisionado pelo Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal e coordenado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, sendo implantado com a promulgação da Lei nº 7.661 de 16 de maio de 1988.

Desde então, o Gerenciamento Costeiro passou a ser um importante instrumento de gestão, fazendo parte integrante da Política Nacional do Meio ambiente - PNMA e visa essencialmente “a orientar a utilização racional dos recursos na zona costeira, de forma a contribuir para elevar a qualidade de vida de sua população e a proteção do seu patrimônio natural, histórico, étnico e cultural”.

Este plano fica consolidado e ratificado na AGENDA 21, promulgada no Rio de Janeiro em 1992, onde em seu capítulo 17, trata da “Proteção de oceanos, de todos os tipos de mares”. Neste capítulo, é dada atenção ao gerenciamento integrado e desenvolvimento sustentável das zonas costeiras, inclusive zonas econômicas exclusivas.

Os instrumentos do Gerenciamento Costeiro são o Zoneamento Ecológico-Econômico, o Monitoramento Costeiro, o Sistema de Informação do Gerenciamento Costeiro (SIGERCO), os Planos de Gestão e outros.

Apesar do programa catarinense ter evoluído muito nos últimos anos, verifica-se ainda no programa de gerenciamento costeiro do estado, que desde o início este concentrou-se na elaboração de mapas utilizando-se do Sistema de Informações Geográficas. Valia a tese de que primeiramente era necessário mapear o máximo possível o setor litorâneo, para então iniciar a ação propriamente dita. Este processo foi custoso e oneroso, e os resultados práticos até o momento ainda são insuficientes para um programa de gerenciamento costeiro que iniciou desde a implantação do programa nacional. POLLETE (1993)

Sendo o objetivo principal deste trabalho “elaborar o perfil sócio-econômico e cultural da Comunidade da Costa da Lagoa, ressaltando aspectos históricos, e ecológicos”, indo de encontro com Zoneamento Ecológico-Econômico do Gerenciamento Costeiro, pretende-se dar uma contribuição para o GERCO-SC, sendo esta mais uma fonte de dados para o planejamento futuro da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição.

Segundo XAVIER (1993), os problemas de gerenciamento costeiro não devem ser examinados somente do ponto de vista ecológico, mas também do ponto de vista econômico e tratados como problemas comuns de economia. A própria qualidade ambiental seria um produto econômico, à semelhança de qualquer outro, e sua produção teria um custo seja em termos de exploração cessante seja de controle e monitoramento.

A Costa da Lagoa, inserida entre a Lagoa da Conceição e a Mata Atlântica, com tradição nas atividades agrícolas, pesqueiras e grande interação com o meio-ambiente, desperta para o desenvolvimento econômico da comunidade, através do comércio e turismo, que, se não bem planejado, colocará fim as suas características peculiares e diminuirá a renda dos moradores.

Dentro o contexto do gerenciamento costeiro, o Curso de Mestrado de Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina, através da área de

concentração Uso e Proteção de Ambientes Costeiros abre espaço para desenvolver este trabalho, no intuito de se buscar um plano de ação futuro no desenvolvimento de nossos potenciais turísticos e manter as comunidades tradicionais.

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS:**

Para elaborar o perfil sócio-econômico e cultural da população residente na Costa da Lagoa, utilizou-se técnicas de trabalho de campo e de aplicação de um questionário.

Em relação a qualificação dos dados, CASTRI (1978) recomenda a não utilização exclusiva dos métodos quantitativos sugerindo que através dos qualitativos possam ser alcançados fatos e processos merecedores de atenção. NORDI (1992), combina métodos qualitativos e quantitativos por acreditar na complementaridade e maior atenção à complexibilidade das relações humanas com o meio ambiente.

Assim, com metodologia, lançou-se mão de técnicas de observação direta como sugerido em STEBBINS (1987), isto é, técnica do observador participante não-membro, além de questionários abertos e entrevistas livres. Quanto as metodologias, foram utilizados, a partir de formulários e questionários estruturados (anexo 01).

#### **3.1. Dados Sócio-Econômicos e Históricos**

##### **▣ Elaboração do Questionário**

O levantamento foi implementado a partir da elaboração de um questionário direto, cujas respostas, na sua maioria, foram apresentadas na forma aberta, para deixar o entrevistado mais livre para responder.

O questionário foi subdividido em três subitens: Aspectos Sociais

(contemplando família e residência), Aspectos Econômicos (pesca e comércio) e Histórico-Cultural.

### ✧ **Aplicação do Questionário**

Foram aplicados inicialmente 4 questionários para teste e correções. O preenchimento dos formulários foi efetuado através da visita às residências dos moradores e aos ranchos de pesca, na ocasião em que os pescadores preparavam o material para a pesca ou faziam pequenos reparos.

A escolha dos entrevistados foi de forma aleatória, caso alguma das casas escolhidas estivessem vazias, procurava-se a vizinha.

O critério empregado para verificar se o número de questionários preenchidos representavam amostras significativas, considerou a condição de que o número de formulários preenchidos fosse igual ou superior a 30 % do total de chefes de família residentes na comunidade. As residências de veranistas (14 % das residências) não foram consideradas, devido a dificuldade de localizar seus proprietários e ao fato de que estes não participam das decisões da localidade.

A aplicação do questionário foi realizada entre os meses de Março à Maio de 1999.

### **3.2. Entrevistas espontâneas**

Para complementar os dados dos questionários, em Outubro e Novembro de 1999, foram realizadas algumas visitas às pessoas mais idosas e pescadores da comunidade para obter informações mais detalhadas de alguns tópicos do questionário e fotografar as pessoas e a localidade.

### 3.3 O Trabalho de Campo

Foram realizadas aproximadamente dezesseis saídas de campo; 02 para reconhecimento geral da área, 10 para aplicar os questionários e 04 para conversas informais com os moradores.

A aplicação dos questionários permitiu conhecer a “realidade” do meio físico e humano (aspectos econômico-sociais); as conversas informais nos levaram a viajar pelos caminhos descritos por nossos informantes.

### 3.4. O Tamanho da Amostra

Segundo dados da CELESC, Setor de Ligações Residenciais, em fevereiro de 1999 haviam 278 ligações residenciais, das quais 239 residentes e 39 de veranistas.

Para fins estatísticos, as 97 entrevistas realizadas, representam 40,6 % da população total.

BARBETA (1999:176) coloca como estimativa do erro amostral ( $S_p$ ), quando a população é pequena, a seguinte fórmula:

$$S_p = \sqrt{\frac{P \cdot (1-P)}{n}} \cdot \sqrt{\frac{N-n}{N-1}}$$

Onde: P = proporção de elementos com o atributo, dentre os que serão observados na amostra. Para este valor foi estipulado 93 %, que é a percentagem de moradores da Costa da Lagoa, que nasceram na comunidade.

N = população total

n = tamanho da amostra

Assim tem-se:

$$S_p = \sqrt{\frac{0,93 \cdot (1-0,93)}{97}} \cdot \sqrt{\frac{239-97}{239-1}}$$

$$S_p = 2,0011$$

Para se obter um nível de confiança de 95 %, usa-se o fator de correção de 2,262, donde pode-se calcular o erro máximo possível,  $S_p = 4,5$  ( $2,0011 \times 2,262$ ). Então, tem-se o erro amostral de  $\pm 4,5$  para o intervalo de 95 % de confiança

## 4. CONHECENDO A COSTA DA LAGOA

### 4.1. ÁREA DE ESTUDO:

Segundo RODRIGUES (1990) *in* PORTO FILHO (1993), a bacia hidrográfica da Lagoa da Conceição apresenta uma área de 80.23 km<sup>2</sup>, incluindo o corpo lagunar. Deste total, as áreas de mata atlântica ocupam 20.58 km<sup>2</sup>; pastagens e culturas, 25,0 km<sup>2</sup>; dunas móveis, 1.59 km<sup>2</sup>; reflorestamentos, 6.23 km<sup>2</sup>; área urbanizada, 4.25 km<sup>2</sup>; queimadas 0.56 km<sup>2</sup>; e vegetação de praias, dunas e restingas, 1.93 km<sup>2</sup>. Assim, o solo ocupado totaliza uma área de 60.14 km<sup>2</sup> e o corpo lagunar, 20.09 km<sup>2</sup> incluindo o canal de ligação com o mar.

A Costa da Lagoa, comunidade da Bacia da Lagoa da Conceição, localiza-se na porção noroeste da mesma, entre as coordenadas de 27°34'LS e 48°27' LW, estende-se por 3,5 km em sentido norte sul (figura 01).

Segundo PORTO FILHO (1993), na região onde esta localizada a Costa da Lagoa (Isoterma de 20°C), a temperatura do ar, apresenta uma amplitude de variação anual da média compensada de 7,1°C e diária de 4,5°C (INEMET, 1931-1997).

Os aportes de água doce são provenientes de precipitações pluviiais regulares diretas ou indiretas, resultantes da ação do escoamento superficial e da drenagem dos córregos na margem oeste (DUTRA, 1991).

Situada no Distrito da Lagoa da Conceição (Figura 01), a comunidade da Costa da Lagoa, sofre um processo de integração com o centro urbano, diferenciado das demais comunidades do Interior da Ilha. Ao contrário de outros núcleos do interior da Ilha, a Costa da Lagoa, não recebeu um acesso para veículos,



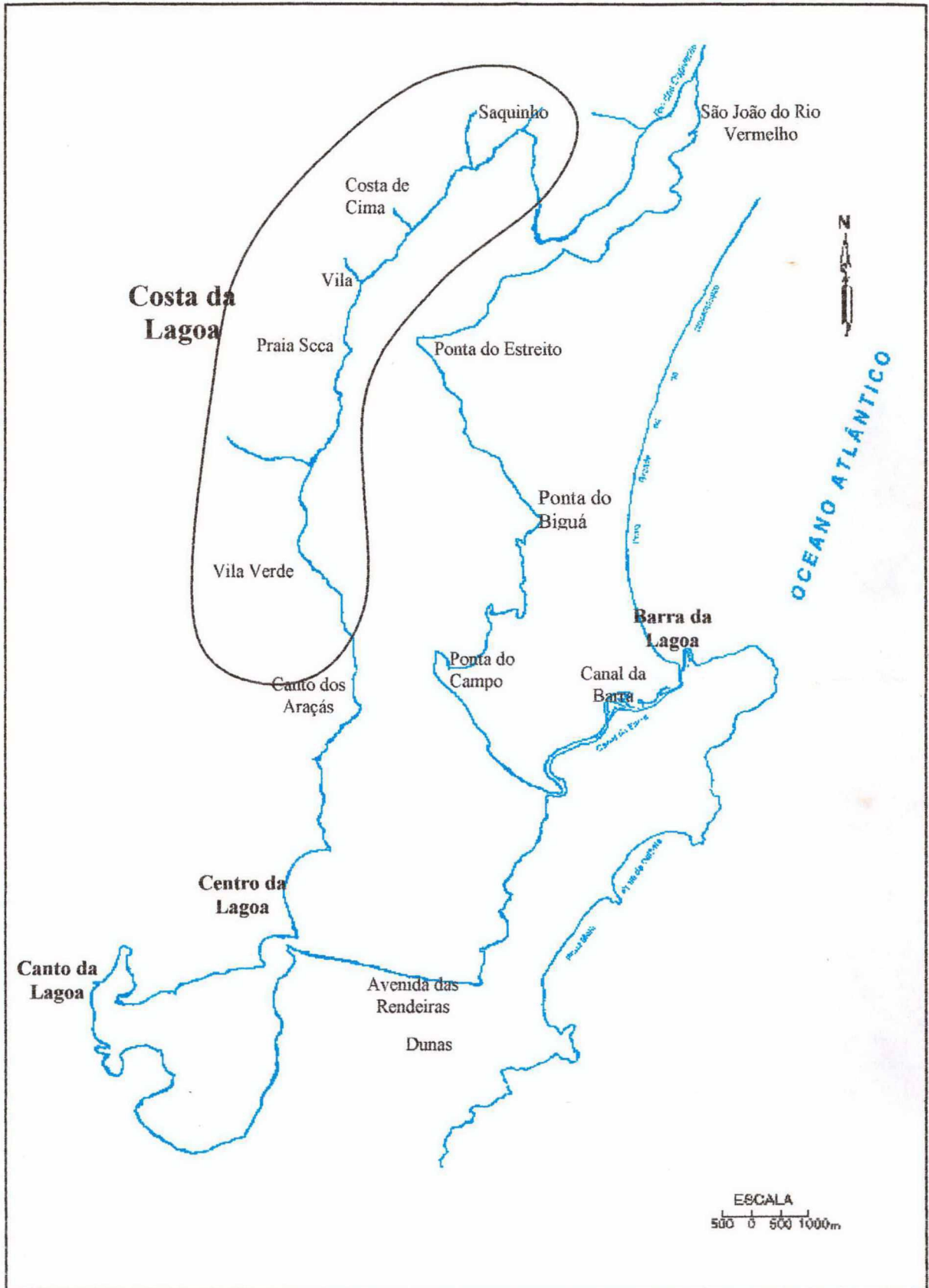


Figura 01: Mapa de localização da Costa da Lagoa. Fonte: Adaptado de VIEIEIRA, 1998.

sendo que a comunicação é feita por via lacustre e dois caminhos rudimentares: um que parte do Distrito de Rationes, passando pelo morro até alcançar o vilarejo e outro tradicionalmente conhecido como, o principal acesso para a Costa da Lagoa, que parte do fim da estrada que leva ao Canto dos Araçás, na Lagoa da Conceição, até alcançar o vilarejo.

Entre os núcleos que a população costense está dividida, foi melhorada a trilha, com material cedido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, sob regime de mutirão, objetivando facilitar o deslocamento dentro da comunidade, principalmente, das crianças em dias de chuva. (fotos 01 e 02)



Fotos 01 e 02: Caminho entre os núcleos (direita) e na Vila (esquerda). Fonte: DIAS, 1999

O transporte principal é realizado por meios de baleeiras adaptadas ao transporte de pessoas (foto 03). Há dois pontos que os moradores e turistas podem pegar as baleeiras: O primeiro, e mais utilizado, é no Centrinho da Lagoa (foto 04), onde sai o “Floripinha” (embarcação) de hora em hora. O segundo é na frente da

Comunidade da Costa da Lagoa, em sua margem oposta, no Rio Vermelho. Este ponto é mais utilizado nos finais de semana, pelos turistas, e durante a semana é utilizado como ponto de abastecimento dos bares e restaurantes e partida para transporte de material de construção.

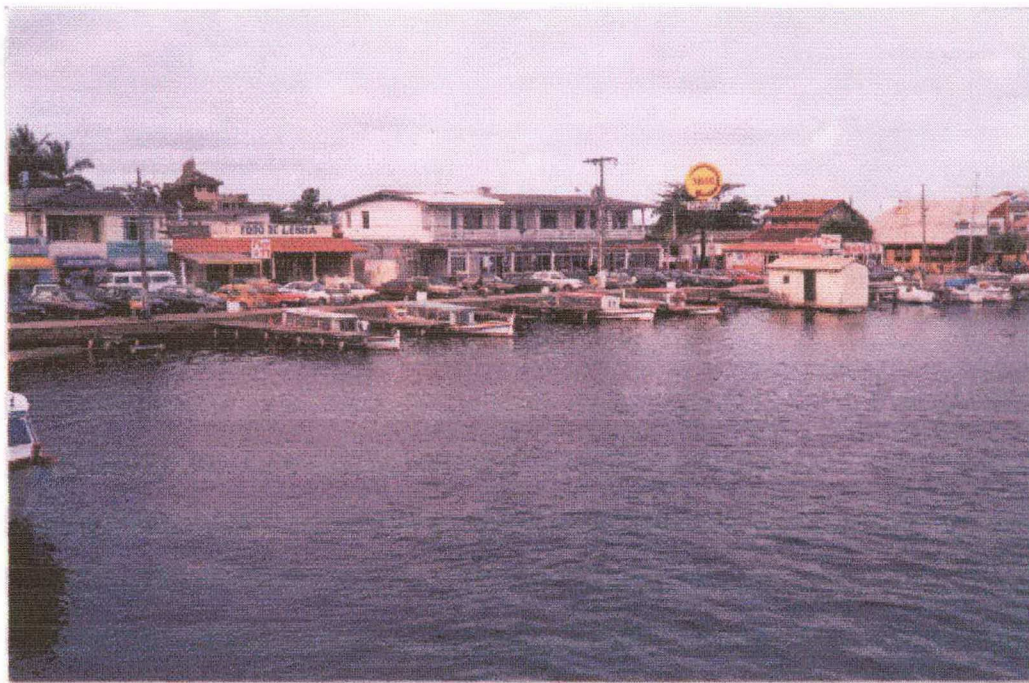


Foto 03: Atracadouro de Floripinha no Centrinho da Lagoa – Freguesia. Fonte: DIAS, 1999

Para os moradores da comunidade, o transporte faz parte de suas vidas, interligando a cidade e seu “lugar”. Como diz Dona Zália Laureano, 72 anos, “*a vida está mais fácil hoje, o transporte muito melhor, antes só tinha canoa*”. Além deste fato, o transporte passou a ser um meio de subsistência de muitos moradores que se tornaram barqueiros.

Cada ponto tem sua própria cooperativa, com uma média de 40 sócios em cada uma, sendo todos costenses.



Foto 04: Baleeiras que fazem o transporte de pessoas. Fonte: própria

## 4.2 - ASPECTOS AMBIENTAIS:

### 4.2.1 – Fauna e Flora:

Paisagisticamente, o cenário é composto pela tranquilidade das águas da Lagoa, em conjunto com o verde das montanhas que a circundam, de um lado e, de outro pela restinga que a separa do mar (Foto 05).



Foto 05: Vista aérea da Lagoa da Conceição. Fonte: Porto Filho

A flora local, razoavelmente recuperada após anos de exploração agrícola, é representativa da Floresta Tropical Atlântica, apresentando espécies e tamanhos diferenciados: árvores, arvoretas, arbustos e herbáceas, acompanhada de uma grande quantidade de epífitas, destacando-se as samambaias, bromélias, filodendros e cipó São João.

Fruto desta razoável cobertura vegetal, a região é relativamente rica em

em mananciais de água, com possibilidade de abastecer as necessidades da comunidade.



Foto 06: Detalhe da cobertura vegetal na região das encostas da Costa da Lagoa.  
Fonte: DIAS, 1999.

A fauna é marcada pela presença de aves aquáticas, como as gaivotas, tesourões, martins-pescadores, etc... Abrigados na mata encontram-se ainda, sabiás, anus e bem-te-vis. Mais raros são os mamíferos como o tatu, mico-preto e roedores.

As águas da Lagoa, na sua maior extensão ao longo da Costa, apresentam aspectos cristalinos e possuem, ainda, uma grande variedade de peixes, dos quais os moradores se alimentam e cujo excedente é comercializado nos diversos restaurantes distribuídos pela Costa da Lagoa.

AGUIAR *et al* (1994 e 1995) observaram a ocorrência e distribuição de peixes da família sciaenidae como papa-terra, corvina, castanha riscada e de hemulideos (cocoroca) na Lagoa da Conceição. Os autores sugerem que a lagoa seja

um criadouro natural de sciaenideos.

SIERRA DE LEDO (1990) registra a presença abundante de peixes, principalmente, das famílias aterinidae e clupeidae (peixe-rei e sardinha) e grande diversidade de larvas e juvenis migrantes, incluindo mugilideos (tainhas), portunideos (sirís) e peneideos (camarões) que utilizam a área como berçário.

RIBEIRO *et al* (1997) relaciona 74 espécies de peixes estuarinos e marinhos. Predominam as famílias carangideos (xeréu, xerelete, guaivira, peixe-galo, semambiguara, pampo), gerreideos (carapeba, carapicú), gobideos (emborê, maria-da-toca), sciaenideos (corvina), engraulideos (manjuba), mugilideos (paratis, tainha) e atherínideos (peixe-rei).

A importância que tem as lagoas costeiras de água salobra como ecossistema é incalculável, podendo destacar que é berçário natural de espécies exploradas pela pesca. Cada desova de camarão pode variar em número de 300.000 a 1.000.000 de ovos. "Segundo estatísticas da SUDEPE, a produção de camarões, sirís e peixes nas lagoas de Santo Antônio, Mirim e Imaruí chega a 1.500.000 Kg (peixe) e 4.500.000 Kg (sirí e camarão) ao ano. Estes dados podem nos dar uma idéia da importância que tem a Lagoa da Conceição como viveiro"(IPUF, 1991).

Com o conhecimento do ciclo biológico da tainha e do camarão, concluiu-se que o ambiente de águas salobras é fundamental para o desenvolvimento dos espécimes. Isto quer dizer, qualquer mudança nestes ambientes comprometerá a fauna e a produção pesqueira na região costeira (SORIANO-SIERRA, 1990).

### 4.3 - ASPECTOS GEOLÓGICOS

Basicamente a Ilha de Santa Catarina é constituída por terrenos cristalinos antigos e por sedimento de formação quaternária os quais fazem parte de duas extensas unidades geomorfológicas denominadas Serras Litorâneas e Planícies Costeiras respectivamente. A Serra Litorânea que atravessa a Ilha na sentido NNE e SSW (CECCA, 1997).

As Planícies Costeiras que margeiam a Lagoa da Conceição, portanto do lado oposto à Serra Litorânea, fazendo a divisão entre a Lagoa e o mar, possuem altitude de 6 a 10 metros, com vegetação variando de restingas a dunas. (Figura 02)

Estas planícies, de acordo com PORTO-FILHO (1993) tiveram início a aproximadamente 120.000 anos, no pleistoceno, devido a existência de ilhas graníticas costeiras. Estas ilhas, permitiram o desenvolvimento de ilhas barreiras e ocasionaram a formação de terraços marinhos, que, com a ação eólica e das correntes, gerou a formação de dunas. Estes movimentos geraram, a aproximadamente 2.500 anos, a configuração da atual planície costeira, criando assim a Lagoa da Conceição.

Ainda de acordo com CECCA (1997), a região da Costa da Lagoa, está inserida dentro do setor centro-norte da Serra Litorânea, onde a altitude máxima de 493 m deste setor, é atingida no Morro da Costa da Lagoa. Sendo assim, a comunidade da Costa da Lagoa está situada nas encostas da Serra Litorânea, local com alto declive.

Segundo MUEHE & CARUSO GOMES Jr, (1983) (*in* PORTO FILHO, 1993), o fundo lagunar apresenta um perfil assimétrico, influenciado pelas elevações cristalinas, onde o fundo aparece abrupto com profundidade de até



8,7 metros, num canal na área norte da Lagoa da Conceição. A profundidade média da Lagoa é de 1,7 m, sendo que aproximadamente 44 % do fundo lagunar apresenta profundidade acima de 4,0 m, enquanto 29 % tem menos de 1,0 m.

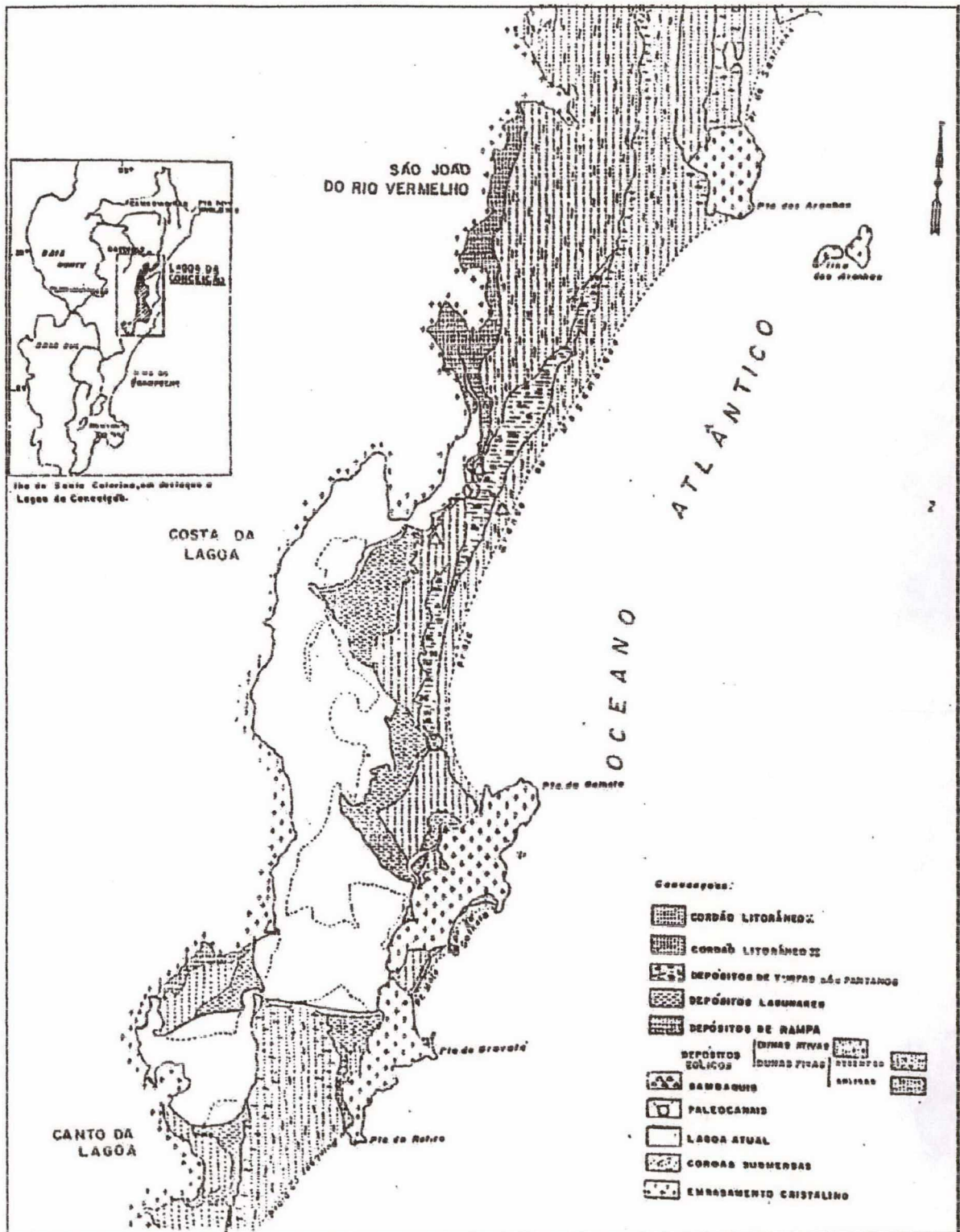


Figura 02: Mapa geológico do quaternário da Lagoa da Conceição e regiões adjacentes. Extraído PORTO-FILHO (1993).

#### 4.4 – A POPULAÇÃO:

A população da Costa da Lagoa possui 318 ligações elétricas (dados obtidos pelo autor em 14/nov./2000) com a Centrais Elétricas do Estado de Santa Catarina – CELESC, companhia responsável pelo fornecimento de energia elétrica a comunidade. Deste total, 258 ligações são residenciais, 42 de veranistas 14 comerciais e 4 industriais (Figura 03).

Data da obtenção dos dados	Ligações de residentes	Ligações de veranistas	Total de ligações residenciais	Dados obtidos por:
1991	97	26	123	LAGO (1996)
Fev/1999	239	39	278	O autor
Nov/2000	258	42	300	O autor

Figura 03: Distribuição das ligações elétricas residenciais na comunidade da Costa da Lagoa de 1991 a 2000, tendo como fonte o Setor de Ligações Residenciais da CELESC.

Avaliando-se a projeção estatística do IBGE de 1998, constatou-se que a média brasileira é de 4,19 moradores por domicílio, a média estadual é de 4,02 moradores, partindo-se destes dados, projetou-se para a Costa da Lagoa, que possui 258 residências, um total aproximado de 1.027 habitantes. Tais dados inexistem com precisão, pois, a Costa ainda não foi recenseada como localidade separada da Lagoa da Conceição.

A comunidade está distribuída em quatro pequenos núcleos ao longo da Costa. Este núcleos são: “os irmãos”, assim chamado por todos serem irmãos, atualmente denominado “Vila Verde”, é o primeiro grupamento por quem se dirige à Costa de Cima. A “Praia Seca” assim chamada por não haver córrego de água nas

proximidades, tendo esta que ser trazida por mangueiras de um córrego distante 1.000 metros do local. A “Vila” onde se encontram as vendas, o posto de saúde, a escola e a igreja (Foto 07), além a maior concentração de casas e, finalmente, localizados de forma dispersa pela “Costa de Cima” encontram-se algumas casas (Figura 01).

Após visita “in loco” em julho/2000, constatou-se que a comunidade conta com alguns estabelecimentos comerciais. A Vila Verde possui um restaurante, um bar, um caldo de cana e um engenho comunitário (Fotos 08, 09 e 10). A Vila Seca possui 2 restaurantes e a Vila, 8 restaurantes, 2 vendas, 1 mercearia, 2 lojas de artesanato e um cabeleireiro unissex. Vale salientar que todos os estabelecimentos comerciais são de propriedade de moradores da comunidade. O restaurante “La Costa” é o mais antigo da comunidade, foi inaugurado em 1981, com funcionamento a bateria, visto que a luz só chegou na comunidade no segundo semestre do ano seguinte.

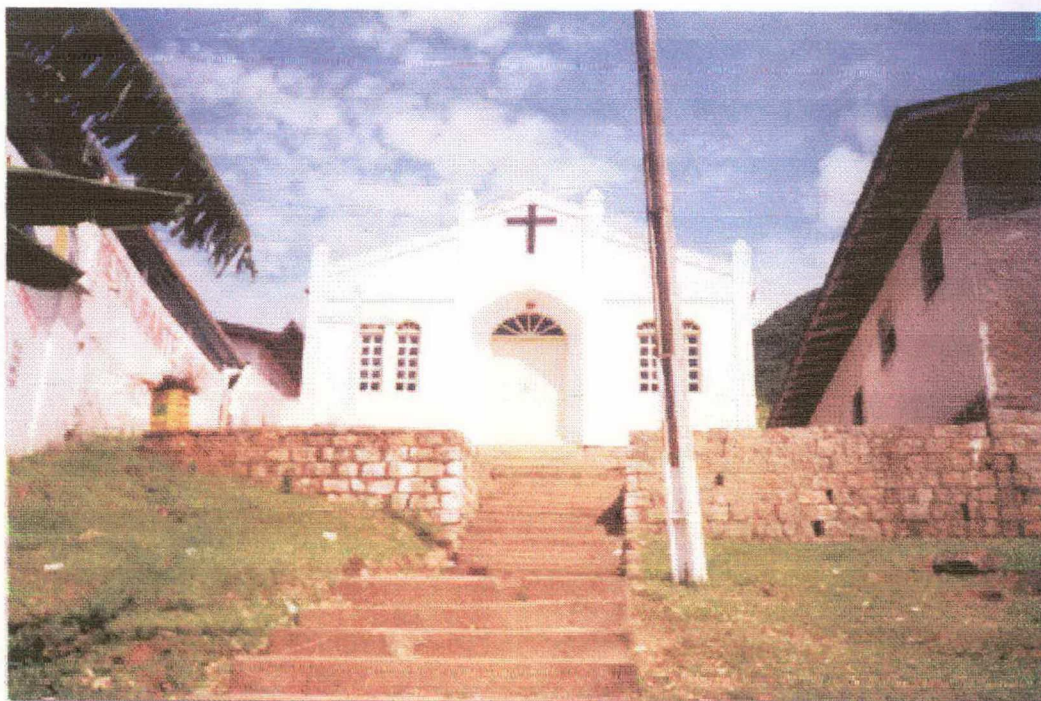


Foto 07: Igreja da Costa da Lagoa. Fonte: DIAS, 1999.

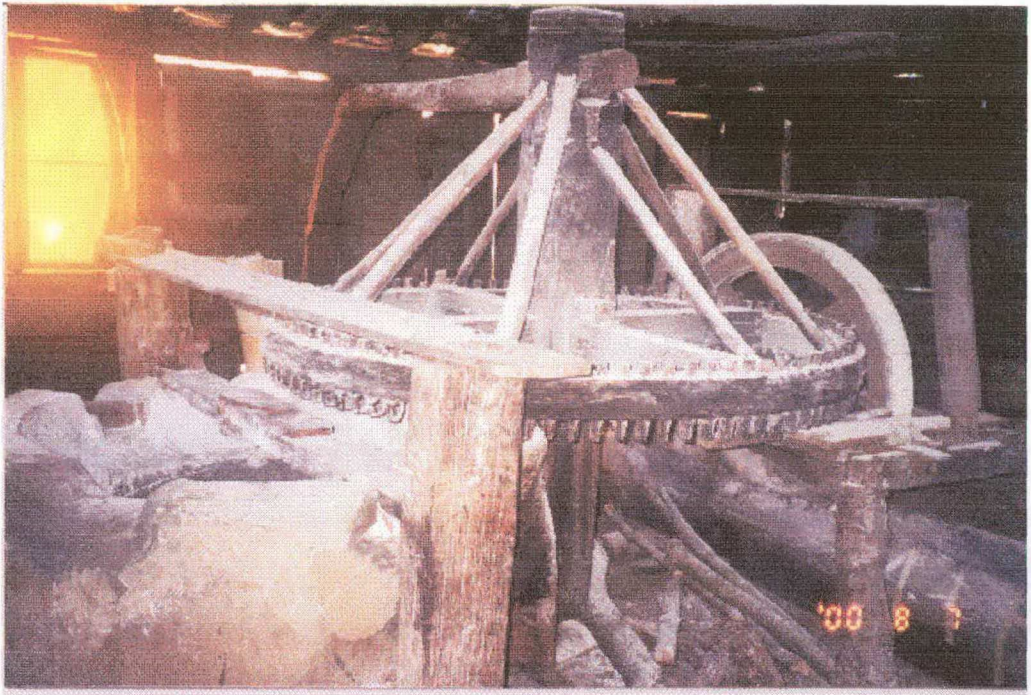


Foto 08: Peça para moagem da mandioca do engenho comunitário.  
Fonte: DIAS, 1999.

Com isto, percebe-se dois fatos, a “Vila” como centro da comunidade e o grande investimento da comunidade em relação ao turismo, pois, todos os restaurantes surgiram nos últimos 20 anos.

A população é assistida por um médico diário, no posto de saúde localizado próximo à escola. Possui também, um consultório odontológico, bem equipado, porém, existe a falta de dentista. Vários foram os apelos feitos pela comunidade e pesquisador deste trabalho à Prefeitura, porém, nada foi obtido até a presente data.

O homem Costense, deve ser entendido como *subdesenvolvido* em avanços tecnológicos, pois mantém seu modo de vida simples, apegado aos afazeres da pesca e do lar, mas não desprovidos de conhecimento e percepção das leis da natureza e dos ciclos de vida das diferentes espécies. Este conhecimento é percebido na medicina alternativa, tão presente na cultura popular local.

## 5. UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

A presença humana na Ilha de Santa Catarina é relativamente recente: 5.000 anos, quando comparada à idade dos primeiros habitantes do continente americano, aproximadamente 30.000 anos (CECCA, 1997:31).

De acordo com ROHR (1984), estes primeiros habitantes, viviam nas planícies sedimentares do litoral, junto às lagoas, lagunas e desembocadura dos rios, zonas ricas de peixes, moluscos e crustáceos, os quais, a lado da caça e de frutas silvestres, constituíam sua principal alimentação. Consumiam os moluscos, amontoavam as cascas e moravam sobre as mesmas; porque constituíam um lugar seco na planície úmida. Desta maneira, geração após geração e, muitas vezes, povo após povo, ocupando o mesmo monte de conchas, durante milênios, dava-lhe alturas fantásticas, com centenas de metros de comprimento, tornando-se assim, locais seguros e estratégicos de onde avistavam o mar e a terra.

Tais casqueiros são chamados de sambaquis, palavra de origem guarani, que significa “monte de conchas”. Na Ilha de Santa Catarina até 1989, foram registrados e estudados 120 sambaquis, o que segundo alguns pesquisadores, significa apenas 20% do número real de sambaquis existentes (CECCA, 1997:31).

Um dos poucos pesquisadores de Sambaquis do litoral catarinense, o Pe. João Alfredo Rohr, S.J. relata em ROHR (1984:80) que muitos sambaquis foram destruídos e que somente após 1961, com a lei nº 3924, estes vieram a ser preservados. A destruição vinha com a fabricação de cal e

*As prefeituras municipais e os departamentos de estrada e rodagem compactavam o leito das estradas com conchas de sambaquis. A antiga estrada da Base Aérea de Florianópolis e outras estradas do interior da Ilha de Santa Catarina foram construídas com conchas de sambaquis.”*

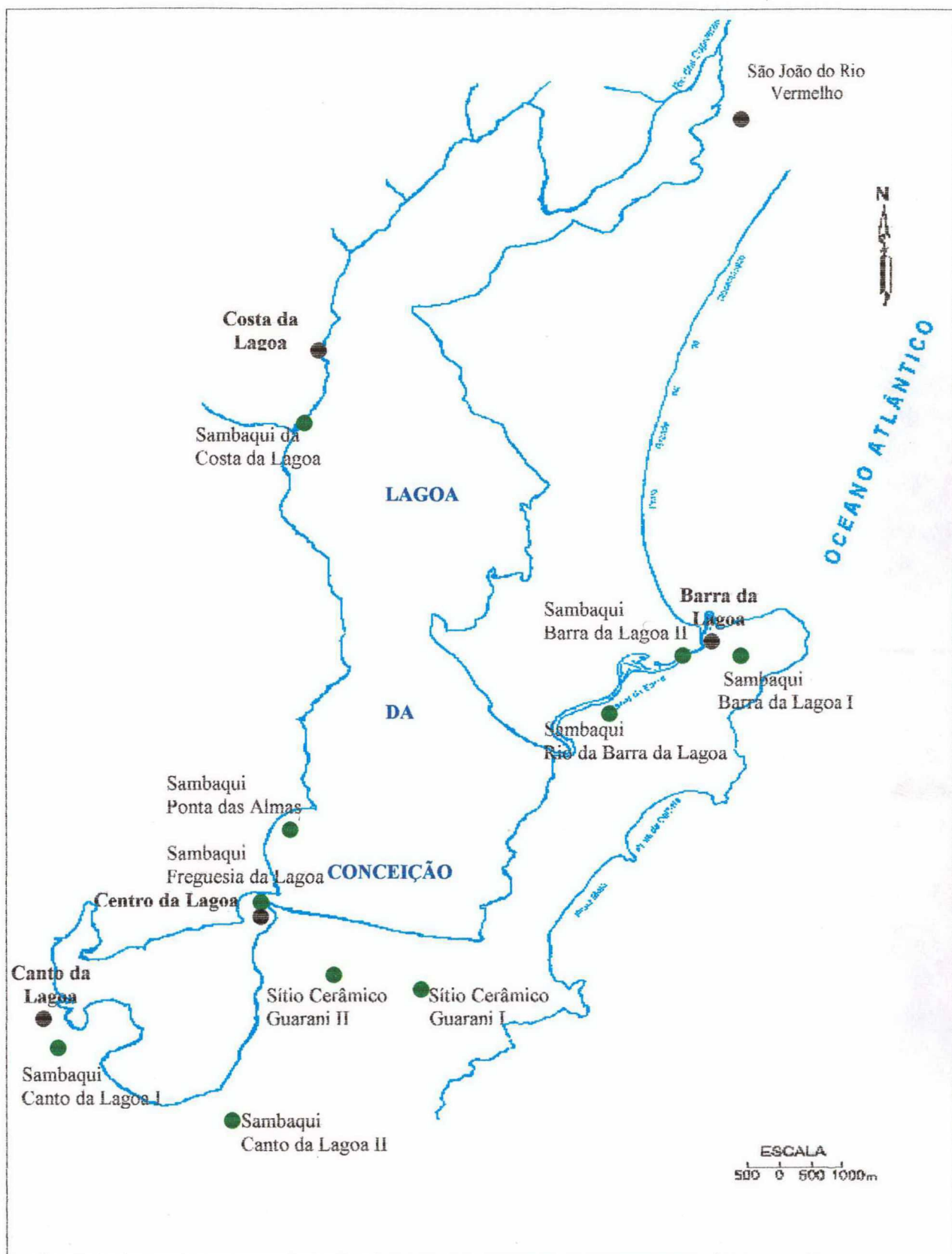


Figura 04: Mapa de localização dos sambaquis da Bacia da Lagoa da Conceição. Fonte: Adaptado de VIEIRA, 1998.

Na Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição temos registrados 10 sambaquis ( Figura 03), de acordo com o ROHR *op. cit.*, descritos no Anexo 01.

Sinais da presença dos itararés, foram encontrados nas camadas mais altas dos sambaquis, sendo provavelmente o segundo grupo humano a ocupar a ilha. A evidência arqueológica mais antiga do novo povo é do século X.

ROHR (1984) coloca que os itararés conheciam a cerâmica, faziam objetos para uso nas atividades cotidianas e urnas funerárias. Uma prática que também existiu entre os ameríndios guaranis, os chamados carijós. Tal grupo migrou para a ilha no século XIV, aproximadamente duzentos anos antes da chegada dos primeiros europeus. Foram os carijós que ocuparam mais densamente a ilha, com aldeias com trinta a oitenta habitações. Viveram em lugares arenosos e com dunas. Acredita-se que esta opção se deu por causa do cultivo da mandioca, que adaptou-se muito bem a este tipo de solo.

Para os carijós a Ilha denominava-se Meimbipe, que Evaldo Pauli *in* CECCA *op. cit.* traduziu do tupi como “montanha ao longo do canal”, esta era a visão que os índios tinham do continente.

Ainda conforme CECCA *op. cit.*, destaca que, a partir da metade do século XVI, com o início das conquistas européias, começa a haver tráfego de navios na ilha. Apesar de não ter a ilha como destino final, ela possui as baías com mar calmo, tornando-a um porto de apoio para manutenção das embarcações. Com o movimento de europeus, os índios começam a procurar lugares mais afastados ou até mesmo fora da ilha.

Nos séculos seguintes, começa a aumentar o tráfego de transeuntes estrangeiros e conseqüentemente a fixação de algumas famílias na ilha. De acordo com CECCA *op. cit.*, os carijós deixaram a ilha provavelmente ter sido resultado de uma ação defensiva, pois os europeus cada vez mais ocupavam o território.

Em pesquisa bibliográfica realizada nos poucos relatos sobre os índios e a vida em Florianópolis, como PALMA DE HARO (1996), CABEZA DE VACA



(1987) e CABRAL (1979), chama a atenção do relato de Amédée François Frézier in PALMA DE HARO (1996:23 e 24), que aportou na Ilha de Santa Catarina em 1712, a Ilha

*“é uma floresta contínua de árvores verdes o ano inteiro, não se encontrando nela outros sítios praticáveis a não ser os desbravados em torno das habitações, isto é, 12 ou 15 sítios dispersos aqui e acolá à beira mar nas pequenas enseadas fronteiras à terra firme. Embora não paguem tributo algum ao Rei de Portugal, são seus súditos e obedecem ao Governador ou Capitão que é nomeado para comanda-los em caso de guerra contra os inimigos da Europa e os índios do Brasil, com os quais andam quase sempre em guerra; de sorte em quando penetram na terra firme, que não é menos tomada de florestas que a ilha, não ousam fazê-lo em grupos menores de 30 ou 40 homens juntos e bem armados.*

*Este Capitão, cujo comando não passa ordinariamente de três anos, depende do Governador da Lagoa, pequena vila distante da ilha de 12 léguas ao SSO. Em seu distrito havia então 147 brancos, alguns índios e negros libertos, dos quais uma parte acha-se dispersa pela orla da terra firme. Suas armas comuns são os facões de caça, flechas e machados; possuem poucas espingardas e raramente pólvora; estão, no entanto, suficientemente defendidos pelas matas onde uma infinidade de espinheiros de toda espécie as torna quase que impenetráveis, de sorte que, tendo sempre a retirada segura e pouco equipamento a transportar, vivem tranqüilamente, sem o medo de verem suas riquezas arrebatadas. Na verdade, encontram-se eles em tão grande carência de todas as comodidades da vida que, em troca dos víveres que traziam a nós não aceitavam dinheiro, dando mais importância a um pedaço de*

pano ou fazenda para se cobrir, protegendo-os das penúrias do tempo. Satisfazem-se com o vestuário de uma camisa e um par de calças; os mais distintos usam também um paletó de cor e um chapéu: quase ninguém usa meias ou sapatos, sendo obrigados, no entanto, a cobrir as pernas quando entram no mato utilizando-se então, da pele da perna de um tigre como perneira. Não são exigentes com a alimentação do que com o vestuário; um pouco de milho, batata, alguns frutos, peixe e caça, quase sempre o macaco, os satisfaz.

Esta gente, à primeira vista, parece miserável, mas eles são efetivamente mais felizes que os europeus, ignorando as curiosidades e as comodidades supérfluas que na Europa se adquirem com tanto trabalho; passam eles sem pensar nelas, vivem numa tranqüilidade que os subsidios e a desigualdade de condição não perturbam; o que é ainda mais notável é que eles se apercebem de suas felicidades quando nos vêem ir à cata de dinheiro com tanta fadiga.

A única coisa que têm a lamentar é a de viverem na ignorância; são cristãos, é verdade, mas como podem ser instruídos em sua religião não havendo senão um vigário na Lagoa que lhes vem rezar a missa somente nas principais festas do ano: pagam, no entanto, o dízimo à Igreja, que é a única coisa que deles exigem.

Possuem também muitos remédios naturais do país para se curarem de outras moléstias que possam aparecer. O sassafrás, esta madeira conhecida pelo seu bom aroma e comum pelas virtudes contra os males venéreos, ali é tão comum que nós o cortamos para queimar como lenha; o guáiacó, empregado também para os mesmos males não é mais raro; encontram-se ali

*belíssimas capilárias e uma quantidade de plantas aromáticas cujas qualidades e utilidades são conhecidas por seus habitantes para os seus usos. As árvores frutíferas são excelentes em suas espécies, as laranjas são tão boas como as da China, existem muitas limeiras, limoeiros, goiabeiras, palmitos, bananeiras, cana-de-açúcar, melancia, melões, jerimuns e batatas melhores que as de Málaga, tão estimadas. Foi lá que vi, pela primeira vez, o arbusto que dá o algodão, e como ansiasse desde muito por conhecê-lo, desenhei um ramo para me servir de lembrança.”*

Ao visitar a Ilha de Santa Catarina em 1719, George Shelvocke in PALMA DE HARO (1996:47) escreveu:

*“Quanto aos índios desse lugar, não posso dizer muito a respeito deles, pois jamais vi mais de dois ou três deles”.*

Em meados do século XVIII, começa de fato a imigração européia para o litoral catarinense, sendo iniciada pelos açorianos, onde CECCA (1997:45) coloca que,

*“entre 1748 a 1756 desembarcaram em Santa Catarina cerca de seis mil imigrantes das Ilhas da Madeira e Açores. O costume de denominar somente de açoriana a imigração procedente das ilhas atlânticas faz sentido, pois foram registrados apenas 59 madeirenses que se fixaram em terras catarinenses”.*

Não podendo desenvolver os seus tradicionais cultivos de trigo e linho, os açorianos, tais como todos os que passaram a viver da agricultura no Brasil, tiveram que se adaptar ao cultivo agrícola herdado dos índios.

A pesca, embora abundante e muito praticada como atividade de subsistência pouco significava economicamente, pois, não haviam mercados consumidores e nem como fazer a estocagem.

De acordo com BECK *et alli* (1983:46), coloca que durante os Séculos XVIII e XIX

*“a agricultura era a preocupação econômica fundamental e a pesca uma atividade menos importante, praticada de forma subsidiária à agricultura.”*

Em sua passagem pela Ilha de Santa Catarina em 1763, DOM PERNETTY *in* PALMA DE HARO (1996:83), relata que a ilha possuía uma terra bastante fértil, porém os homens e mulheres viviam numa grande ociosidade, deixando para os escravos os trabalhos. Além disso, coloca que havia somente uma mercearia e um boticário, vivendo as pessoas em grande pobreza.

Tal afirmativa é enfatizado por LA PEROUSE *in* PALMA DE HARO (1996:113), que, aportando a Ilha em 1785 coloca que o solo é extremamente fértil, mas a região é pobre e tem falta absoluta de objetos manufaturados.

Porém, 18 anos após os relatos acima (em 1803), há dois relatos de viajantes que aportaram na Ilha de Santa Catarina que denotam o seu crescimento comercial, apesar de ter a agricultura como base da economia. LISIANSKY *in* PALMA DE HARO (1996:153) coloca que a ilha possui provisões frescas de todas as espécies, excelente água e abundância de cereais europeus e indianos. Já LANGSDORFF *in* PALMA DE HARO (1996:163) faz um relato mais detalhado:

*“nas inúmeras e pequenas lojas encontram-se quase todas as mercadorias, vindas da Euriopa, necessárias para as comodidades da vida: por exemplo, o ferro, vidros, porcelanas, fazendas de seda e algodão, espelho, lustres, papel, etc...o vestuário de ambos os sexos é europeu; considerando que todo ele é constituído de fazendas finas e leves.”*

A freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, contava com muitas peculiaridades e características hoje, praticamente, desaparecidas. Os habitantes dividiam-se entre os trabalhos da roça e da pesca; a edificação de

habitações feitas a pau-a-pique barreado à mão; a prática da policultura agrícola com a predominância da mandioca, seguida da cana, amendoim, milho, café entre outros produtos; a construção de engenhos de farinha de mandioca e moendas de cana, onde se fabricavam o açúcar, o melado, a cachaça; a criação de algum gado; e ainda os freqüentes trabalhos nas caieiras ou casqueiros para a obtenção de cal.

O escritor desterreense Virgílio Várzea (1863-1945) in VÁRZEA (1985), relatou aspectos pitorescos da comunidade da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, segundo o mesmo sua sede repousa na encosta “composta de um grande largo gramoso”, “sendo que suas casas são algumas envidraçadas e assobradas, todas em geral caiadas e de um só pavimento, vastas e bem edificadas como obras antigas, que são, e onde habitam os mais abastados agricultores locais”. Em volta da Lagoa “desdobram-se as demais habitações e os engenhos, em meio aos terrenos quadriculados pelas roças de mandioca, milho, cana, feijão e amendoim, semelhando um enorme tabuleiro de xadrez”.

Segundo VÁRZEA (1985),

*“(...) a gente da Lagoa mantém uma pequena indústria de peixe, o squalo (espécie de cação) que todos denominavam mangona, e que, aberto em tiras e seco ao sol, se conserva por muito tempo servindo de alimento, à feição do bacalhau. Tornando-se objeto de comércio, tem muita procura e é vendido às arrobas(...) A população da Lagoa, que monta 3.500 almas, é uma das mais laboriosas que conhecemos: cultiva, além das plantas já mencionadas, o café, a uva, o algodão; fabrica aguardente, açúcar, melado; exporta para a capital os alhos, cebolas, amendoim, gengibre, etc. Outrora cultivava em grande o linho, sobretudo o linho galego e donzelo, que eram ali mesmo tecidos em teares rudimentares e primitivos. (...) E é neles que se fazem os tecidos comuns de algodão, branco ou a cores, utilizados para toalhas, guardanapos, colchas, etc., os chamados riscados que são vendidos*

*em cortes, de que se vestem os roceiros em geral. Fabricam também os lagoanos belas toalhas de linho, mas em escala limitada. Destes tecidos há em toda a Ilha e no continente uma interessante e profunda variedade”.*

Preocupado em produzir para a manutenção da família, o açoriano não produzia em larga escala para o mercado, apenas colocava à venda parte de sua produção, procurando suprir algumas das suas necessidades, como querosene, sal e fumo de corda. Porém, algumas localidades sobressaíram-se, entre elas encontrava-se a Lagoa da Conceição, que além da agricultura e da pesca, possuía uma diversificada indústria doméstica. Em 1900, a Lagoa da Conceição tinha 3.500 habitantes e cultivava café, uva, algodão, fabricava aguardente, açúcar e melado, e exportava para a capital alho, cebola, amendoim e gengibre. Produzia ainda tecidos de algodão branco ou em core, toalhas de linho e riscados com os quais vestiam-se quase todos os roceiros (PAULI, 1973)

Desta forma os lagoenses, entre eles os costenses, alternavam sua vida de trabalho entre a roça e a pesca, do outono ao inverno entravam no mar e da primavera ao verão em terra. A pesca da tainha, da anchova e do camarão marcam esta sazonalidade na qual os homens participavam diretamente. A mulher e os filhos tinham uma participação indireta, através da salga do peixe.

Nesse período coincidiam a safra da tainha e a farinha, impondo-se a divisão de tarefas e a supervisão dos proprietários entre o rancho e o engenho. Ressalte-se que, apenas os lavradores ricos possuíam engenho de farinha. Os demais só podiam moer a sua farinha depois que os proprietários terminassem a sua, tomando de empréstimo o maquinário e pagando com alguns dias de serviço prestados ao dono. Dos 08 (oito) engenhos de farinha (segundo o entrevistado S. Celso, a Costa possuía 10 engenhos) que existiam na região, resta apenas 01 engenho, ainda em uso pela comunidade, no caminho para a Costa da Lagoa. Os proprietários dos engenhos eram:

Chico Vitorino – o primeiro engenho para quem vai em direção à Costa.  
Ficava no morro (Fotos 08, 09 e 10);

Mané Justo – sem informações;

Joca Silveira – João Antônio Silveira, tinha este engenho de cana.,  
localizava-se depois da casa número 06, pelo lado interno do caminho;

João Barcelo Preto – sem informações;

Deca Severino – existe somente a casa;

Miguel Teixeira – ainda existem vestígios;

Manoel Tomaz Pereira - sem informações;

Manoel Agostinho - sem informações;

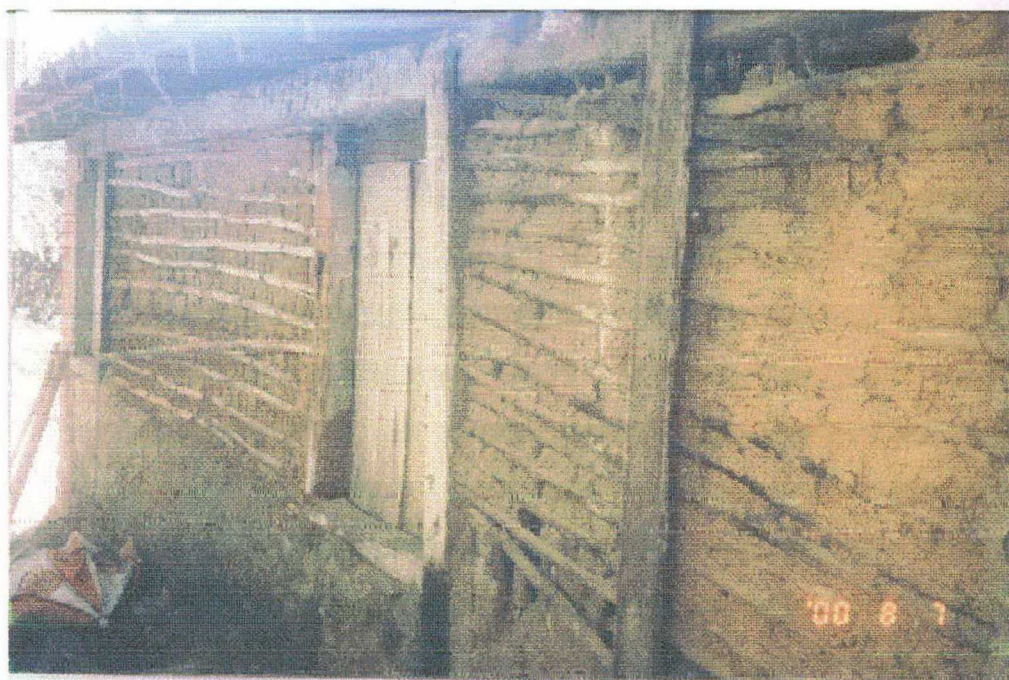


Foto 09: Parede dos fundos do engenho. Fonte: DIAS, 1999. Fonte: DIAS, 1999



Foto 10: Recipiente para a farinha, feito do tronco de garapuvu.  
Fonte: DIAS, 1999.

Praticamente, todos os vestígios e construções antigas remontam o período até a abolição da escravatura. A Costa no final do século XIX, chegou a ser um dos celeiros da ilha, assentadas sobre uma agricultura escravista. O pescado era abundante e praticado como atividade diária, o excedente era comercializado na Freguesia da Lagoa da Conceição. Com a abolição da escravatura, a mão-de-obra tornou-se escassa, fazendo com que a agricultura, principal atividade econômica, viesse a decair (PAULI, 1973).

Apesar da mão-de-obra negra ter representado um importante sustento da cultura agrícola, ela não foi expressiva no estado, mais especificamente na Bacia da



Lagoa da Conceição, do que em outros estados. De acordo com PAULI (1973), em 1810 a população negra representava 50,4 % da população total do Espírito Santo e 23 % da população de São Paulo. O quadro abaixo (figura 04) mostra a distribuição dos negros na Ilha de Santa Catarina:

Localidade	Homens		Escravos				Total		População
	Livres	%	Homens	%	Mulheres	%	Libertos	%	Total
Ribeirão	965	67,2	325	22,6	98	6,9	48	3,3	1.436
Santo Antônio	2.711	80,5	405	12,0	197	5,9	54	1,6	3.367
Lagoa	1.959	80,6	325	13,4	98	4	48	2	2.430
Centro	3.384	64,4	955	18,2	734	14	177	3,4	5.250

Figura 05: Divisão entre homens livres e escravos em algumas localidades da Ilha de Santa Catarina no ano de 1810. Adaptado de PAULI (1973)

Como era de se esperar, a população de negros no interior do município era bem maior do que a de mulheres, em virtude do trabalho na lavoura. Como consequência, ficavam solteiros. De outra parte, as mulheres pretas, viviam em parte à disposição de seus senhores, sem portanto poderem casar. Da existência da escrava solteira, decorria também a facilidade com que esta servia a um branco, tendo finalmente filhos mulatos.

Em 1814, Urey Lisiansky in PALMA DE HARO (1996:152) no relato de sua passagem pela Ilha de Santa Catarina coloca que

*“por uma estimativa do governo, a população soma, no presente, a 10.142 almas, das quais umas 4.000 são negras.”*

A respeito da condição dos negros, o médico naturalista francês Renato Lesson, ao aportar em Outubro de 1822 em Desterro, escreveu anotando a miséria dos escravos e a causa:

*“Pertencendo a senhores pouco abastados andavam mal alimentados e mal vestidos. Apresentavam aspecto de profunda miséria e completo embrutecimento”* (In PALMA DE HARO, 1996)

Outro aspecto que evidência a queda da produção agrícola é a migração dos homens da localidade para o Rio Grande do Sul, que sempre foi um pólo de atração, devido à pesca com embarcações médias, de propriedade de grandes empresas pesqueiras.

Hoje a população remanescente passou a dedicar-se a outras atividades, entre elas a exploração do turismo, deixando a pesca com atividade secundária.

Com o declínio da agricultura na Costa da Lagoa, as florestas iniciaram lento processo de regeneração espontânea, recuperando muitas áreas originais. Entretanto, hoje, a principal ameaça às florestas é a expansão urbana acelerada, mais danosa por representar uma ocupação definitiva dos ambientes.

Nas décadas de setenta e oitenta, quando os primeiros ventos anunciam o início do inverno, as mulheres já sabem que além do frio, deveriam suportar também a solidão. Uma longa solidão de até cinco meses que se iniciava no exato momento em que, ali mesmo no cais, após uma rápida despedida, seus maridos e filhos maiores partiam para a pesca da tainha, em Rio Grande (RS) – o único trabalho que ainda lhes restava.

Ano após ano a cena se repetia, nesta mesma época, na Costa da lagoa, localizada a apenas 10 quilômetros da Lagoa da Conceição, mas sem luz elétrica e sem estradas, à qual só se chegava após uma viagem de 45 minutos de barco. Ao partir, os homens não deixavam dinheiro – que não tinham. Apenas o direito a uma conta no pequeno armazém do povoado, somente para a compra dos gêneros básicos ao sustento da família.

Durante a ausência dos homens, cabia às mulheres, na tentativa de obter um dinheirinho extra, tecer rendas que, com sorte, venderiam a algum turista na

Lagoa. O lucro das rendas, somando ao que sobrar do salário dos pescadores, após o pagamento da conta do armazém, é que mantinha a família até a próxima safra de tainha.

Mas nem sempre foi assim na Costa da Lagoa. Ainda é recordado o tempo em que todos os sobrados da Lagoa pertenciam ao avô de D. Loquinha. “Mas isso faz tempo”- lembra a simpática velhinha que fez questão de se apresentar como recepcionista do lugar, na ocasião da entrevista dada ao jornal O Estado, do dia 22 de junho de 1980, “Muito depois disso, ainda havia fartura de peixe aqui por perto; a gente tinha gado, leite fresco todo dia. O leite há muito já não integra a alimentação das crianças da localidade. O peixe vai desaparecendo aos poucos mas os mais velhos ainda lembram o que aconteceu com as cabeças de gado. Isso faz uns 15 anos, sabe. Foi a doença do morcego que pegou nelas (doença do morcego é como ela chamava a raiva). Começaram a babar, ficar quentes e cair uma por uma, até morrerem todas. Ninguém mais quis saber de gado por ali, só os mais moços é que estão voltando a comprar algumas vaquinhas.”

Para ele, por pior que fosse abandonar a família por quase meio ano, e trabalhar numa terra estranha e de clima rigoroso, ainda era melhor do que trabalhar como diarista nas construções da Lagoa, na função de ajudante de pedreiro, para a qual não tinha o mínimo preparo. Muitos preferiam fazer isto, evidenciou o Sr. João, mas acho que eles estão errados. Nossa profissão era pescar, isto foi que aprendemos.

Uma outra alternativa, para os que possuem barco, foi encontrada pelo pescador João Hilário. Além de alguma pesca, ele fazia frete com seu barco, levando pescadores amadores e turistas para conhecerem a Lagoa. Sorridente ele diz que “na Argentina toda, deve ter fotos suas passeando com turistas”.

Tudo é muito calmo na Costa da Lagoa e os moradores faziam questão de afirmar que não queriam o “modernismo”, para eles representado por estradas e luz elétrica, porém, as novas gerações sentiam a necessidade de adaptar o lugar que vivem ao tempo presente, daí, em 1982, a luz elétrica chegou à comunidade.

O posto de saúde, funcionava só três vezes por semana, durante a tarde. Este fato, também era motivo de preocupação comunitária, pois “doença pouca espera, mas se é grave tem que sair correndo, pegar um barco, para ir até a cidade”. Hoje, a comunidade conta com médico permanente no posto de saúde da comunidade.

Só um barco chegava toda manhã na hora certa, é o que trazia a professora para a escolinha do curso primário e também levava as crianças mais velhas que estudavam na Lagoa. Mas, se a professora Bernadete, chegava num dia de chuva encontrava poucas crianças. Quase a metade dos alunos (que tem idade entre 8 e 11 anos) ,moravam distante da Vila e andavam cerca de três quilômetros, por atalhos, que quando choviam ficavam intransitáveis. Também este, é um problema resolvido, pois a própria comunidade em regime de mutirão calçou o caminho que liga os vários povoados da Costa, facilitando o acesso dos alunos à escola.

A Costa da Lagoa que teve, através de Decreto Municipal nº 247/86, toda sua região tombada como Área de Preservação Cultural, é considerada um dos últimos redutos da cultura açoriana, com um núcleo de pescadores e rendeiras que ainda vivem como seus antepassados.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Unir desenvolvimento e cultura tem sido um desafio para todas as comunidades, muitas dando preferência ao primeiro, como alerta KANGAS (1999), “Apesar de existirem muitos esforços internacionais para proteger a diversidade biológica, não acontece o mesmo no terreno da diversidade cultural, e, ao destruir aquela, estamos destruindo também esta”.

O presente trabalho, atento a este conflito, procurou analisar a comunidade para saber se estaria preocupada em preservar sua cultura local. Além de manter diversas festas e tradições populares como Terno de Reis, Festa do Divino, Farra do Boi, Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (foto 11) dentre outras, a comunidade possui um grande apego ao seu local de origem.



Foto 11: Barco decorado para a Procissão Marítima de Nossa Senhora dos Navegantes.  
Fonte: DIAS, 1999.

TUAN (1980) descreve o “lugar” como objeto de sentimento e o espaço como um objeto de pensamento. De acordo com os autores, os moradores vivenciam o lugar; os estudiosos pensam sobre o espaço. Moradores se sentem à vontade mergulhados na “ambiência” do lugar; estudiosos explicam o espaço como processo de evolução, portanto, em constante mudança.

A comunidade possui um forte apego à terra, pois 99 % dos entrevistados nasceram na cidade de Florianópolis (figura 06) e 93 % nasceram na Costa da Lagoa (figura 07), sendo estes popularmente chamados de “nativos” ou “costenses”. Reforçando ainda estes números, a figura 08 apresenta que apenas 3,1% dos entrevistados moram na comunidade a menos de 5 anos e 5,2% moram até 15 anos no local. Os demais 91,7 % moram a mais de 15 anos. Sendo assim, o elo que os une à Costa da Lagoa é extremamente forte, pois para eles, a localidade significa seu lar e história, nela estão seus parentes mais queridos e amigos.

TUAN (1980) reforça este pensamento colocando que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A retórica patriótica sempre tem dado ênfase às raízes de um povo. Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumento da paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo”.

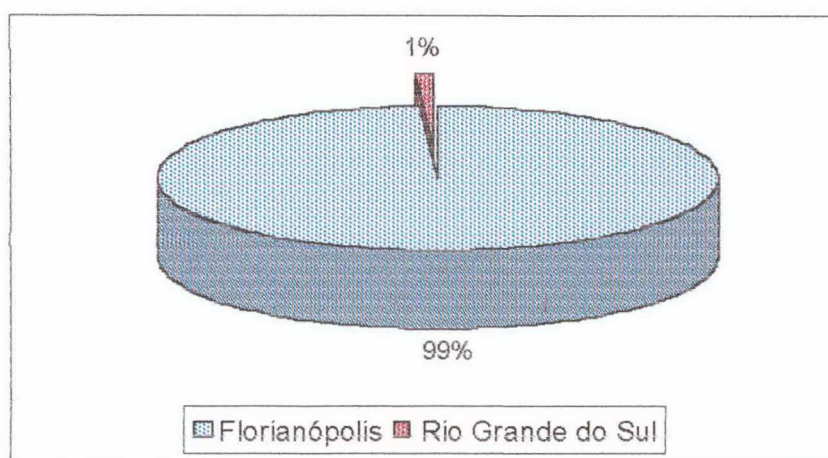


Figura 06: Local de Nascimento

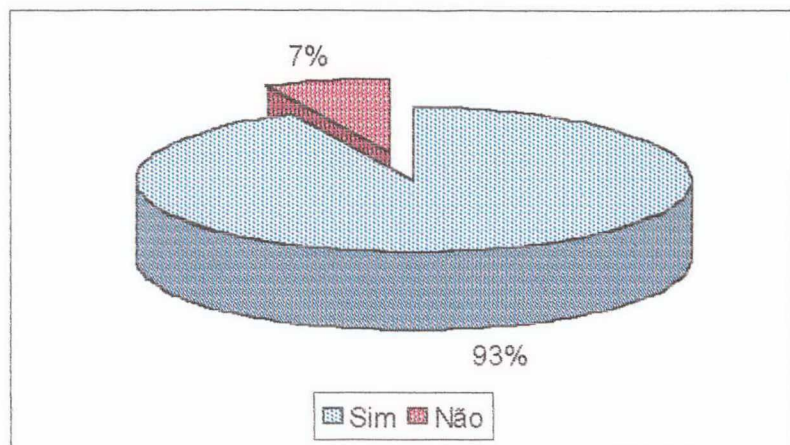


Figura 07: Resposta a pergunta se nasceu na Costa da Lagoa.

BANDOCH (1999) *in* RODRIGUES (2000) para a comunidade do Morro do Amaral, Joinville/SC), aponta, igualmente, para uma predominância de pescadores que habitam a região há muitos anos, num período que varia de 20 à 50 anos. Esta característica reflete questões referentes ao apego e respeito que as pessoas possuem por determinado local, podendo estes indivíduos interferir de forma organizada e decisiva contra agressores do ambiente local.

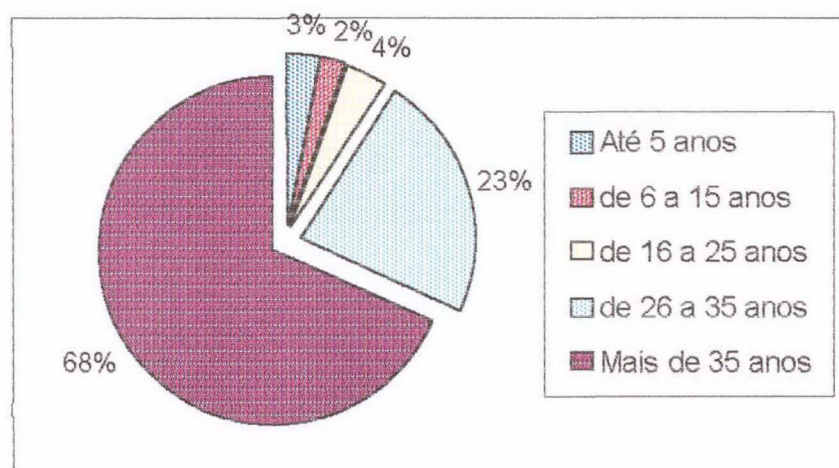


Figura 08: Tempo de residência na Costa da Lagoa

Além deste forte apego ao lugar, tem-se o turismo; segundo dados da CELESC – Setor de Ligações Residenciais, *in* LAGO (1996), a Costa da Lagoa possuía em 1991, 123 residências, das quais 26 eram de veranistas, perfazendo um total de 21,14 % de casas de veraneio. Segundo dados da própria CELESC, agora coletados pelo autor no mesmo setor, em 2000 haviam 300 ligações residenciais,

das quais 258 residentes e 42 veranistas (14 %). Chama a atenção que o percentual de residências de veranistas sofreu uma redução significativa em termos percentuais.

Tal fato não é percebido nas demais comunidade litorâneas do Estado, citando como exemplo RODRIGUES (2000) que pesquisou comunidades dos entornos da Baía da Babitonga, Joinville e São Francisco do Sul – SC, onde encontrou 60% da população nascidas na própria comunidade e aproximadamente 16 % moram na região a menos de 15 anos. Valores muito próximos a estes foram encontrados na Lagoa da Conceição, onde GARCIA (1999) encontrou 58 % da população da Barra da Lagoa como nativa.

Os expressivos valores encontrados na Costa da Lagoa deve-se ao fato do isolamento terrestre que se localiza, o que a caracteriza como uma comunidade “tradicional”. Comunidades tradicionais são aqueles grupos de indivíduos que tem uma descendência comum, que se instalaram num local determinado, que realizam os mesmos labores para sua sobrevivência e que, geralmente, trabalham em cooperação uns com os outros, em ambientes, relativamente isolados ( DIEGUES 1997).

FONTELES (2000) coloca que a praia de Jericoacoara (Jijoca – CE), possuía uma comunidade rica culturalmente, mas após 1983, com a exploração do turismo, exercida por empreendimentos de pessoas não ligadas a terra, fez com que os nativos do local, ou se mudassem, ou não sentissem os benefícios que ele gerou. Sendo hoje, os nativos minoria na população local.

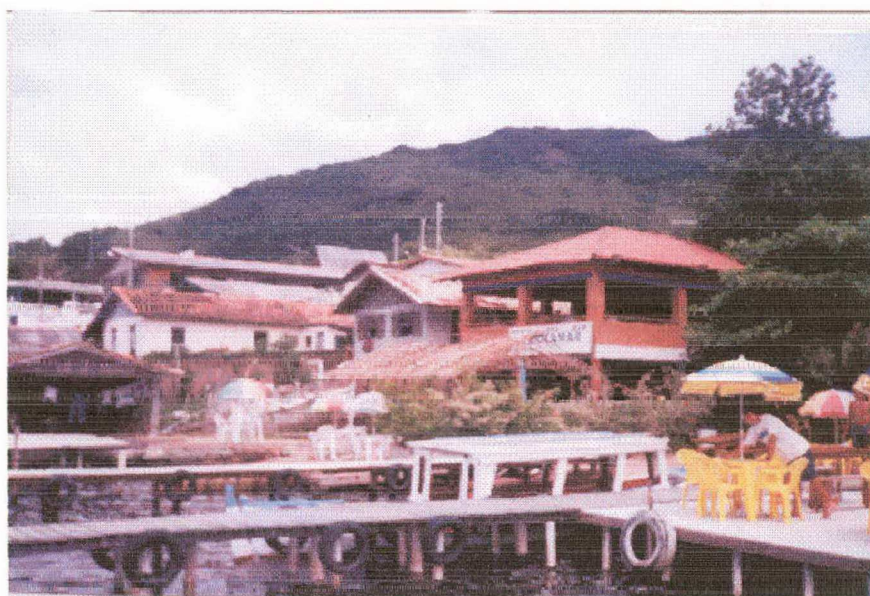
Fazendo-se uma analogia à Costa da Lagoa, os 11 restaurantes (fotos 12 e 13) que exploram o turismo são de propriedade de “nativos”, além das lojas de artesanato, cujos artefatos são fabricados quase que integralmente pela população local. Também o transporte, feito por barcos, é efetuado por barqueiros da comunidade, que viram como alternativa à pesca, o transporte de turistas, principalmente em finais de semana e período de férias. Tal fato é extremamente



benéfico para a comunidade, pois, aumenta a renda e o orgulho pela terra e sua cultura.



Fotos 12: Restaurante da Costa da Lagoa. Fonte: DIAS, 1999.



Fotos 13: Restaurante da Costa da Lagoa. Fonte: DIAS, 1999.

Um importante aspecto a ser salientado é o social, Dona Bia, viúva, 86 anos coloca que:

“...hoje as pessoa tem dinheiro. Qualquer um tem dinheiro, não, não existe mais gente pobre mesmo como existia antigamente na Costa, mas também não existe riqueza”.

A quantidade de filhos que cada família tinha diminuiu consideravelmente nos últimos 20 anos; no passado (até 30 anos atrás) ter mais filhos, significava mais mão de obra para o trabalho na terra, porém, com o declínio da agricultura; ter muitos filhos era sinônimo de muitas bocas para dar de comer, sem a mesma fartura que vinha das plantações de outrora. Na última década, o acesso à informação e a escassez de trabalho, fez com que, os costenses começassem a pensar em planejamento familiar, conseqüentemente a taxa de natalidade hoje, é menor quando a comparamos com 30 anos atrás.

Fato este, evidenciado, se associarmos os dados levantados pela presente pesquisa, onde em 97 questionários aplicados, 67 (70 %) informaram ter famílias com até 3 filhos e 17 (17 %) com 6 filhos ou mais (figura 09).

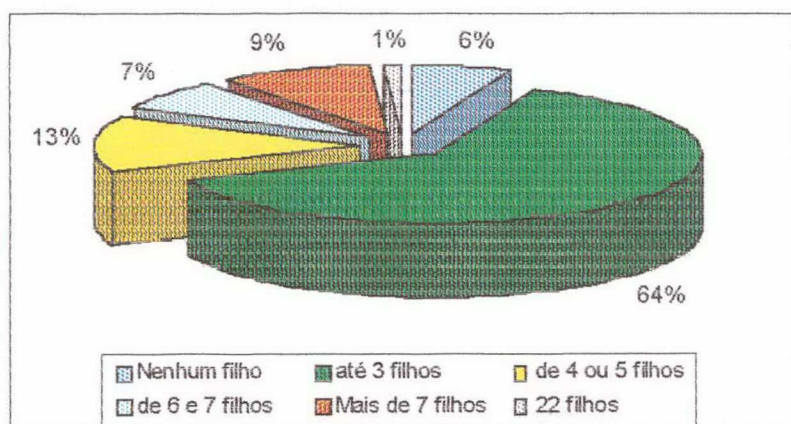


Figura 09: Número de filhos que cada família entrevistada possuía.

A redução do número de filhos, acompanhando uma tendência nacional, pode ser verificada na comunidade da Costa da Lagoa cruzando-se os dados da idade do chefe de família com o número de filhos (figura 10). Verificou-se que dos informantes que possuíam mais de 60 anos, todas as famílias tinham de (04) quatro ou mais filhos, por outro lado, as famílias onde o informante tinha até 45 anos, apenas 4 (7,3 %) possuíam 4 ou 5 filhos.

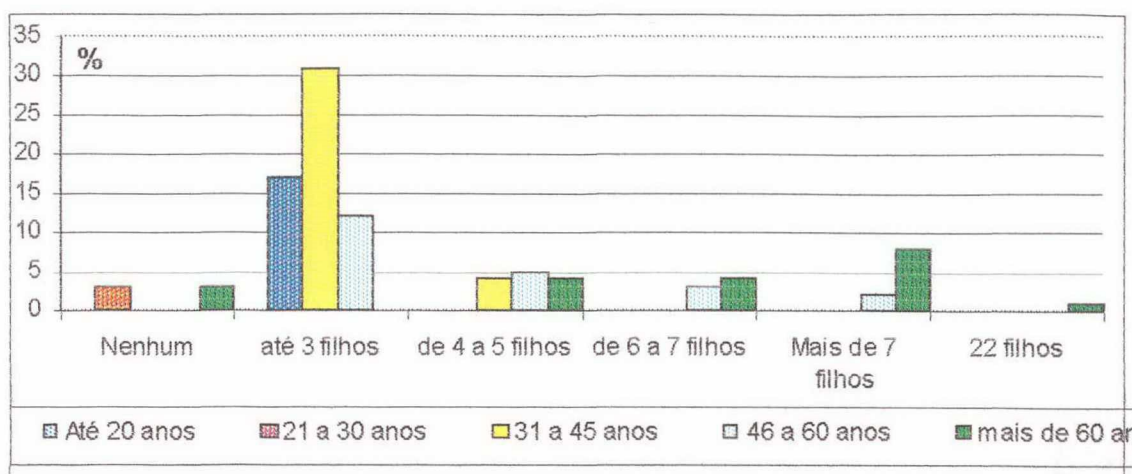


Figura 10: Cruzamento das questões idade com número de filhos

Outro fato que comprova a melhora nas condições da comunidade costense é verificar que 95 (98 %) dos informantes residem em casa própria (figura 11), tal fato faz parte da cultura dominante na localidade, onde, faz parte do presente de casamento um pedaço de terra, normalmente no mesmo terreno dos pais, o que de certa forma caracteriza a divisão da herança. É comum ao caminharmos pela Costa, não saber-se onde começa ou termina o terreno de cada residência, pois, após tantas divisões consecutivas, as residências ficaram cada vez mais próximas.

A este respeito, LAGO (1996), descreveu o sentimento dos pescadores da Ilha de Florianópolis, assim manifestado: "...com o auxílio do pai, pescador dono de redes e que comercializava peixe, ele comprou aparelhagem de pesca e construiu uma boa casa de alvenaria..."

Outro fato constatado através da pesquisa é que 100 % das casas possuem luz. Este fato é importante pois a luz chegou a comunidade somente no segundo semestre de 1982. De acordo com o IBGE, este dado está compatível com a média da Região Sul, onde 99,4 % das residências urbanas possuem energia elétrica.

As residências alugadas são habitadas por pessoas de fora e que moram a pouco tempo na localidades, pois, pelo já explanado acima, o nativo possui casa

própria. Em sua maioria, as mesmas, são de alvenaria (79%) (figura 12), o que pode ser explicado pelo histórico da localidade, pois no passado, somente os grandes proprietários de terra, possuíam casas de alvenaria. A figura 12 comprova este fato onde 6 % das residências possuem mais de 50 anos. As demais pessoas tinham casas de madeira ou, principalmente, de barro. Como mostra a frase da Sra. Custódia (in BORGES & SCHAEFER, 1994) “... Lembro também que aqui (na Costa) tinha poucos moradores. As casas eram de barro. A casa dos meus pais, dos vizinhos, todas eram de barro...”. Com o passar do tempo, com a melhora da condição financeira da comunidade, elas passaram a preferir as casas de alvenaria, pois denotava o status de outrora.

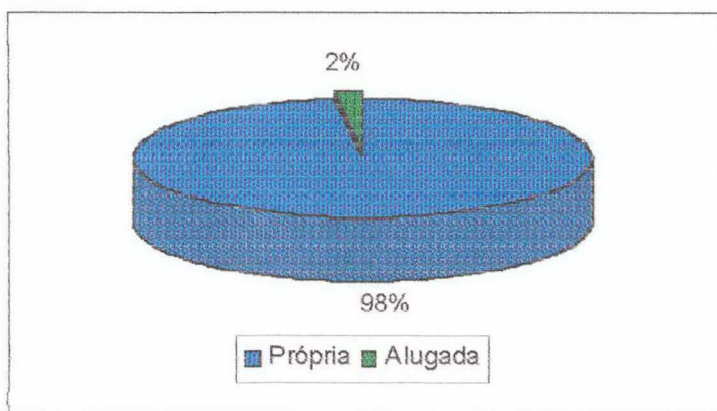


Figura 11: Situação da casa que a família mora.

Relacionando os dados da presente pesquisa com a comunidade da Barra da Lagoa, obtidos por GARCIA (1999), percebe-se que existe um padrão entre as comunidades de pescadores, na comunidade referida 98,4 % dos moradores possuem casa própria, cuja maioria são de alvenaria (53,2 %). Este fato reforça a tese de que a maioria dos pescadores conseguiram ter sua casa própria, principalmente, porque os atuais moradores herdaram de seus pais o terreno e conseguem construir suas residências.



Foto 14: Sobrado 17, com mais de 200 anos.  
Fonte: DIAS, 1999.

RODRIGUES (2000) que pesquisou comunidades dos entornos da Baía da Babitonga, Joinville e São Francisco do Sul – SC, verificou que entre os 211 entrevistados, 179 (84,8% do total) residem em casa própria, apenas 08 pescadores (3,8%), declararam que alugam de terceiros suas moradias, 17 (8,1%) vivem em casas emprestadas e outros 07 indivíduos (3,3%), justificaram ter outras formas de habitação, sem, no entanto, especificá-las. A matéria-prima da construção das casas, caracteristicamente, era a madeira, retirada da mata dos arredores da propriedade.

GUIMARÃES (1995) constatou a mesma situação para a comunidade de Zacarias, em Maricá, no Rio de Janeiro, onde, segundo a autora, o padrão tradicional da construção de ranchos de “estruque” e telhas de barro, foi sendo substituído pela moradia de tijolo e telhas de amianto, materializando o curso da mudança cultural. Da mesma forma, na renovação das casas, surgiram cercas de separação dos imóveis individualizados.

BANDOCH (1999) *in* RODRIGUES (2000), igualmente verificou o predomínio de casas de material (34,9%) (foto 15), entre os pescadores do Morro do Amaral, Joinville. Lá, apenas 31,1% das residências são de madeira e 4,0% são mistas.

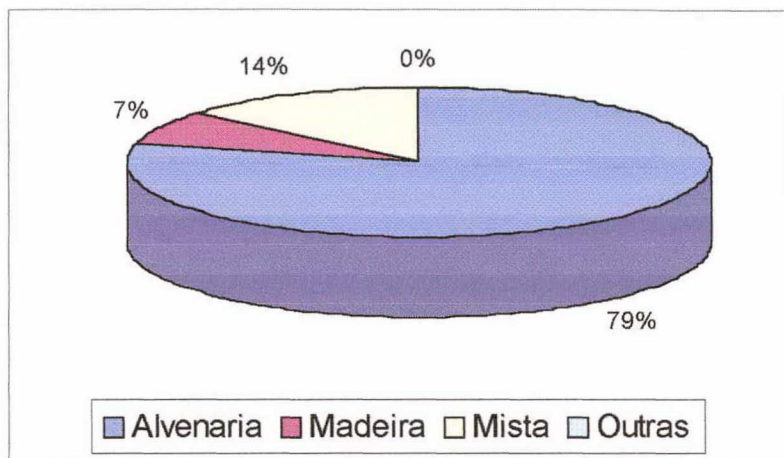


Figura 12: Material de construção da casa.

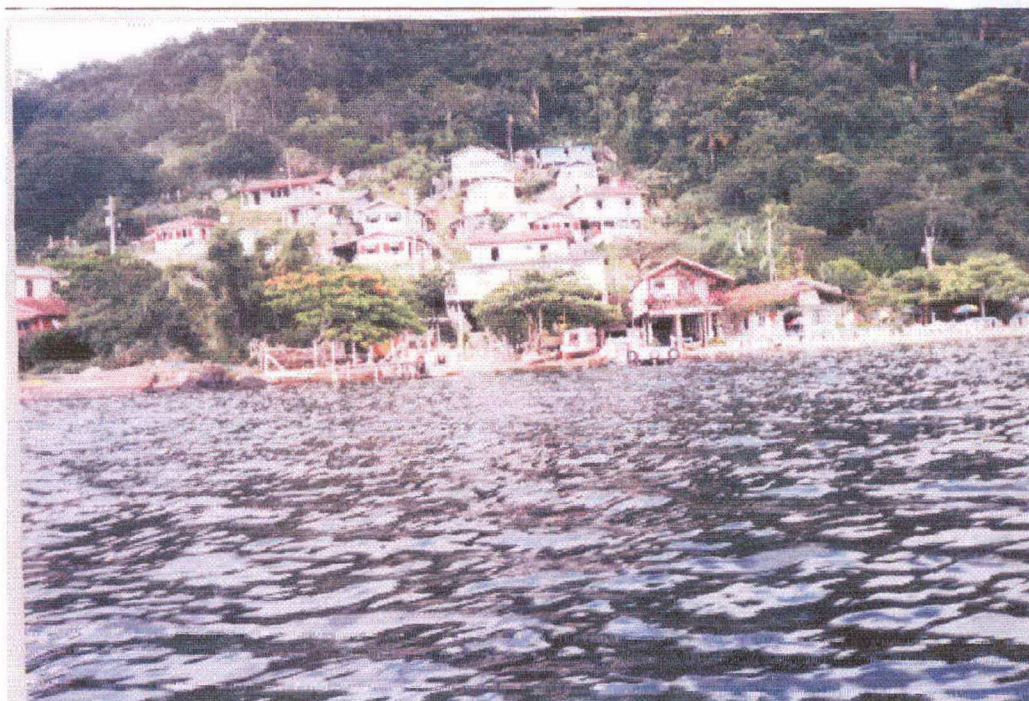


Foto 15: Núcleo Vila Seca, Costa da Lagoa, mostrando o predomínio de casas de alvenaria. Fonte: DIAS 1999

Vale ressaltar que, 45% das residências possuem de 10 a 19 anos (figura 13), estas construções foram realizadas por moradores da própria comunidade. Alguns melhorando sua casa e outros foram os filhos dos moradores que construíram suas casas próprias. Esta conclusão deve-se ao fato explicado na figura 07, onde apenas 6% moram na comunidade de 6 a 25 anos.

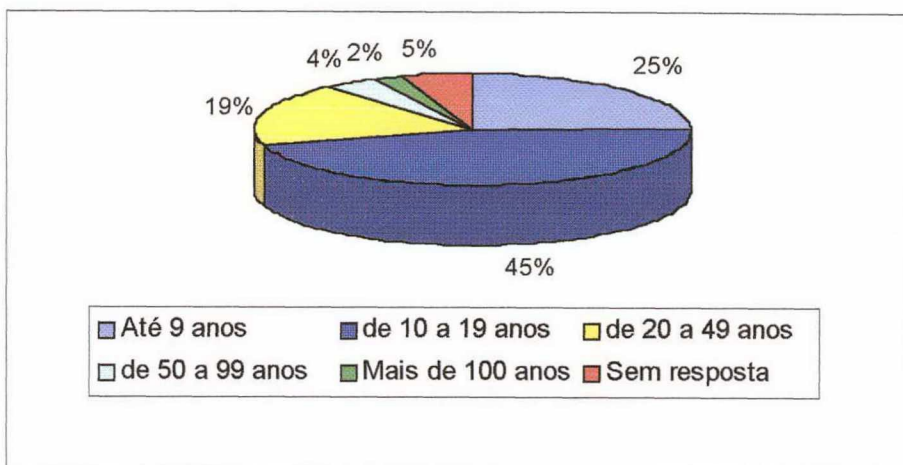


Figura 13: Idade da residência da família.



Foto 16: Casa mista. Fonte: DIAS, 1999.

Quanto ao número de cômodos, observou-se que 63% das residências (figura 14) possuíam de 5 a 6 cômodos, assim distribuídos: cozinha, sala, banheiro e três quartos, divididos entre o casal e os filhos; filhos homens em um quarto e outro para filhas mulheres. As residências com número de cômodos superior a 9 (nove), destinam quartos ao aluguel, durante feriados e temporada, sendo tais cômodos de uso exclusivo de turistas. As casas construídas nos últimos 15 anos apresentam, na sua maioria, forma retangular, grandes janelas, laje e piso cerâmico. Para a construção, o material de construção é levado a margem oposta da lagoa de onde situa a Costa da Lagoa. Em seguida é embarcada em baleeiras e transportados até a comunidade.



Foto 17: Construção típica da Costa da Lagoa, ressaltando a arquitetura açoriana.

Fonte: DIAS, 1999.

CAVALLINI (1997:37) que efetuou estudos sócio-ecológicos em uma comunidade rural, situada ao sul do Estado de Minas Gerais, verificou que

*“as casas de moradia são bastante amplas tendo em média 6,8 cômodos (compartimentos) e, em sua maioria, obedecem um*



*padrão arquitetônico típico da região de 30 ou 40 anos atrás. O piso é distante do nível do solo; portas e janelas são de bom tamanho, construídas a partir de madeira cortada e lavrada na região. Na cobertura, nota-se a ausência de forro interno, ficando à mostra o bonito traçado dos troncos das árvores que compõem o madeiramento sobre o qual estão assentadas as telhas de barro. Percebe-se, portanto, que muito pouco material necessitava vir de locais distantes. Atualmente, pode-se observar que, dentre as casas rurais recém construídas nas redondezas, predominam aquelas levantadas com blocos de cimento, com portas e janelas metálicas e por sua vez cobertas com telhas de amianto, o que torna necessário, por vezes, que se faça um forro ou laje de cimento, aumentando ainda mais a quantidade de material alóctone na construção.”*



Foto 18: Construção típica açoriana. Fonte: DIAS, 1999.

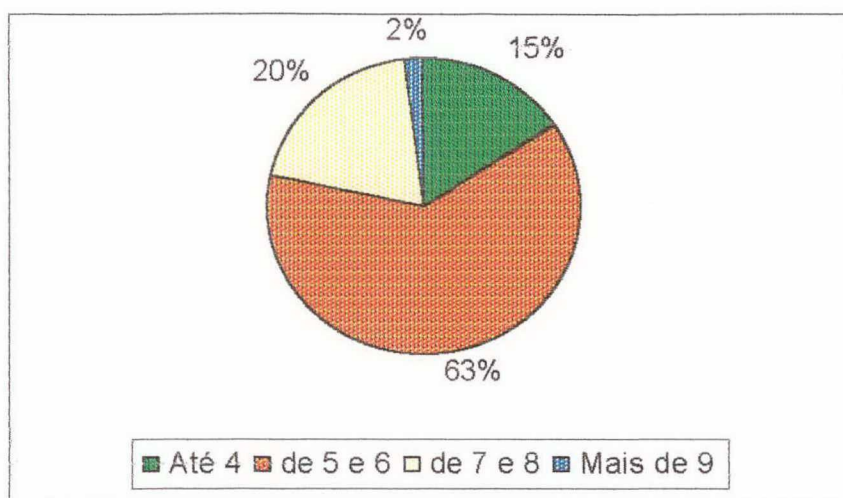


Figura 14: Número de cômodos das casas.

Das condições de vida, 100 % das casas pesquisadas possuem água captada através de rede própria da comunidade feita por mangueiras e todas afirmam possuir fossa séptica/sumidouro, apesar desta afirmação ainda observa-se esgotos em valas margeando o caminho que dá acesso terrestre à toda a Costa. Dados do posto de saúde denotam uma grande incidência de dermatites ocasionadas por brincadeiras nestas valas. Vale salientar que há uma mini estação de captação no alto do morro, feito pela própria comunidade. Segundo o IBGE (1998), 95% das residências urbanas da Região Sul e 79,8% das residências brasileira possuem ligação à rede geral de abastecimento de água, estando a comunidade em estudo, fora destes índices.

A educação tem sido uma das preocupações atuais dos governantes, colocar todas as crianças na escola e reduzir as taxas de analfabetismo tem sido desafios combatidos por diversos programas de melhoria da qualidade de vida e oferta de novas vagas nas escolas. Dados do IBGE (1998), informam que há hoje 7 % de analfabetos na Região Sul, 9,7 % no Brasil e 123.000 crianças fora da escola.

Na comunidade da Costa da Lagoa o grau de escolaridade foi obtido a partir do levantamento dos dados de toda a família. Em relação ao pai, constatou-se que 57% dos entrevistados freqüentaram o ensino fundamental 1 (antigo primário)

de forma parcial ou total (figura 15), e que 32% não tem nenhum tipo de instrução formal, ou seja, são considerados analfabetos.

Cruzando-se estatisticamente os dados de faixa etária e nível de instrução (figura 16), observa-se que, dos chefes de família cuja idade varia entre 21 e 30 anos, ocorre um pequeno percentual (21%) sem instrução, a medida que o nível de instrução vai aumentando até fundamental completo, a escolaridade aparece numa crescente, ou seja, a preocupação com o futuro, hoje, na localidade é sinônimo de instrução e diplomas, portanto, os índices são maiores (42%). Percebe-se o mesmo fenômeno, de forma inversa, nos chefes de família com mais de 45 anos, onde 43% são analfabetos e 24% possuem o ensino fundamental completo. Sendo tal fato compreensível quando analisarmos os trabalhos domésticos e a pesca artesanal, que para eles era a forma de sobrevivência da família

Comparando-se estes dados com outras comunidades tradicionais, percebe-se que o problema é generalizado nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos.

RODRIGUES (2000) encontrou nas comunidades da Baía da Babitonga – SC, 17,1% de chefes de família sem qualquer nível de instrução e 57% com o ensino fundamental 1 completos.

BEGOSSI (1995) *Apud* RODRIGUES (2000) descreveu um quadro constatado para a região de Gamboa, na Ilha de Itacuruçá, RJ, onde entre 26 famílias de pescadores, 74% dos adultos eram alfabetizados. Em Picinguaba, no litoral paulista, a situação é mais precária, onde em 76 famílias, apenas 67% dos adultos encontravam-se alfabetizados.

Na Barra da Lagoa, Florianópolis – SC, GARCIA (1999) pesquisou que 49% não conseguiram terminar o primeiro grau, 22% tem primeiro grau completo e 14 % são analfabetos. GARCIA (*op cit*) coloca ainda que o grau de instrução dos pescadores é baixo, já que, a maioria são da faixa etária de mais de 50 anos, os quais não tiveram ‘necessidade’ e/ou oportunidade de estudar, devido que, na sua

época de instrução primária, geralmente, os pais, precisavam de seus filhos para ajudar na manutenção da família através da pesca.

Em LAGO (1996: 142), existe uma declaração de um informante que confirma o acima explanado,

*“Andei na escola até 15 anos, posso dizê, mas entrei no primeiro depois no segundo, depois fiquei aquela mesma e nunca passava ... todo ano, mas nunca passava ... Não falta aula. Numa hora dava calma e ia pescá, outra hora chegava em casa e o pai dizia: não vamo pro morro trabalhá, buscá feijão, ou buscá mandioca, né ..., então ia deixando a escola pra trás e aí fui aprendê mesmo um pouquinho, a fazê meu nome, a fazê conta, porque eu não sei lê ainda, mas esse negócio de conta eu faço bem, mesmo sendo de cabeça ... foi na escola de noite. Aí veio aquela escola da noite, né, aí é que depois de velho, de 15 a 20 ano, é que fomo pra escola da noite, no Ribeirão, aí agarramo a aprendê, né. Aí todo mundo daquela minha idade, quase todo mundo aprendeu na escola da noite.”*

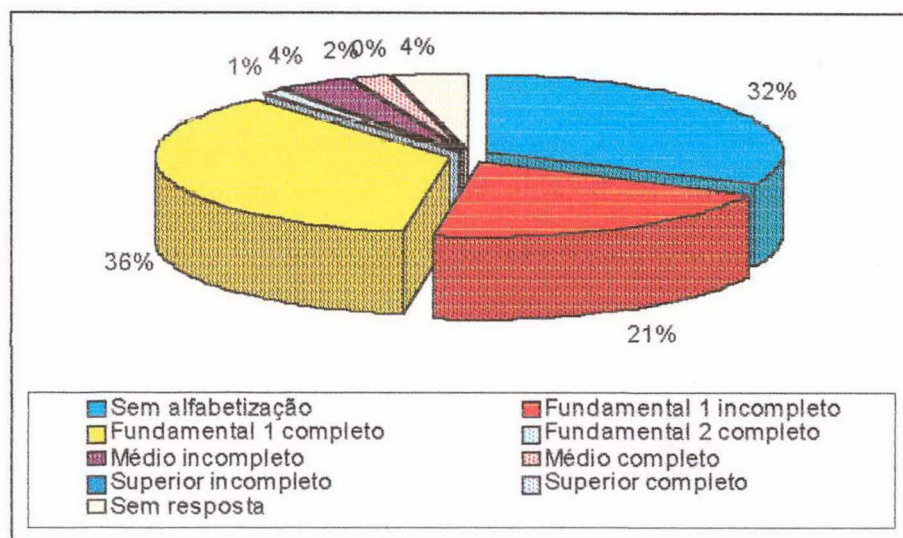


Figura 15: Grau de alfabetização do PAI.

Outro informante, em LAGO (1996: 135) entrou na escola com 16 anos, porque não quis começar antes, conforme relata, tendo aprendido com os pais e irmãos mais velhos, em casa. Achava que na localidade onde vivia (Praia do Forte, Jurerê), o trabalho era de pescador e lavrador e para isso o estudo não era

necessário. Assim, preferia pescar, apesar de não gostar muito, esta atividade dava mais resultado, já que lhe permitia ganhar dinheiro e levar peixe para comer.

*“Ou bem aula, porque a aula lá era de tarde, ou bem a pescaria. Se eu fosse pra aula, eu não pescava, e eu fosse pescá eu não ia pra aula. Então eu deixava da aula pra ir pra pescaria.”*

Em relação ao nível de escolaridade da mãe (figura 17), percebe-se um grau melhor de escolaridade, conforme a figura 16, há 26% sem escolaridade, 62% com o ensino fundamental 1 parcial ou total e 2% com o ensino superior completo. Esta melhora de escolaridade em relação ao pai deve-se ao fato de que os homens ajudavam desde cedo na pesca ou na lavoura, enquanto a mulher ajudava em casa.

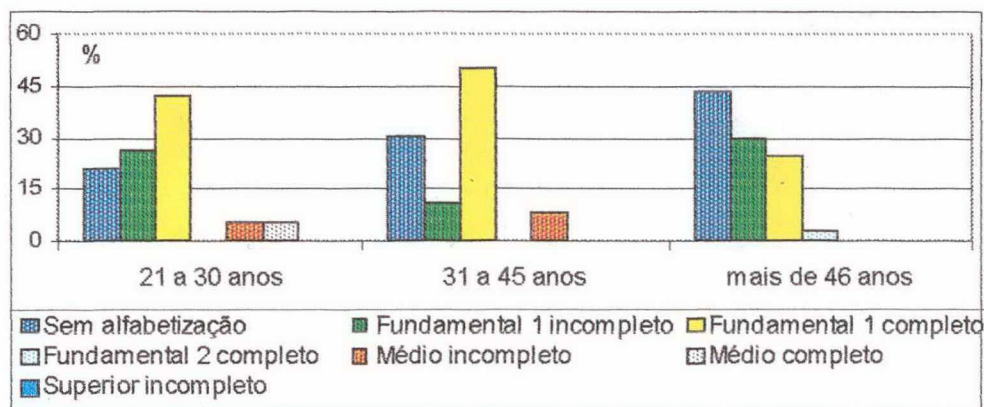


Figura 16: Cruzamento das questões escolaridade do pai com a sua idade.

LAGO (1996) coloca que as mulheres estudavam o primário na localidade e iam a cidade ainda solteiras, para completar os estudos. Após o casamento, era muito raro haver continuidade nos estudos.

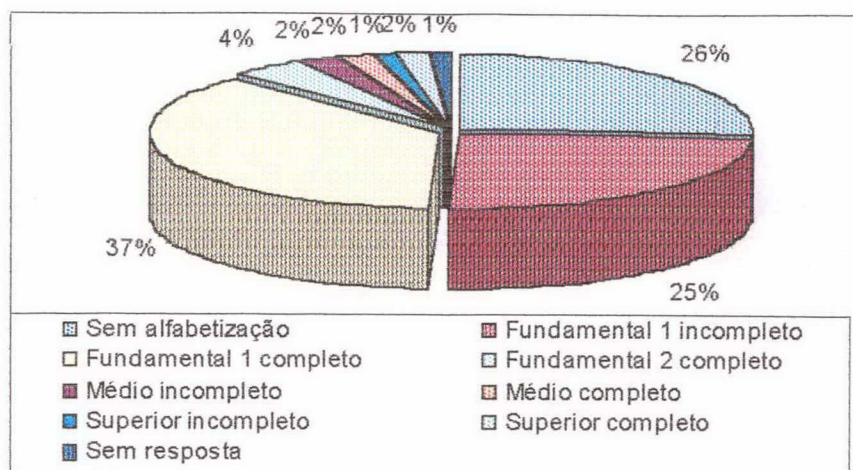


Figura 17: Grau de escolaridade da Mãe.

Entre os filhos, num universo de 287 pessoas (figura 18), tem-se uma realidade completamente diferente. Inicialmente tem-se 27 crianças (9%) com 4 anos ou menos, portanto, fora de idade escolar. Em seguida tem-se 81 filhos (29%) em idade escolar (de 5 a 17 anos), freqüentando a escola. Vale salientar que não foi registrada nenhuma criança com até 14 anos fora da sala de aula. Dos filhos com mais de 18 anos, a comunidade apresenta números bem mais expressivos do que a geração anterior., onde 10% deles possuem o ensino médio completo e 4%, o nível universitário. Por outro lado, apenas 5% (14 pessoas) não possuem nenhum nível de instrução formal, no entanto, 12 delas possuem mais de 45 anos.

Nota-se alguns aspectos comuns entre as gerações, como bem explica LAGO (1996) onde, além da reduzida oferta da rede escolar rural, em quantidade e qualidade, a dificuldade de conciliar estudo e trabalho, principalmente pelo fato de que se tornava necessária a ocupação de toda a mão de obra familiar na produção da subsistência da unidade doméstica.

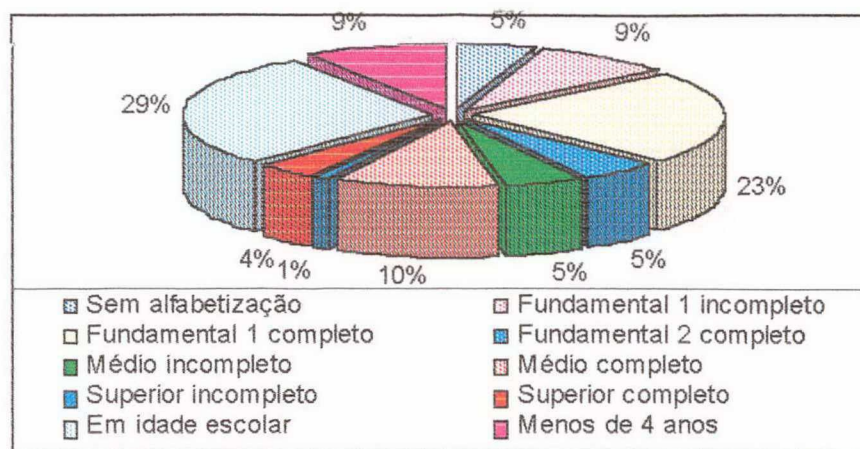


Figura 18: Grau de escolaridade dos FILHOS.

RODRIGUES (2000: 122) afirma que

*“o grau de escolaridade exibido por um dado segmento social, via de regra, está relacionado à condição de vida que seus integrantes possuem, muito embora não reflita, necessariamente, uma correspondente sensibilidade, quando são tratadas as questões ambientais, nem tão pouco traduz, nos tempos atuais, a garantia de emprego.”*

Segundo SUNKEL *apud* VIEIRA (1998: 24)

*“fazer da educação o objetivo central do desenvolvimento é correto, mas pensar que, o problema de desemprego poderia ser resolvido se pudéssemos dispor de mais educação, não”.*

O autor comenta conhecer países onde existem muitos desempregados que aprenderam na escola que, trabalhar na terra não constitui opção legítima para “gente educada”.

GUIMARÃES (1995), encontrou na comunidade de Zacarias, em Maricá, no Rio de Janeiro, 18% de analfabetos, todos com idades acima de 40 anos. Metade do grupo (de 96 pessoas), tem o curso primário completo e 13% terminou o segundo grau.

Na verdade, a labuta no mar exige muito mais habilidade na “lida”, adquirida através da experiência, como uma decorrência da prática, do que dos conhecimentos absorvidos no banco escolar (RODRIGUES, 2000).

A baixa escolaridade apresentada pela geração que respondeu o questionário (a maioria possui mais de 40 anos) é refletida na atividade exercida. Como demonstra a figura 19, a profissão do chefe de família é, em sua maioria, pescador (47%); vigia/chacreiro (10%); gari (9%) e aposentado (8%). Conseqüentemente, possuem uma baixa remuneração.

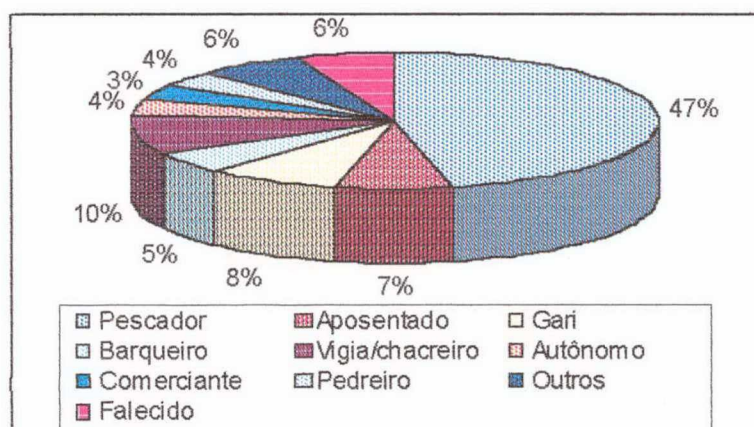


Figura 19: Profissão do PAI.

Em relação as mulheres (mães), apenas 9 delas exercem alguma atividade remunerada, sendo: 3 professoras; 3 empregadas domesticas; 1 cabeleireira; 1 merendeira e 1 cozinheira. De acordo com a pesquisa (figura 20), 80 das mães (83%) são do lar, demonstrando com isso a forte cultura machista, onde apenas o homem trabalha fora para sustentar a casa.

Em Maricá, Rio de Janeiro, GUIMARÃES (1995), observou que somente 7% das mulheres eram empregadas na cidade de Maricá, enquanto 31% (entrevistadas de idade entre 0 a 19 anos) eram apenas informantes e 26% (idade entre 20 a 49 anos) prestam serviços domésticos nos condomínios próximos. Embora 31% se declarassem ser “do lar” e apenas 5% afirmassem manter atividades relacionadas à pesca, na verdade, quase todas as mulheres trabalham com o pescado. Como em geral suas atividades são desempenhadas no âmbito de suas



próprias casas e concomitante aos afazeres domésticos, não são relatados como “trabalho”. Este fato deve ser associado à organização das relações entre os sexos e a definição das hierarquias dentro do grupo. A pesca é espaço socialmente masculino e o que se faz é genericamente reconhecido como “trabalho”, conferindo status de “pescador”. Na casa está o espaço da mulher que “ajuda” mas “não trabalha”.

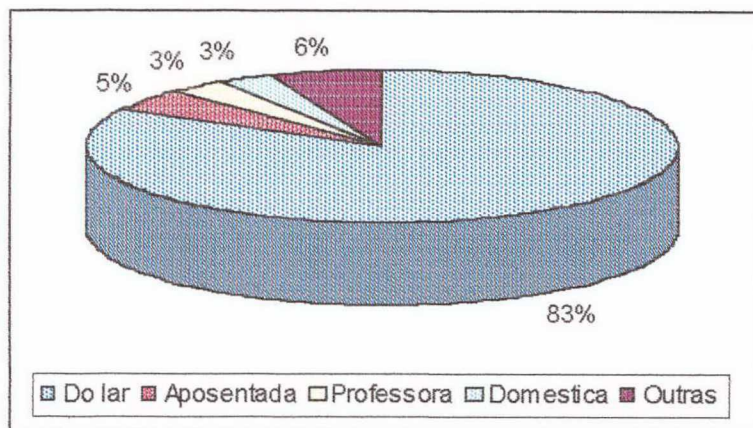


Figura 20: Profissão da MÃE.

Em relação ao salário, o último censo de IBGE (1991) destaca que na Lagoa, ou a maioria das pessoas tinham um rendimento médio mensal (de acordo ao salário mínimo (SM) estabelecido em CR\$ 36.161,60), de ‘de 1 a 2’ SM, ou seja, até CR\$ 72.323,20. A renda proveniente da atividade pesqueira depende em muito da quantidade e qualidade do produto obtido, assim como, das diferentes circunstâncias em que eles trabalham (venda direta, venda a intermediários), fator este que indetermina o salário base dos pescadores.

De acordo com a figura 21, 82 famílias (85%) possuem renda de até 3 salários mínimos, 10 famílias (10%) ganham de 4 a 7 salários mínimos e apenas 1 informante respondeu receber mais de 10 salários mínimos, onde sua atividade econômica era negociante, sendo seu ramo de atividade não fornecido.

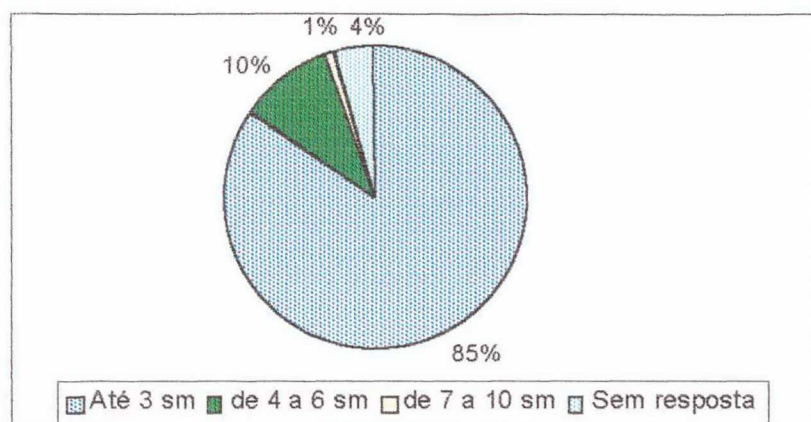


Figura 21: Faixa salarial da família. (sm = salário mínimo vigente)

Na pesquisa realizada, foi questionado: “Antigamente, a vida era mais fácil?” Houve uma divisão igualitária das respostas válidas, 50 % para cada opção, sim e não.

Dentre os informantes que responderam sim, 25 % afirmaram que as plantações faziam o cotidiano mais fácil, como informou o Sr. Euclides Albino (44 anos) afirmando: “*não se comprava nada, tudo era plantado*” e o Sr Seu Ernani (44) “*tinhamos roça, não faltava nada*”. Logo após a plantação, outro motivo citado por 19,4 % dos pesquisados foi a fartura de peixe existente na Lagoa, o que vem de encontro com a informação dada pelo Sr. Altamiro Laureano (60): “*tinha muita abundância, muito mais, como a plantação e peixe na Lagoa*”. Em seguida aparecem outros motivos afirmando que a vida era mais fácil, como nos dizeres:

*“o povo se dava melhor um com outro e a vivência era melhor”*

Sr. José Goes (43)

*“a vida era construída por nós mesmo”*

Dona Custódia Conceição (72)

*“não tinha muita carestia, agora tá muito difícil”*

Sr. Edi Albino (40)

*“não havia muita ganância e todos sabiam respeitar uns aos outros”*

Dona Adelaide ferreira (77)

*“Tinha muita coisa para fazer, era mais fartura”*

Sr. Neri (46)

Por outro lado, os que acham que antigamente a vida era mais difícil, colocam os seguintes motivos:

Antes trabalhava-se muito ( 20,7 %), como disse a dona Alaíde dos Santos (73) *“trabalhava muito, 15 dias fazendo farinha o dia inteiro”* ou a Dona Benta Laureano (81) *“antes trabalhava muito, hoje não, hoje trabalha, mas não como antigamente”*. Outro motivo informado, para esta melhoria na qualidade de vida, seria o transporte abundante, como disse a Dona Zália Laureano (72) *“tá mais fácil hoje, o transporte muito melhor, antes só tinha canoa”*. A reclamação de que não havia comprador para os peixes é outro motivo que merece ser destacado (13,8%), onde o Sr. Valmor Costa (58) diz: *“tudo que fazia não tinha preço, quando se pescava a pesca era para consumo”*. Em seguida aparecem outros motivos confirmando as facilidades atuais:

*“porque as pescaria não tinha valor”*

Sr. João Ferreira Neto (74)

*“trabalhava mais na roça e agora o governo paga pra gente ficar parado”* Sr.  
Manoel Ramos (70)

*“se trabalhava muito e não ganhava tanto como agora”*  
Sr. Darci (68)

*“trabalha pouco e tem tudo, antes não”*  
Sr. Milton João Goes (50)

*“agora tá mais fácil, que antigamente, hoje tem mais recursos, médicos, barcos...”*  
Sr. Mauro (56)

*“era mais difícil não tinha luz, barco, etc...”*  
Sr. Nelson Albino (66)

Chama a atenção que, apenas 02 pessoas, citaram o atendimento médico permanente na comunidade como melhoria na qualidade de vida idade e 02 citaram que a falta de luz dificultava a vida.

Na parte do questionário específica aos pescadores, 56 responderam, apesar de somente 47 terem colocado como sua profissão. Este fato se deve a alguns ex-pescadores ainda exercerem esta função nos horários livres. Como se vê na figura 21, 58% dos pescadores pescam próximo a comunidade e outros 23 % pescam na Lagoa da Conceição, caracterizando-os como pescadores artesanais. Estes pescadores pescam para consumo próprio da família. As famílias que possuem restaurantes, pescam também para suprir as necessidades de consumo do estabelecimento, aumentando assim sua margem de lucro.

Quando questionados ao local que normalmente pescam (figura 22) 75% responderam a Lagoa da Conceição, dividindo as respostas entre Costa e Lagoa. Tal divisão se deve ao fato de que os moradores consideram a Costa as proximidade de suas residências (norte da Lagoa) e Lagoa os locais mais afastados (centro da Lagoa). Esta divisão também evidencia o que pescam, pois o norte da Lagoa apresenta mais regiões de baixios, sendo favorável a pesca do camarão.

A pesca na Barra da Lagoa tem como característica a pesca em botes, sendo realizadas no mar, próximas a costa e a pesca no Rio Grande é embarcado em alto-mar.

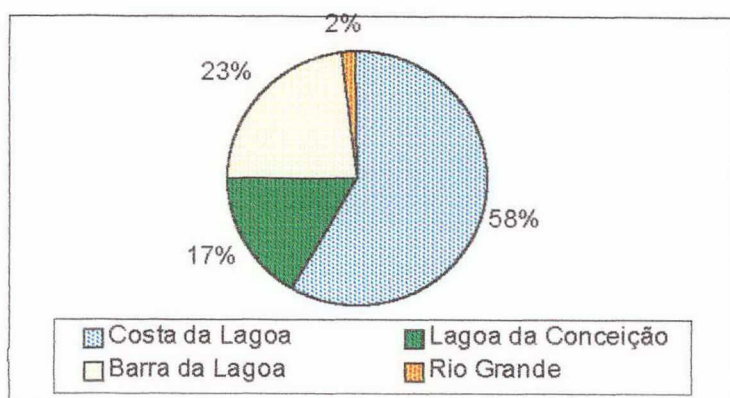


Figura 22: Local que normalmente pesca.

A maioria pesca peixe e camarão (Figura 23), podendo encontrar ainda siri e lula. Os instrumentos mais utilizados são a rede, para o peixe e a bernunça (foto 19), para o camarão.

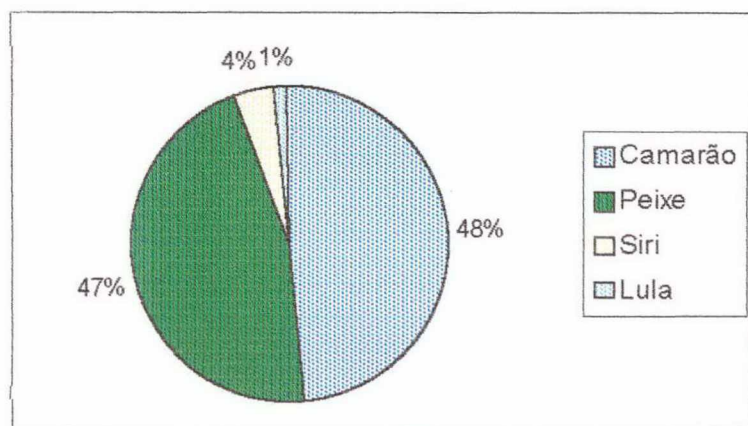


Figura 23: O que normalmente pesca.

Uma questão que chama a atenção é, que dentre 52 questionários respondidos, apenas 14 (27 %) afirmam conseguir viver da pesca, apresentando como justificativa afirmações do tipo:

*“Basta ter vontade”*

*“Nunca passei por necessidade”*

*“É difícil, mas dá para viver”*

Os outros 73 %, colocam como dificuldades o fato de não conseguirem da pesca:

*“É muito pouco, tem que ter outro emprego”*

*“Diminuiu muito o peixe, antes tinha mais”*

*“Tem que ter outro biscoite, pois não é sempre que tem”*



Foto 19: Pescador e seus utensílios de pesca. Em destaque a bernunça. Fonte: DIAS, 1999.

Quando cruzamos dados onde pesca e se consegue viver da pesca (Figura 24), percebe-se que há uma distribuição proporcional, entre os pescadores que conseguem ou não viver da pesca, nos diferentes pontos de pesca utilizado por eles. Conclui-se que o fato de viver ou não da pesca, não se relaciona com o local que pesca, e sim depende de outros fatores, como tamanho da família, necessidade financeira da família, ter comprador fixo e outros.

GARCIA (1999), encontrou resultados semelhantes, de acordo com as respostas ante a pergunta, porque a atividade – pesca – não é suficiente?, muitos dos pescadores não responderam ou manifestaram não saber, porém, são unânimes quando destacam a diminuição dos peixes na área.

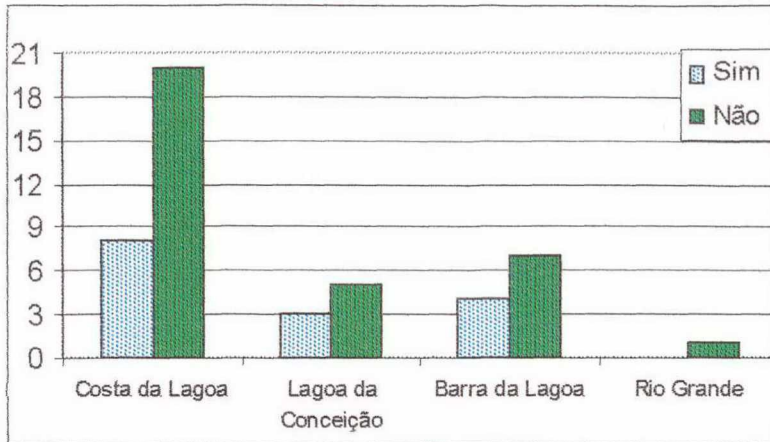


Figura 24: Cruzamento de onde pesca e se consegue viver da pesca

Outro ponto importante a ser destacado é a comercialização (figura 25), onde 58 % dos pescadores vendem os pescados na Lagoa da Conceição, 23 % na Costa da Lagoa, principalmente junto aos restaurantes locais e os que pescam na Barra da Lagoa, existem as empresas frigoríficas que compram praticamente todo o pescado local.

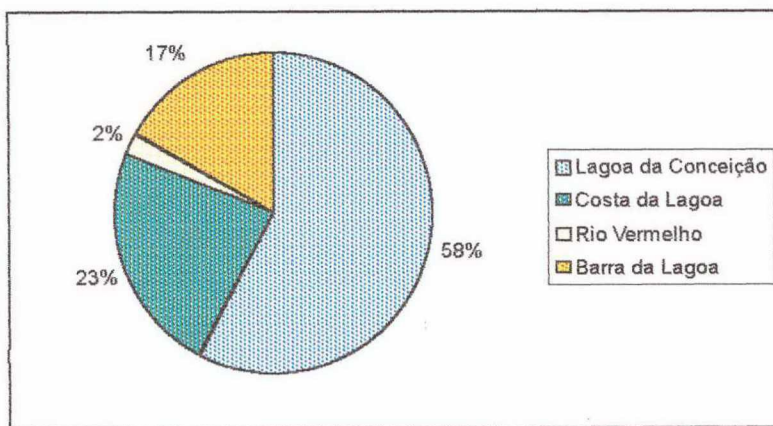


Figura 25: Local de comercialização do pescado.

Como o explanado anteriormente, a pesca é considerada uma atividade exclusivamente masculina. Fazendo parte da identidade dos homens Costenses.

A pesca tradicional, faz-se por duas formas: pesca á pé e pesca embarcado.



Na pesca embarcado são empregadas redes retangulares e circulares (anexo 03) e espinhéis com fateixas, podendo ser no interior da Lagoa da Conceição com malha 07 de rede ou em mar aberto, com malha variando de 8 a 11. Já na pesca a pé, são utilizadas redes circulares e retangulares, espinhéis, cocas, bernunças e linhas de varejo.



Foto 20: Rancho de pesca com as canoas utilizadas para pesca na Lagoa da Conceição.

## 6.1 O TURISMO NA COSTA

Um cenário paradisíaco, onde encostas dos morros cobertos de mata Atlântica beijam as águas calmas da Lagoa, numa paisagem bucólica ao amanhecer e final de tarde, juntamente com uma boa oferta gastronômica, sua pequena pousada e quartos familiares à alugar, fazem da Costa da Lagoa um local bastante procurado por turistas brasileiros e estrangeiros, que procuram um local calmo e agradável para passar os momentos de descanso. Fazer um passeio à Costa da Lagoa é conhecer um dos lugares mais lindos e exóticos de Florianópolis.

Os dez quilômetros até a Costa são percorridos pelas baleeiras em pouco mais de 40 minutos. O passeio é realizado por pescadores e/ou moradores que garantem nunca ter acontecido acidentes durante o trajeto. Chegando lá, há uma dezena de restaurantes com um cardápio variado de comida caseira e frutos do mar, além de muita paz, tranquilidade, banhos de lagoa e muito espaço para as crianças se divertirem.

Este trajeto e o passeio pela Lagoa, tem sido uma fonte de sustento para os “barqueiros”. São moradores que possuem baleeiras e a utilizam para o transporte de passageiros. Vale salientar que, de acordo com o questionário aplicado, um terço dos proprietários de embarcações a utilizam somente para o transporte de passageiros e não para a pesca.

Outro atrativo é a cachoeira existente no meio da vila, um convite imperdível ao visitante que quer se refrescar nos dias quentes do verão.

Os barcos da Cooperbarco (Floripinha) realizam o passeio até a Costa. Além de barco, pode-se chegar a pé até a Costa da Lagoa, praticando o chamado ecoturismo ou turismo ecológico. A Costa da Lagoa possui quatro trilhas, bastante exploradas por empresas de ecoturismo (anexo 04). Dentre elas, pode-se destacar:

- 1- Trilha do Macaco – Vargem Grande a Costa da Lagoa
- 2- Ratonas a Costa da Lagoa
- 3- Monte Verde a Costa da Lagoa
- 4- Caminho da Costa – Canto dos Araças – Costa da Lagoa

O turismo ecológico, a exemplo de vários países, onde é explorado como na Inglaterra, Espanha, nos Andes (Chile, Perú, Bolívia e Argentina), nos Estados Unidos e no Canadá, é uma alternativa para os que gostam do contato direto com a natureza. Esta opção, sem dúvida, fortalece o turismo na Costa da Lagoa, aumentando a possibilidade de serviços a serem prestados, sempre aliados à rusticidade local, já que este tipo de turismo é voltado totalmente à natureza.

## 6.2. RELATO DE ALGUNS MORADORES:

As informações abaixo relatadas foram obtidas de moradores da Costa da Lagoa durante a aplicação dos questionários e visitas informais à localidade. Muitas destas informações são imprecisas ou incompletas porque os informantes são pessoas já de idade e os registros se restringem às informações históricas, de sua família ou vizinhos.

Segundo Sr. Alvino, 79 anos, hoje morador da freguesia da Lagoa:

*“Era comum empréstá dinheiro e recebe em prata. Naquele tempo, o juro se chamava “prêmio”, e não tinha a Caixa e nem banco”.*

*“Na Costa tinha móveis, só bancos rústicos; a gente comia no chão, em cima da esteira. O que acabou com a Costa da Lagoa foi o luxo, a televisão, a luz elétrica, porque a terra mesmo continua lá pra se plantada”.*

*“Manoel Agostinho de Santo Anastácio Gonçalves, era juiz de paz. O nome do Manoel, vem acompanhado de Santo Anastácio, porque era comum colocar o nome do Santo do dia junto do nome”.*

Dona Tomázia (foto 21), também fez alguns comentários bastante interessantes sobre a Costa, um fato incomum aconteceu quando chegamos a sua casa, ela estava dando pedaços de banana para um filhote de lagarto (foto 22) que vinha todos os dias a sua casa alimentar-se.

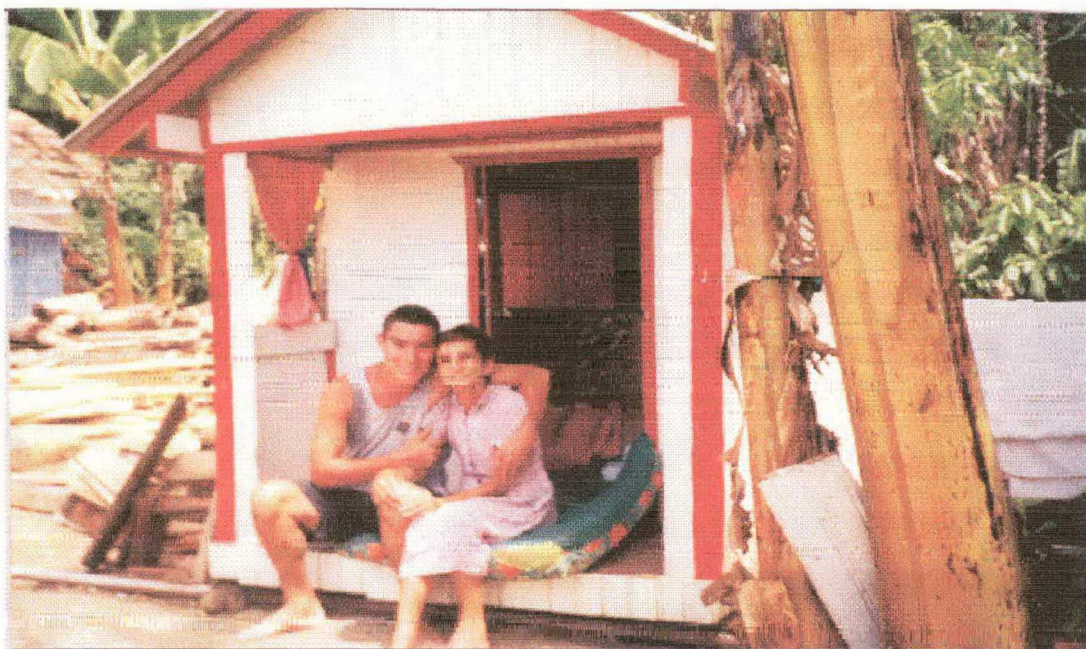


Foto 21: Dona Tomásia e seu filho Alan. Ambos nascidos e moradores da Costa da Lagoa. Ele é a primeira geração da família a chegar ao ensino médio. Fonte: DIAS, 1999.



Foto 22: Lagarto que a Dona Tomásia alimentava. Fonte: DIAS, 1999.

*“Dona Loquinha, foi uma pessoa muito boa, todo mundo gostava dela. Ela morava no sobrado 17, o mais velho da Costa (este sobrado possui mais de dois séculos). O marido da D. Loquinha chamava-se Casimiro”.*

*“... meu pai deu um pedaço de terra a um amigo que pediu, era assim, naquele tempo a terra não tinha valor. Hoje os antigos venderam tudo”.*

*“Muitos pretos trabalhavam na Costa, hoje não se trabalha mais. É no centro que estão os empregados. Hoje é melhor sim, porque tem aposentadoria...Hoje não tem pobre na Lagoa. Todo mundo pode comprá..... Aqui da Costa a gente saía cedo, pegava o bonde na Agrônômica. O bonde era puxado por três mulas”.*

Dona Bia, viúva, 86 anos (foto 23) relembra saudosa da Costa dos velhos tempos, onde todos pareciam ser da mesma família.

*“Tudo mudô muito, acabou o luto, a vergonha, a benção. Deus não abençoa mais ninguém, porque ninguém pede a benção... Naquele tempo, meu Deus do Céu...*

*“Antigamente, tinha bastante terreno, hoje, todo mundo é empregado... hoje, trabalha-se com os dentes e mastiga-se com a gengiva”.*

*“...hoje as pessoa tem dinheiro. Qualquer um tem dinheiro, não, não existe mais gente pobre mesmo como existia antigamente na Costa, mas também não existe riqueza. As plantaço na Costa acabaram, a pesca nos barcos, a pesca no Rio Grande do Sul”*

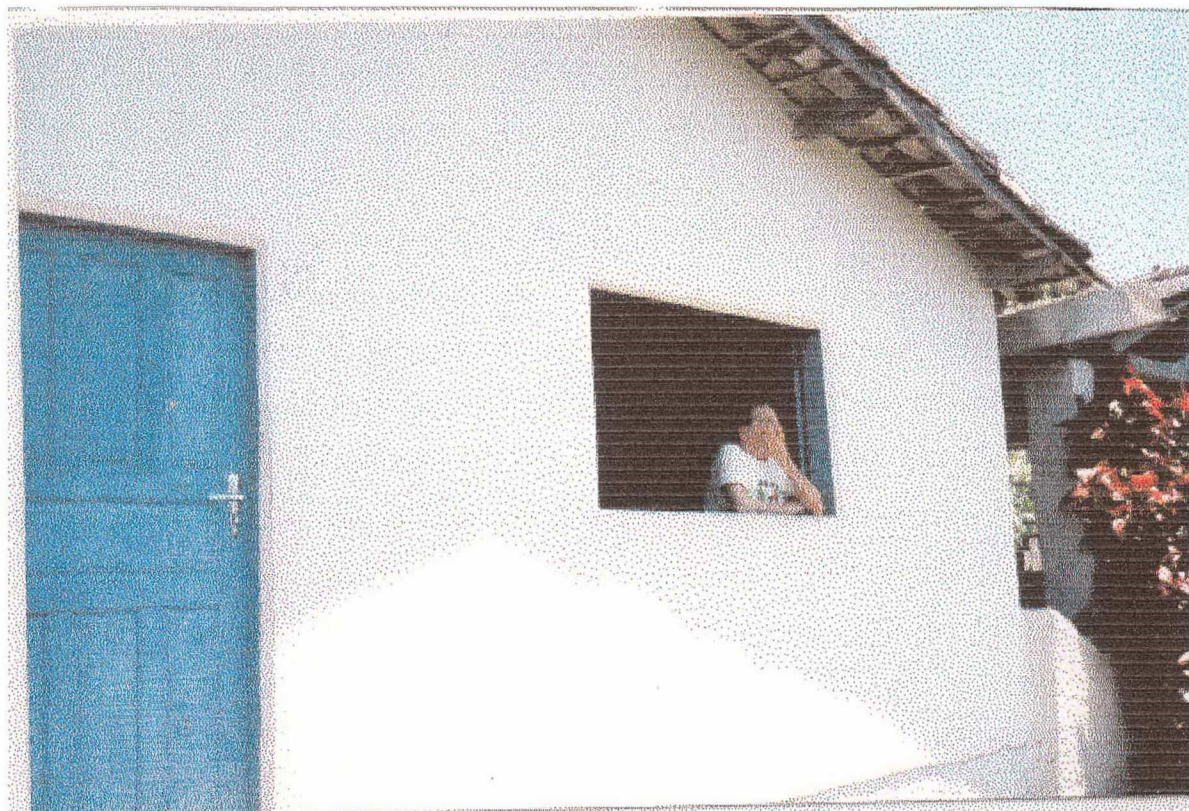


Foto 23: Dona Bia

### 6.3. A FAMÍLIA E A DISTRIBUIÇÃO DO PODER

A organização familiar da comunidade da Costa da Lagoa é formada a partir de pequenos núcleos populacionais centrados na figura dos pais, ou em alguns casos, em parentes mais próximos avó/avô, um tio/tia, etc. MALUF (1989) em suas observações feitas em relação às trajetórias familiares nas comunidades da Lagoa da Conceição, mostra que são as mulheres, que asseguram a continuidade e sobrevivência dos grupos familiares.

Quando analisa-se os espaços femininos e masculinos na comunidade da Costa da Lagoa, observa-se uma grande diferenciação entre os mesmos; a casa e os serviços a ela ligados são descritos como trabalhos, exclusivamente, femininos e a pesca e trabalhos exteriores à casa, trabalhos masculinos; porém, estas limitações espaciais tornam-se menos rígidas com o passar dos tempos.

Vale salientar que tarefas femininas, como, lavar roupa, cozinhar, cuidar da casa e dos filhos, “não são consideradas trabalho”, já que são realizadas no seio familiar. Trabalho para esta comunidade é definido como atividades realizadas longe do lar, ou em alguns casos, na sua proximidade; porém que exijam força física superior a da mulher. As meninas também participam das tarefas do lar e podem ser consideradas pequenas ajudantes, que realizam atividades como, cuidar de irmãos menores, olhar a comida no fogão, varrer o quintal, etc.

O ato de lavar roupa era considerado uma forma de sociabilização entre as mulheres, pois, era realizada coletivamente no córrego, pois, a salinidade das águas da Lagoa impede a lavagem das roupas (RIAL, 1988) e por uma questão de segurança e para preservar a sua integridade moral; quando da ausência dos homens nas pescarias. Além disso, essa prática era facilitada pela organização familiar em núcleos residenciais pelo grau de parentesco. Hoje, com a água encanada em todas



as casas, a lavagem de roupa em córregos foi esquecida, mas, as mulheres mais velhas lembram saudosas destes tempos.

*“Antes os marido iam pro Rio Grande, ficava nós, aí a gente fazia tudo junto, era tudo família. Era onde a gente conversava, falava da vida.”*

Antigamente, não existia, a figura da lavadeira, já que esta atividade era papel da dona-de-casa, sendo a mesma criada com a chegada de novos moradores, assim como, o papel de faxineiras, que trabalham exclusivamente para os moradores vindos “de fora”.

Apesar da diferenciação são as mulheres as responsáveis pelo lar, quando os homens afastam-se de casa por alguma razão, como ocorria quando iam pescar no Rio Grande do Sul, ficando meses fora de casa. Estas viagens representavam novos conhecimentos e o intercâmbio com outras culturas.

Nestas ocasiões, os homens antes de partir deixavam uma conta aberta na mercearia, para que a mulher pudesse comprar os gêneros de primeira necessidade e partiam para a pesca.

As mulheres por sua vez, cuidavam da casa, dos filhos e quando necessário também da roça, atividade comum na época. Segundo RIAL (1988),

*“a roça era fundamental na sobrevivência das famílias, fornecendo alimentos básicos como: mandioca, feijão, milho, arroz, batata-doce e inglesa, amendoim e cana de açúcar (utilizada na alimentação dos animais durante o inverno). Os produtos cultivados destinavam-se basicamente, ao consumo familiar, o pequeno excedente, quando existia, era comercializado no Centro, fazendo-se o caminho de Ratoles ou na freguesia da Lagoa”.*

Como fonte alternativa de renda, as mulheres, faziam a renda de bilro e vendiam as peças na Avenida das rendeiras. Com a crescente urbanização da região, esta relação com a renda modificou-se, apesar no número de rendeiras, ainda hoje, ser significativo na Costa da lagoa (foto 24). Existe uma resistência muito grande

das novas gerações em aprender a arte da renda de bilro. Tal resistência é justificada quando constata-se que, para uma pequena toalha de renda de bilro (aproximadamente 20 cm de diâmetro), leva-se três dias de trabalho e é vendida a R\$ 5,00 (cinco reais); um trilho de mesa (1 a 2 metros) leva três meses para estar pronto e é vendido em torno de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais). Esses valores são pequenos, quando analisa-se que em uma faxina ganham cerca de R\$ 30,00 (trinta reais) por dia, ou em outro emprego ganharão, no mínimo, um salário mínimo, além de garantias trabalhistas. Outro grande problema sofrido pelas rendeiras é o desgaste físico como, deficiência visual, dores nas costas e articulações causadas pelos movimentos repetitivos.



Foto 24: Rendeira Dona Maria. Fonte: própria.

Com o retorno dos homens, a divisão dos espaços imposta anteriormente era retomada, ficando a mulher restrita ao lar e seus afazeres, até a próxima partida. Neste sentido, pode-se afirmar que, o mundo masculino é mais facilmente penetrado pelas mulheres do que o contrário.

A pesca é a principal constituição da identidade masculina; através dela

os jovens fazem a passagem para o mundo dos homens, sendo assim, proibida para as mulheres, bem como, as tarefas e espaços a ela determinados. Esta proibição tende a ser mais maleável, quando da necessidade da mão de obra feminina da tecelagem das redes ou remendo das mesmas, ou até mesmo na falta de homens para a pesca (em raras exceções). A mulher era permitida a pesca com “coca”, siri ou camarão no baixio da Lagoa, geralmente praticada em conjunto com as filhas e filhos que não possuíam idade para a pesca em barco.

Os ranchos de pesca eram proibidos as mulheres, por serem considerados locais perigosos, onde os homens trocavam idéias e consumiam bebidas. “Eram as casas dos homens”, o que vem a confirmar a divisão dos espaços: casa – espaço feminino, rancho – espaço masculino. DIEGUES (1997), afirma que o lar é o domínio da mulher e da família e o barco, o espaço masculino.

Hoje, a atividade pesqueira dos homens é feita no litoral da Ilha ou na própria Lagoa, restringindo a ausência dos homens a poucas horas. O mesmo não aconteceu em outras comunidades pesqueiras, como em Ganchos (Governador Celso Ramos), litoral central de Santa Catarina, descrita por GERBER (1997), onde os homens dependem totalmente da mulher para situarem-se em suas casas, conforme relatos à autora feitos pelos homens: “*Em casa ela quem manda*” e mulheres, “*às vezes ele não sabe nem o lugar das coisas*”. Neste caso, verifica-se que os homens são considerados pessoas de passagem, hóspede, já que a sua permanência em terra é curta (DIEGUES, 1997).

Porém, com a modernização e conseqüente diminuição da atividade pesqueira nos últimos anos, o trabalho na construção civil e empreendimento voltados ao turismo, constituem hoje, como espaço de sociabilidade masculina, auxiliado pelo turismo e moradores vindos de outras localidades.

A intensificação do turismo exigiu a profissionalização da mão de obra, especialmente feminina, já que o espaço “casa” foi transformado em “restaurante”. As jovens solteiras trabalham como empregadas domésticas, balconistas e atendentes de loja em outros locais da cidade ou trabalham com os familiares nos

restaurantes da comunidade. O fato de trabalharem mais cedo, gera uma modificação no quadro familiar, os filhos entram mais cedo para a escola. Até pouco mais de dez anos atrás, as crianças no máximo, chegavam a ser alfabetizadas e logo abandonavam a escola, ajudando em casa (roça, pesca) ou trabalhando fora (pequenos trabalhos, auxiliar de pedreiro), contribuindo com a renda familiar.

Embora exista hoje, a modernização do instrumento doméstico, originando facilidades no trabalho feminino, continuam a existir espaços bem definidos para homens e mulheres.

#### 6.4. CRENÇAS

Na Ilha de Santa Catarina, conhecida como “Ilha da Magia” seria impossível não comentar-se sobre as bruxas, figuras do imaginário popular que assustam e encantam, pelo seu poder.

CASCAES (2000: 11) explica a origem das lendas que se referem as bruxas, do seguinte modo:

*“Olha foi uma herança para nós aqui na Ilha de Santa Catarina do açoriano colonizador, aqui, porque esta idéia, este pressentimento ou está no superstição ou qualquer coisa que o valha é mundial (...) Quando Portugal começou a colonizar os Açores, a partir de 1400, por esta época, naquelas ilhas desérticas, no coração de Oceano Atlântico, tudo era fantasma. Porque o mar bramindo, batendo com toda a velocidade que ele tem nas suas ondas, naqueles rochedos, a gente tem sempre a impressão de que está dentro de um barco.”*

KAPPLER (1994 *apud* DIEGUES, 1997) explica a presença da mulher nos relatos de bruxaria da idade média, onde a luxúria era relacionada a monstros e demônios por vezes dotados de seio, numa época em que o feminino vai significando imagem da luxúria, culpa e maldição, imagem das bruxas, nos manuais da inquisição.

*“Essa afinidade da luxúria com o mundo úmido do interior do corpo, com a umidade feminina é enfatizada aqui com simplicidade magistral (...) Quando o mito da feitiçaria se desenvolveu, a sociedade medieval conseguiu projetar seu medo da mulher, seu*

*medo da morte. A feiticeira encarna a face noturna da mulher.*"  
(KAPPLER, 1994: 378 *apud* DIEGUES, 1997)

Segundo CASACES (2000) o isolamento da Ilha de Santa Catarina teria causado a proliferação das lendas, que infelizmente, estão desaparecendo em nome da urbanização acelerada e a perda de identidade das comunidades tradicionais, onde a cultura era passada de geração para geração.

Em alguns textos de 1968, CASCAES conceitua bruxa, como a sétima filha do casal, sem que neste intervalo houvesse nascido um filho homem. Porém a cultura popular também define como bruxa, a mulher que foi excomungada pela igreja ou as convidadas a serem bruxas pela rainha das bruxas. Dona Bia, 86 anos, moradora da Costa da Lagoa, afirma que a mulher bruxa já nasce bruxa e quando desconfia-se da mesma, tem-se que emborcar panela vazia sobre o fogão e não fazer mais nada, quando a mesma quiser ir embora, não poderá sair, pois está amarrada, se pedir para desembocar a panela é porque é bruxa. Como o relato acima, verifica-se que a origem das bruxas é bastante contraditória, porém, é unânime a crença em sua existência.

CASCAES (1968) relata que as pessoas preferidas para a atividade bruxólica são as criancinhas ou recém-nascidos, das quais elas chupam o sangue até matá-las. As horas preferidas das bruxas é após a hora da Ave-Maria (18:00 hs) até as "horas mortas"(meia-noite), quando se recolhem.

Um tema bastante comum nas narrativas sobre bruxas é o da criança embruxada, que emagrece, pára de se alimentar, chora o tempo todo e tem manchas roxas pelo céu da boca. Porém, muitas famílias por falta de leite em casa, faziam chupeta de torrões de açúcar, logo, havia muitas crianças desnutridas, justificando assim, a morte de muitas delas, da mesma forma descrita nas narrativas sobre bruxas e feiticeiras.

Freqüentemente encontram-se relatos de aparições de bruxas em rancho de barco de pescadores, onde promovem orgias. RIAL (1988: 223) cita as bruxas como:

*“Eram representadas com o corpo de uma mulher, mas possuíam poderes e manipulavam conhecimentos que não eram comuns as outras mulheres e, ao mesmo tempo, se aproximavam do mundo dos homens por disporem livremente de sua sensualidade. Eram mulheres, porém, transgressoras.”*

Segundo CASCAES (2000) os encontros das bruxas acontecem semanalmente nas sextas-feiras, após às 18:00 horas, correndo dentro de grutas de pedras, debaixo e por cima de figueiras, dentro de ranchos ou estrebarias. Os temas principais das reuniões são as técnicas físicas – corpóreas garantindo-lhes a metamorfose, defesa contra as benzedeiros, entre outros.

Os depoimentos são incisivos ao declarar que, somente benzedeiros podem acabar com o embruxamento. Porém, muitas famílias por falta de leite em casa, faziam chupeta de torrões de açúcar, logo, havia muitas crianças desnutridas, justificando assim, a morte de muitas delas, da mesma forma descrita nas narrativas sobre bruxas e feiticeiras.

Um relato bastante conhecido na Lagoa é o da procissão das almas; muitos pescadores a viram.

*“Uma noite, por volta das dez e meia da noite, havia uma luz que se movia muito rápido no morro da costa. Todos os que estavam na água rezaram (...) Quando chegaram em casa e começaram a descarregar a canoa, surgiram muitos cavalos e os molhou. Foram correndo para as suas casas e deitaram-se daquela forma todos molhados com água salgada, rezando. A luz havia se transformado em cavalos e feiticeira.” ( Seu César João, 96 anos)*

Os depoimentos são incisivos ao declarar que, somente benzedeiças podem acabar com o embruxamento. CASCAES (1968) declara que para neutralizar o poder das bruxas, as vítimas devem preparar exorcismos, armadilhas e remédios.

Muitas outras rezas existem contra embruxamento, como a descrita abaixo e na figura 25, encontrada dentro de um livro doado, na biblioteca do Colégio Estadual Henrique Veras, Lagoa da Conceição, Florianópolis, cuja procedência é desconhecida:

*“Bruxa, tatarabruca, aguilhão nos teus pés e antôlhos nos teus ôlhos.*

*Tu não me entres aqui nesta casa, nem nesta comarca tôda.*

*Em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém.” CASCAES, 1968)*



## Reza contra Bruxas

Pela cruz de São Salmão, que te trouxe  
com a vela bruta da Sexta-feira da  
Bruxão. treze raios tem o sol, treze  
raios tem a lua, salta demônio para  
o inferno que este alma não é tua,  
Tosca, manasca, rabo de rosca, aqui estão  
nos teus pés e nelho na tua Bunda.  
Por cima do <sup>alvado</sup> por <sup>brax</sup> do  
kelhado, São Pedro e São Paulo e São  
Yonista, dentro da casa São João  
Balista.

Bruxa, letara-bruxa, tu não me  
entres nesta casa, nem nesta  
comarca toda, por todos os  
Santos dos Santos. Amém

Figura 25: Reza contra bruxa

## 6.5. AS BENZEDEIRAS

As benzedadeiras são as mulheres que representam o contra-poder às bruxas, sendo assim, imagens de respeito dentro da comunidade. Apenas as benzedadeiras podiam entrar na mata fechada, para encontrar as ervas para as suas curas, às outras mulheres esta era uma atividade proibida pelo seu perigo (aranhas, cobras e outros bichos). Tal fato, confirma o status e respeito atribuído às benzedadeiras dentro da comunidade.

Segundo MALUF (1989: 149)

*“As benzedadeiras dominam o espaço e os objetos ligados ao cotidiano feminino, não apenas para enfrentar as bruxas, mas, para exercer as suas atividades, nas curas, nos partos e nas benzeduras em geral. Objetos estes, como tesouras, linha e agulha, pilão, brasas, copo com água, entre outros, porém sempre acompanhados de rezas, onde predominam as invocações e pedidos dirigidos à nossa Senhora (Virgi Maria). Assim, a linha e a agulha são utilizados na benzedura contra mau-jeito, na qual, junto com a reza a benzedeira simula que está costurando sobre parte do corpo que foi machucada. Contra dor de cabeça ou “sol na cabeça”, os objetos são um guardanapo, disposto sobre a cabeça do doente, e um copo cheio d’água é colocado, com a boca virada para baixo, sobre o guardanapo.*

*Porém, é importante salientar, que o instrumento utilizado pelas benzedadeiras são “coisas da cultura”, isto é, são instrumentos de uso diário utilizados no contexto em que a benzedeira está inserida, utilizados para transformar os produtos da natureza em objetos de cura.”*

As benzedeadas passavam seus conhecimentos a outras mulheres que acompanhavam seus passos para aprender as rezas, os remédios, conhecer as ervas, etc.; porém, era comum em conversas informais as rezas serem passadas ao grupo.

Hoje na Costa da Lagoa não existem mais benzedeadas, as famílias recorrem a algumas benzedeadas que moram na freguesia da Lagoa. Das três (03) benzedeadas da Costa, todas mudaram-se para outros bairros. Algumas das benzedeadas conhecidas na Costa da Lagoa, foram a Benta da Barra, Virgem, Valdelina, Rita, Valdete, Maria Polina, Maria Benzedeadas, Lorita, Lurdinha e Maria Ramos. (fonte: questionário aplicado)

No Anexo 05 são apresentados algumas rezas utilizadas na Costa da lagoa.

## 6.6. AS PARTEIRAS

Conhecimentos sobre partos, partilhado, exclusivamente, pelas mulheres, são obtidos quando se acompanha uma benzedeira como ajudante, um momento iniciático bastante importante para a aprendiz de benzedeira. A candidata procurava uma parteira e a acompanhava quando a mesma era chamada para um parto. A aprendiz ficava responsável por voltar sempre á casa e dar banho na criança até cair o umbigo.

Hoje, na Costa da Lagoa não existem mais parteira e segundo D. Tomázia, mãe de 12 filhos:

*“As veiz quando a parteira chegava, a criança já tinha nascido, era só uma bochecha d’água. Agora tá fácil, a gente liga pra ambiental (Policia Ambiental), as veiz vem até avião”.*

Ou ainda segundo o depoimento de Seu César, 96 anos, viúvo, pai de 10 filhos, hoje 3 vivos. A Costa possuía 4 ou 5 parteiras, que pediam uma lata de banha e brasa.

*“Era uma mulher deitada, uma brasa do lado, uma lata de banha, as mão na barriga e era só esperá a família chegá. (S. César – morador mais velho da Costa, não sabe precisar sua idade – foto 25)*

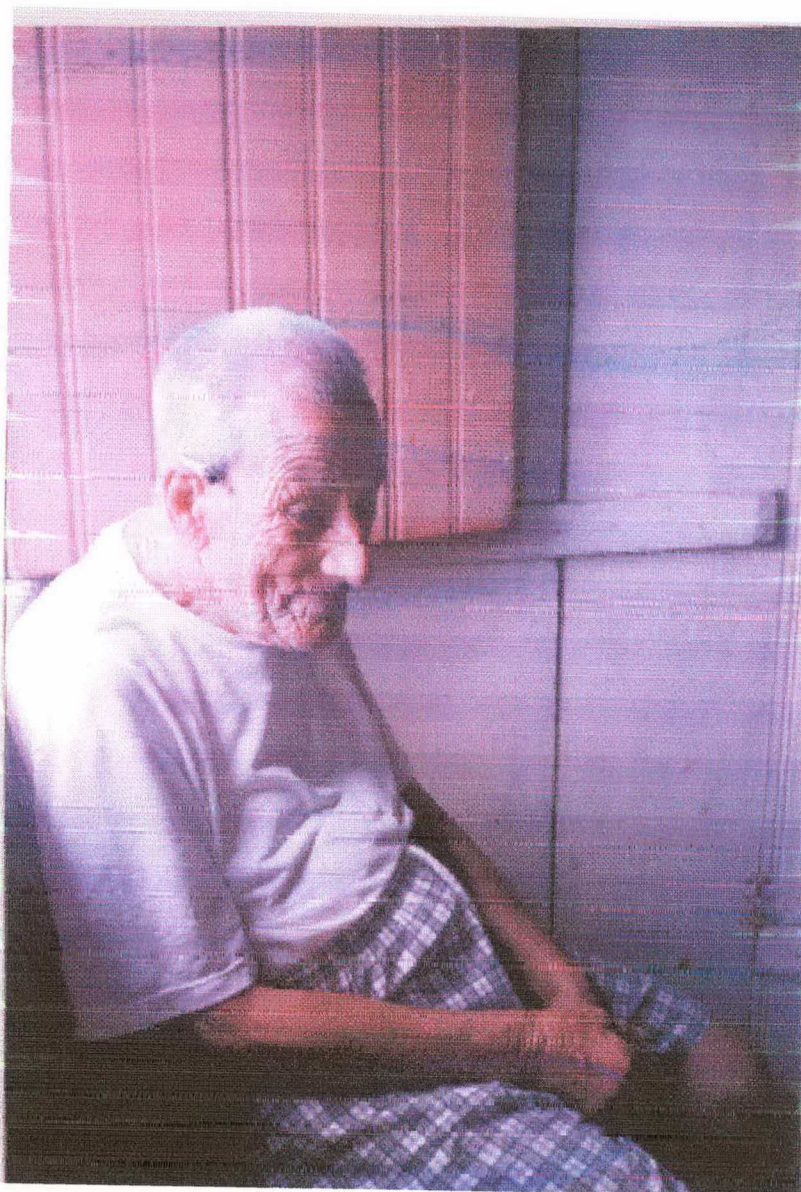


Foto 25: Seu César. Fonte: DIAS, 1999

A inexistência de parteiras deve-se ao fato de, as mulheres mais novas não quererem ter os filhos em casa, a preocupação com a segurança própria e a das crianças as leva a fazerem o pré natal e terem os filhos em hospitais.

Em casos mais urgentes, a polícia ambiental é chamada e o transporte da gestante é feito por helicóptero, já nos casos em que é possível a espera, a paciente é levada por barco até o Rio Vermelho e de lá transportada por carro até o hospital.

É importante salientar que, as benzedadeiras, em sua maiorias também eram parteiras.

Segundo os relatos dos costenses, as parteiras eram Virgínia da Conceição, Laurita, Maria, Intelvina, Maria do Bilé, Lixandrina, Sinhá Marinha e Lorita. (Fonte: questionários aplicados)

## 6.7. A LINGUAGEM ORAL

O Costense utiliza muitas alcunhas ou apelidos. Muitas pessoas são conhecidas apenas por eles. Certas alcunhas prevalecem para a família toda e se conservam através das gerações. Os nomes de família, masculinos, vão para o feminino, quando se referem a mulher: “as Coelha”, “as Fermina”. Os homens, geralmente, são designados pelo nome da mãe: “o João da Nica”, “o Pedro da Rosinha”.

Os diminutivos são irregulares: João – Janguinho; Joaquina – Quinota; Antônia – Toinha; Maria – Mariquinha; Manoel – Manequinha. Outros não tem nada que se relacione com o nome ou o sobrenome: Dominguinha, Nelinho, Pixuca, Filinho.

O tratamento entre pessoas da mesma idade é “tu”. Dos filhos para os pais, avós, tios ou pessoas mais velhas é “senhor” ou “senhora”.

É comum que as pessoas empreguem ditos e expressões religiosas peculiares: “pelas chagas do nosso Senhô Jesus”, Nossa S’ora nus cubra cum seu santu mantu”, “valei-me Jesus”, “Deus ti sarve”, “ai Jesus”, “cruzes”, “tésconjuro”.

Outras expressões que também são bastante utilizadas, descreveremos a seguir:

Expressão	Significado
Fazendo boca di siri	Silenciar
Si mandô	Foi embora
Matá peixe	Pescar
Não morreu, foi matado	Homicídio

Deu no pé	Fugiu
Deu cuns burro n'água	Saiu-se mal
É bagri miúdu	Coisa pouca
É má di intuitu	Mal intencionado
Deu linha	Deu confiança
Saiu rabiando	Sair contrariado
Ismilinguido	Magro, fraco
A bôca da noiti	Anoitecer
Foi pescá canhãha	Mau pescador
Genti di fora	Estranhas à terra
Lá pras bandas de...	Naquela localidade
Responso	Benedura para encontrar objetos perdidos

Figura 27: Expressões típicas coletadas pelo autor durante o período de pesquisa.

Estas expressões foram coletadas no decorrer das conversas com os moradores e a maioria de seus significados foram buscados em ALEXANDRE (1998). Com estes exemplos, percebe-se claramente o “jeito manézinho” de se comunicar. As expressões caracterizam a colonização açoriana e a maneira própria de falar dos moradores típicos da Ilha de Santa Catarina.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Os resultados demonstraram que a comunidade da Costa da Lagoa, pode ser considerada ainda como comunidade tradicional, já que, mantém um modo de vida diferenciado, preservando a sua identidade.
- A pesca artesanal deixou de ser o principal meio de sobrevivência, porém, continua sendo praticada, mas, o produto da pesca é para consumo próprio ou abastecimento dos restaurantes da localidade, salvo raras exceções.
- A comunidade possui forte religiosidade, 98 % dos entrevistados são católicos e quase todas as suas festas populares são religiosas.
- Os costenses possuem um grande apego ao “lugar”, onde 93 % dos entrevistados são nascidos na localidade, criando fortes raízes locais.
- Acompanhando a média nacional, o número de filhos por casal tem se reduzido, quando comparado às gerações anteriores. Isto se deve às melhores condições de educação e saúde.
- A educação apresenta grandes evoluções, enquanto que na geração dos pais, 32% não possuía qualquer nível de escolaridade formal, na geração atual, não encontrou-se nenhuma criança em idade escolar fora da sala de aula e 4 % com nível superior completo.

- As mulheres desempenham, em sua maioria (83 %), a função de “do lar”, sendo bastante visível as delimitações do espaço “masculino” e “feminino”. Esta característica aparece principalmente na pesca, pois, os ranchos (local da guarda dos barcos e material de pesca) são um local exclusivo dos homens.
  
- Pode-se qualificar como “boa” a qualidade de vida dos moradores da Costa da Lagoa, pois, possuem casa própria (em sua maioria), luz elétrica e água (proveniente das cachoeiras do local); todos os informantes atentam para as mudanças ocorridas na localidade (luz elétrica, posto de saúde, melhoria do caminho, etc.), porém, são unânimes em afirmar seus benefícios.
  
- Com um maior acesso à informação e serviços médicos, muitas das alternativas utilizadas anteriormente, como benzedadeiras e parteiras, não estão sendo mais usadas pela comunidade. Com a facilidade de locomoção, inclusive com helicóptero da Polícia Ambiental, os partos são todos realizados nas maternidades de Florianópolis, não havendo mais parteiras na comunidade.
  
- A comunidade sempre esteve afastada das decisões políticas da cidade, devido à sua localização isolada e falta de instrução por parte dos mais velhos, não obtendo assim qualquer benefício. Com melhor grau de instrução e organização, as novas gerações, têm intensificado suas solicitações aos órgãos públicos. Hoje, a comunidade possui posto de saúde (com médico diário), posto telefônico, caminho calçado em regime de mutirão (com material cedido pela Prefeitura).
  
- Um dos grandes problemas enfrentados pela comunidade é a falta de estrutura sanitária. O projeto da rede de esgotos local está sendo providenciado pela Companhia de Águas e Saneamento (CASAN).

- Os moradores da Costa, demonstram boa aceitação de novas alternativas econômicas sustentáveis, compatíveis com a conservação do local, que pode vir através do turismo sustentável, de programas de educação e vivências.
- O turismo, desde o início da década de 80, tem sido uma das molas do desenvolvimento econômico da Costa, pois, está sendo desenvolvido pelos próprios moradores, sem investimento externo. Tanto os estabelecimentos comerciais (restaurantes), quanto o transporte são de propriedade de “costenses”.
- O turismo é praticado de forma amadora na Costa da Lagoa, apesar de existir um forte interesse por grande parte da população de que esta atividade possa ser economicamente rentável.
- A comunidade mantém-se bastante fechada, sendo que a maioria das casas construídas são de pessoas da própria localidade.
- Para a comunidade da Costa, a localidade possui valor de uso como condição de vida material e cultural. Suas atitudes, expressam estratégias de sobrevivência, sugerem a defesa de um território com sua diversidade de recursos naturais e culturais, isto é, uma organização particular, um conjunto de técnicas especializadas e “saberes ecológicos”, enfim, um modo único de relação com a natureza.
- A Costa da Lagoa deve valorizar-se pela sua biodiversidade, seu caráter único. É a dialética que a une ao mundo, é a sua identidade. A Costa está longe de ser

uma mercadoria para ser consumida, é um local a ser respeitado e apreciado pelas suas belezas.

## **7.1. RECOMENDAÇÕES**

- Torna-se necessário o desenvolvimento de estratégias e ações que visem o desenvolvimento sustentado e a livre determinação sobre a evolução dos perfis culturais das comunidades tradicionais.
- Implantar de forma conjunta – comunidade, através de associações e órgãos públicos, um banco de informações sobre a localidade, visando a obtenção subsídios e apoio técnico necessário ao desenvolvimento, implantação e implementação dos planos, programas e ações de interesse de comunidades tradicionais.
- Promover a articulação com os órgãos ambientais, entidades de pesquisa e ONGs e universidade, com o objetivo de definir as políticas e implementação das ações demandadas pela comunidade
- A relação entre Costenses e meio ambiente será positiva, enquanto houver a possibilidade de manter o progresso humano, sem prejuízos permanentes à natureza. Para tal, recomenda-se concretização de um plano de desenvolvimento econômico sustentável.
- Elaborar um projeto integrado de turismo, ressaltando a riqueza ecológica, histórica e cultural local. Como sugestão tem-se a criação de um Centro Cultural local, contendo um Museu da Pesca, onde seria exposto os artefatos de

pesca, um local para expor e vender o artesanato local, uma sala para oficinas, treinamentos e cursos para a comunidade e uma sala de pesquisa, onde pesquisadores tivessem o ponto de apoio para pesquisas locais.

- Implementar, em conjunto com outras comunidades da Lagoa e ONGs, a intensificação dos esforços para coibir novas construções clandestinas, projeto de um sistema de esgoto para a comunidade e regularização junto a Prefeitura das casas já construídas, visto que a comunidade está em Área de Preservação Permanente (APP) estão sendo implantadas.
- Em conjunto com a prefeitura e órgãos ambientais, promover um plano de ocupação e uso do solo, para a Comunidade.
- Coibir projetos que implemente a construção de uma estrada , gerando acesso de veículos automotores até a localidade, talvez, este seja o maior temor dos moradores.

## 8. BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, J.B.S.; FILOMENO, M.J.B. & SIERRA DE LEDO, B. 1994. Ocorrência e Distribuição Espaço-Temporal de Sciaenidae (Pisces-Teleostei-Perciformes) na Lagoa da Conceição e áreas litorâneas adjacentes, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. III Simpósio de Ecossistemas da Costa Brasileira, ACIESP 1.
- AGUIAR, J.B.S. & FILOMENO, M.J.B. 1995. Hábitos Alimentares de Orthopristis ruber (CUVIER, 1830), (Osteichthyes-Haemulidade) na Lagoa da Conceição – SC, Brasil. Biotemas, 8(2).
- ALEXANDRE, F. 1998. Dicionário da Ilha: falar e falares da Ilha de Santa Catarina. Cobra Coralina, Florianópolis
- ALMEDIA, J.R.; MORAES, F.E.; SOUZA, J.M. & MALHEIROS, T.M.. 1999. Planejamento ambiental: caminho para participação popular e gestão ambiental para nosso futuro comum: uma necessidade, um desafio. 2 ed. revisada e atualizada, Thex Editora Ltda, Rio de Janeiro.
- ASSUMPÇÃO, D. T. G.; TOLEDO, A. P. & D'AQUINO, V. A. 1981. Levantamento ecológico da Lagoa da Conceição. I: Caracterização dos Parâmetros Ambientais. Ciênc. Cult.
- BARBETA, P.A.1999. Estatística Aplicada às Ciências Sociais. 3 ed, Editora da UFSC, Florianópolis.
- BECKER, B. K. 1993. A Amazônia pós ECO-92. Para pensar o Desenvolvimento Sustentável. Bursztyn, M. (org.), Ed. Brasiliense, S. Paulo.
- BORGES, E. & SCHAEFER, B.O. 1994. Vozes da Lagoa. Fundação Franklin Cascaes, Prefeitura Municipal de Florianópolis.
- BRASIL. Código Florestal. Lei n. 4.771 de 15/09/1965.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Resoluções, n. 1, de 23/01/1986; n. 4, de 18/09/85; n. 13, de 06/12/1990.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

BURSZTYN, M. (org.).1993. Para pensar o desenvolvimento sustentável Brasiliense, São Paulo.

CABEZA DE VACA, A.N. 1987. Naufrações e Comentários. Porto Alegre e São Paulo. L&PM Editores.

CABRAL, O.R. 1979. Nossa Senhora do Desterro. Florianópolis, Lunardelli, v. 1 e 2.

CARLOS, A.F.A. 1997. O Turismo e a Produção do Não-Lugar. Hucitec, São Paulo.

CARUSO, R. 1981. Franklin Cascaes e a Colonização Açoriana. UFSC, Florianópolis.

CASCAES, F.J. 1968. Coletânea de Textos. Museu Universitário. UFSC, SC

CASCAES, F.J. 1975. O Fantástico na Ilha de Santa Catarina. Lunardelli, Florianópolis.

CASCAES, F.J. 2000. O Fantástico na Ilha de Santa Catarina. Editora da UFSC, SC.

CASTRI, F. 1978. Palnning International Interdisciplinary Research. Sci. Publ. Pol. v.5.

CAVALLINI, M.M. 1997. Estudo Sócio-Ecológico em uma Comunidade Rural Situada ao Sul do Estado de Minas Gerais: subsídios ao manejo ambiental em pequenas propriedades. Tese de Dissertação de Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais. UFSCar, São Carlos, SP.



- CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA CECCA/FNMA. 1997. Uma Cidade numa Ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Insula, Florianópolis.
- CLARK, J. R. 1997. Coastal Ecosystem Management: A Technical Manual for the Conservation of Coastal Zone Resources. John Wiley & Sons.
- COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE (CDMAALC). Nossa própria agenda. São Paulo: Linha Gráfica, 1990.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CNUMA). 1996. Agenda 21. Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas. Praça dos Três Poderes, Via N-2. Unidade de Apoio III. Brasília, D.F., Brasil
- DIEGUES, A.C. 1995. Povos e Mares: Leituras em Sócio-Antropologia Marítima, NUPAUB-USP, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 1997. Ilhas e Sociedades Insulares, NUPAUB-USP, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 1998. Estudo Sobre Conhecimento Tradicional Associado à Biodiversidade no Brasil. MMA/SBF. <http://www.mma.gov.br/biodiversidade> (capturado 8 mar. 2000)
- DUTRA, S.J. 1991. - Caracterização Geoambiental da Bacia de Drenagem do Rio João Gualberto, Ilha de Santa Catarina, SC. Dissertação. Bacharelato em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- ESTEVES, F.A. 1988. Fundamentos de limnologia. Ed. Interciência, São Paulo.
- FERRAZ, S. 1972. Direito Ecológico, Perspectivas e Sugestões. – Revista da Consultoria Geral do Rio Grande do Sul, vol. 2, n. 4, Porto Alegre.

- FONTELES, J.O. 2000. Jericoacoara: Turismo e Sociedade. Edições UVA, Sobral.
- FRIEDMANN, J.R.P. 1960. Introdução ao Planejamento Regional. FGV, Rio de Janeiro.
- FRIEDMANN, J.R.P. 1960. Planejamento Regional. FGV, Rio de Janeiro.
- GARCIA, A.A. 1999. Diagnóstico Ambiental da Lagoa da Conceição e do Canal da Barra Através de Indicadores Físico-Químicos dos Sedimentos de Fundo e dos Indicadores Socio-Ambientais, Florianópolis, SC, Brasil. Tese de Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental. UFSC. Florianópolis.
- GERBER, R.M. 1997. Estranhos e Estrangeiros – Um estudo antropológico com mulheres sobre a mídia em Ganchos/Ganchos na mídia. Tese de dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, SC
- GUIA QUATRO RODAS BRASIL 2000. Ed. Abril.
- GUIMARÃES, E.M.M. 1995. A Pesca Tradicional em Maricá (RJ) Sob uma Perspectiva da Ecologia Cultural. Tese de Dissertação de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais. UFSCar, São Carlos, SP.
- HAUFF, S. N. 1996. Diagnóstico Ambiental Integrado da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição - Florianópolis, SC. Tese de Dissertação de Mestrado em Geografia. UFSC, Florianópolis.
- HOGAN, D. J. e VIEIRA, P. F. 1995. Dilemas sócio Ambientais e Desenvolvimento Sustentável. 2ª edição – Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. 1991. Censo demográfico de Santa Catarina. ( Município de Florianópolis), Santa Catarina, Brasil.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. 1995/1996. Brasil em Números, Rio de Janeiro, v.4.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. 1998. Anuário Estatístico do Brasil, Rio de Janeiro, v.58.

Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis/IPUF. 1981. Tombamento do Caminho da Costa da Lagoa da Conceição.

Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis/IPUF. 1991. Ante-Projeto do Sistema de Abastecimento de Água da Costa da Lagoa.

Instituto Nacional de Meteorologia/INEMET-1980. Normais climatológicos. Florianópolis, SC. In: IBGE/1981- Anuário Estatístico do Brasil.

INTERNET: [www.guiafloripa.com.br](http://www.guiafloripa.com.br)

[www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)

IUCN. 1984. Estratégia Mundial para a Conservação: A Conservação dos Recursos Vivos para um Desenvolvimento Sustentado. CESP. São Paulo.

JESUS, T. P. 1993. Caracterização Perceptiva da Estação Ecológica de Jataí, por Diferentes Grupos Sócio-culturais de Interação. Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais. São Carlos/SP.

KANGAS, T.S. 1999. O Holocausto da Palavra. Revista Cultura Idiomas, Cadernos 211, São Paulo, Julho e Agosto.

LAGO, A. & PÁDUA, J. A. 1984. O que é ecologia. São Paulo: Brasiliense.

LAGO, M. C. S. 1996. Modos de Vida e Identidade - Sujeitos no Processo de Urbanização da Ilha de Santa Catarina. Ed. UFSC: Florianópolis.

MACHADO, P. A. L. 1991. Direito Ambiental Brasileiro. – São Paulo : Revista dos Tribunais.

MAGALHÃES, J. P. 1998. A Evolução do Direito Ambiental no Brasil. São Paulo, Editora Oliveira Mendes.

MAIA, N.B. & LESJAK, H. 1997. Indicadores Ambientais. USP, Sorocaba, SP.

- MALUF, S.W. 1989. Encontro Perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Tese de Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFSC, Florianópolis, SC.
- MANN, P.H. 1993. Métodos de Investigação Sociológica. ZAHAR, Rio de Janeiro.
- MARGALEF, R. 1986. Ecologia. Barcelona. Ediciones Omega, 915p.
- MARTIN, F.; LANA, P.C. Aspectos Jurídicos relativos à proteção dos Manguezais da Baía de Paranaguá (Paraná, Brasil). Anais do III Simpósio de Ecossistemas da Costa Brasileira. ACIESP, vol. I, 107-112.
- MOSCOVICI, S. 1975. Sociedade contra natureza. Vozes: Petrópolis.
- MINC, C. 1985. Como fazer movimento ecológico e defender a natureza e as liberdades. Vozes, Petrópolis.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/SECRETARIA DE BIODIVERSIDADE E FLORESTAS. 1997. Relatório do Brasil para a Comissão de Desenvolvimento Sustentável – CDS. Rio +5. <http://www.mma.gov.br/biodiversidade> (capturado 8 mar. 2000)
- NORDI, N.1992. Os Catadores de Caranguejo-Uçá (Ucidis cordatus) da região de Várzea Nova (PB): uma abordagem ecológica e social. Tese de Doutorado em Ciências Biológicas. Progr. De Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais.UFSCar. São Carlos, SP.
- ODUM, E.P. 1983. Ecologia. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração sobre o ambiente humano. Estocolmo, Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, 1972.

- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), Fundo Mundial para a Natureza (WWF). 1991. Cuidando do Planeta Terra: uma estratégia para o futuro da vida. São Paulo, outubro.
- PAIVA, M.G.M. 1995. Sociologia do Turismo. Papirus, Campinas, SP. Coleção Turismo.
- \_\_\_\_\_. 1995. Globalização e Segmentação: Reflexões Sobre o Mercado de Trabalho em Turismo no Nordeste. Hucitec, São Paulo.
- PALMA DE HARO, M.A. (org.) 1996. Ilha de Santa Catarina; Relato de Viajantes Estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX. 4 ed. Editora da UFSC, Editora Lunardelli, Florianópolis.
- PAULI, E. A. 1973. Fundação de Florianópolis. Edeme, Florianópolis.
- PELLEGRINI FILHO, A. 1997. Ecologia, Cultura e Turismo. Campinas, SP: Papirus.
- POLETTE, M. 1993. Planície de Perequê/ Ilha de São Sebastião - SP: Diagnóstico e Planejamento Ambiental Costeiro. Tese de Dissertação de Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais. São Carlos/SP.
- PORTO FILHO, E. 1993. Sedimentometria e algumas considerações sobre a biogeoquímica dos sedimentos de fundo da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina. Dissertação de mestrado em Geografia. UFSC.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Decreto Municipal nº 247/86
- RIAL, C.S. 1988. Mar-de dentro: A transformação do espaço social na Lagoa da Conceição. Tese de Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFRGS, Porto Alegre, RS.

- RIBEIRO, G.C.; CLEZAR, L.; HOSTIM-SILVA, M.; FILOMENO, M.J.B. & AGUIAR, J.B.S. 1997. Ictiofauna da Lagoa da Conceição e Área Costeira Adjacente, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. Atas Colóquio Franco-Brasileiro. Manejo Costeiro da Ilha de Santa Catarina.
- RODRIGUES, A. M. T. 2000. Diagnóstico Sócio-Econômico e a Percepção Ambiental das Comunidades de Pescadores Artesanais do Entorno da Baía da Babitonga, SC: Um Subsídio às Medidas de Gestão Compartilhada da Zona Costeira. Tese de Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental. UFSC. Florianópolis.
- RODRIGUES, R.M. 1990. Avaliação do Impacto do Sistema de Esgoto Sanitário na Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC. Dissertação. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- ROHR, J.A. 1984. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. Anais do Museu de Antropologia, UFSC, Florianópolis, ano XVI, n 17.
- SACHS, I. 1992. Transition strategies for the 21<sup>st</sup>. Century, Nature and Resouces. V.28, UNESCO.
- SACHS, I. 1986. Ecodesenvolvimento. Vértice, São Paulo.
- SANTOS, M. 1996. Território Globalização e Meio Técnico Científico Informacional. São Paulo: Hucitec.
- SÃO PAULO (Estado). 1992. Secretaria do Meio Ambiente. Estudo de impacto ambiental, relatório de impacto ambiental. RIMA: manual de orientação. Série Manuais. São Paulo.
- SIERRA DE LEDO, B. 1990. Lagoa da Conceição: uma abordagem ecológica. Anais do II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira. Águas de Lindóia, SP. ACIESP.

- SILVA, T.D. O Ambiente e o Turista: Uma Abordagem Discursiva. In SERRANO, C.M.T., org. , Viagens à natureza: Turismo, Cultura e Ambiente, Campinas, SP: Papirus, 1997.
- SORIANO-SIERRA, E.J. 1990. Ecosistemas de Marismas. II A Fitocenosis: SP, ACIESP.
- SPOSITO, E.S. 1984. Percepção do Espaço e a Formação do Horizonte Geográfico. Rev. Geográfica, São Paulo, Vol. 03, p. 87-107, 1984.
- STEBBINS, R.A.1987. Fitting in: the researcher as learner, and participant. QUALITY and QUANTITY, v.21.
- TAUK, S. M. 1995. Análise Ambiental: Uma Visão Multidisciplinar / Sâmia Maria Tauk (organizadora) : Editora Unesp.
- TUAN, Y.F. 1980. Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: DIFEL.
- VANNUCI, M. 1999. O Manguezal e Nós. São Paulo, Ed. da USP.
- VÁRZEA, V.1985. Santa Catarina – a Ilha. Ed. Lunardelli, Florianópolis.
- VIEIRA, F. 1998. Caracterização morfológica da margem lagunar da Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina, S.C. Monografia para a obtenção do grau de Bacharel no curso de graduação em Geografia da UFSC.
- XAVIER, R. 1993. A Política Nacional de Gerenciamento Costeiro. Anais do III Simpósio de Ecosistemas da Costa Brasileira, SP. ACIESP
- WETZEL, R.G. 1981. Limnologia. Ediciones Omega, Barcelona.

## **9. ANEXOS**



## ANEXO 01

Lista dos Sambaquis, segundo ROHR (1984), catalogados na Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição:

- Sambaqui do Canto da Lagoa I (1960) – situado em terreno de Marcelino Pereira, no canto sul da Lagoa. Possui 20x10x1 metros e foi prejudicado pela lavoura. Único sambaqui em que não foram encontrados sepultamentos humanos.
- Sambaqui do Canto da Lagoa II (1959) – situado em terreno de Saulo Ramos, numa língua de terra do lado leste da Lagoa. Possui 70x30x0,30 metros e foi muito prejudicado pela lavoura
- Sambaqui da Freguesia da Lagoa I (1959) – situado em terreno de Laurindo Januário da Silveira, à margem oeste da Lagoa, a 200 metros da ponte. Possui 35x15x4 metros e foi destruído até a base por antiga indústria de cal.
- Sambaqui da Ponta das Almas (1959) – situado em terreno de Valmor Florentino dos Santos. Possui 70 metros de diâmetro e cinco a seis de altura. Foi datado pelo carbono radioativo em 4.200 anos.
- Sambaqui da Barra da Lagoa I (1959) – situado do lado direito da barra do Rio da Lagoa, na crista da ponta do morro. Possui 150x50x3 metros e foi prejudicado por indústrias de calcário e pela lavoura.
- Sambaqui da Barra da Lagoa II (1959) – situado na praia, à esquerda da barra do Rio da lagoa, e parcialmente ocupado por um rancho de canoas. Possui 10x6x1 metros e foi em grande parte destruído.
- Sambaqui do Rio da Barra da Lagoa (1959) – situado em terreno de Isolina Maria Gonzaga do lado esquerdo, e a uns quinhentos metros da ponte do Rio da

Barra. Possui 60x30x4 metros. Metade do mesmo foi destruído por fabricantes de cal.

- Sambaqui da Costa da Lagoa (1980) – Situado em terreno de João Manoel Alves. Ocupa uma área de 3.000 metros quadrados, com menos de um metros de espessura e acha-se ocupado por cafezal, bananeiras e a residência do dono. A ocupação durante decênios prejudicou-o grandemente.
- Sítio Cerâmico Guarani I (1971) – situado nas dunas da Lagoa da Conceição. Sobre área de 100 metros quadrados encontram-se esparsos cacos de cerâmica de tradição guarani, conchas e carvão vegetal. Dista um quilômetro da Lagoa.
- Sítio Cerâmico Guarani II (1959) – situado nas dunas da Lagoa da Conceição a cem metros de um restaurante. Sobre a área de 200 metros quadrados, encontram-se esparsos cacos de cerâmica de tradição guarani, conchas e carvão vegetal. Curiosos andaram quebrando duas urnas funerárias, com esqueletos humanos, deixando os cacos e as ossadas espalhadas no local. Foi encontrado também uma ponta de flecha lítica. O local é muito frequentado por banhistas.

Estado civil: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Local de Nasc.: \_\_\_\_\_

Qto tempo mora na Costa: \_\_\_\_\_ Casa própria? \_\_\_\_\_

CASA

Nº de cômodos: \_\_\_\_\_ Material: \_\_\_\_\_ Ano da Construção: \_\_\_\_\_

Luz: \_\_\_\_\_ Captação de água: \_\_\_\_\_ Esgoto: \_\_\_\_\_

Possui horta: \_\_\_\_\_ O que planta: \_\_\_\_\_ Tamanho: \_\_\_\_\_ Vende? \_\_\_\_\_

Caça: \_\_\_\_\_ O que: \_\_\_\_\_ Come ou vende: \_\_\_\_\_

Filhos: \_\_\_\_\_ Idade filhos: \_\_\_\_\_ Doenças Graves: \_\_\_\_\_

Laser: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_

Escolaridade Família:	Sem escolaridade	1 grau inc.	Até 4 série	1 Grau	2 grau inc.	2 Grau	Superior Incom.	Superior	Ou- tros	Trabalho:
Pai										
Mãe										
Filho 1										
Filho 2										
Filho 3										
Filho 4										
Filho 5										

Função: \_\_\_\_\_

Salário: (1-3) \_\_\_\_\_ (4-6) \_\_\_\_\_ (7-10) \_\_\_\_\_ (+ 10) \_\_\_\_\_

Quantos meses trabalham por ano: \_\_\_\_\_

pescador

Onde Pesca: \_\_\_\_\_ Tipo de embarcação: \_\_\_\_\_

O que pesca: \_\_\_\_\_ Come o que pesca: \_\_\_\_\_

Quanto tempo: \_\_\_\_\_ O que utiliza: \_\_\_\_\_ Rede (malha) \_\_\_\_\_

Onde vende: \_\_\_\_\_ Quanto pagam: \_\_\_\_\_

Consegue viver da pesca? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_

Faz parte da cooperativa: \_\_\_\_\_ Faz transporte de pessoas: \_\_\_\_\_ Faz turismo: \_\_\_\_\_

Estado Civil: (1) solteiro; (2) casado; (3) separado; (4) viúvo; (5) outros - Casa Própria: (S) sim; (N) não - Material: (1) material; (2) madeira; (3) mista;

Estado civil: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Local de Nasc.: \_\_\_\_\_

Qto tempo mora na Costa: \_\_\_\_\_ Casa própria? \_\_\_\_\_

CASA

Nº de cômodos: \_\_\_\_\_ Material: \_\_\_\_\_ Ano da Construção: \_\_\_\_\_

Luz: \_\_\_\_\_ Captação de água: \_\_\_\_\_ Esgoto: \_\_\_\_\_

Possui horta: \_\_\_\_\_ O que planta: \_\_\_\_\_ Tamanho: \_\_\_\_\_ Vende? \_\_\_\_\_

Caça: \_\_\_\_\_ O que: \_\_\_\_\_ Come ou vende: \_\_\_\_\_

Filhos: \_\_\_\_\_ Idade filhos: \_\_\_\_\_ Doenças Graves: \_\_\_\_\_

Lazer: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_

Escolaridade Família:	Sem esco- larida- de	1 grau inc.	Até 4 série	1 Grau	2 grau inc.	2 Grau	Supe- rior Incom.	Supe- rior	Ou- tros	Trabalho:
Pai										
Mãe										
Filho 1										
Filho 2										
Filho 3										
Filho 4										
Filho 5										

Função: \_\_\_\_\_

Salário: (1-3) \_\_\_\_\_ (4-6) \_\_\_\_\_ (7-10) \_\_\_\_\_ (+ 10) \_\_\_\_\_

Quantos meses trabalham por ano: \_\_\_\_\_

peca-  
dador

Onde Pesca: \_\_\_\_\_ Tipo de embarcação: \_\_\_\_\_

O que pesca: \_\_\_\_\_ Come o que pesca: \_\_\_\_\_

Quanto tempo: \_\_\_\_\_ O que utiliza: \_\_\_\_\_ Rede (malha) \_\_\_\_\_

Onde vende: \_\_\_\_\_ Quanto pagam: \_\_\_\_\_

Consegue viver da pesca? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_

Faz parte da cooperativa: \_\_\_\_\_ Faz transporte de pessoas: \_\_\_\_\_ Faz turismo: \_\_\_\_\_

Estado Civil: (1) solteiro; (2) casado; (3) separado; (4) viúvo; (5) outros - Casa Própria: (S) sim; (N) não - Material: (1) material; (2) madeira; (3) mista;

## ANEXO 03

**Redes Retangulares** – chama-se rede ao pano retangular, tecido de malha. As redes simples não tem crescente no côpo ou corpo (parte central da rede, onde o pescado malha). Na parte superior da rede, passa uma corda chamada tralha, que segura as pontas da malha e as bóias. Na parte inferior da rede, vai outra corda que entralha as malhas e prende a chumbada ou outro peso qualquer, como por exemplo, saquinhos de areia ou pedras (poita).

**Redes Circulares** – as redes circulares são feitas por meio de crescentes. Uma das mais conhecidas é a tarrafá. Para iniciar sua confecção, amarra-se uma laçada de cordão a um prego ou uma argola, devidamente preso na parede. Na laçada, se iniciam os primeiros pontos, que serão presos, ao término do trabalho, por uma fieira (corda mais ou menos grossa feita de fios torcidos). O círculo da rede vai aumentando com os crescentes. Os crescentes são feitos uns abaixo dos outros, na mesma faixa, sentido vertical. O arremate da tarrafá chama-se rufo, feito com dois nós em cada malha, para reforçar a parte que apanha o pescado.

**Coca** – a coca é um tipo de rede circular, tendo forma de um saco de malha sem mangas e sem funil. Na ponta do saco há uma arpoeira, provida de bóia. As cocas grandes possuem até 6 (seis) metros de comprimento. Na boca há uma entrada.

**Coca pequena** – Saco pequeno de malha, na arpoeira na extremidade. A boca da coca é entranhada em arame grosso que a conserva sempre aberta. Há cocas tipo jereré, providas de cabo, que em geral são utilizadas por meninos para pegar camarão, ou pelos pescadores, nos lances do cerco, para apanharem pequenos peixes.

**Bernunça** – saco de malha em forma de boca, que é utilizados pelos pescadores na captura do camarão a pé.

**Espinhél** – Um espinhél consta de duas partes principais: a espera e a madre. A espera é o pedaço de fio que fica entre a madre e a estaca, ou fateixa de terra. A madre é a parte do fio onde são empatados os anzóis. Conforme o porte do peixe a ser capturado, é o tamanho do anzol e a resistência do fio do espinhél. Os anzóis são colocados de palmo em palmo. Há linhas de mil metros de comprimento, suportando até 300 anzóis.

**Linha de Varejo** – é atirada na água por meio de “vareja”, o chumbo ou poita. Há linhas de varejo em cuja extremidade, colocam-se 3 anzóis, em forma de garatéia.

Para a confecção de redes utilizam-se, como instrumentos, uma agulha e um malheiro. A agulha pode ser de madeira. O malheiro consiste num tipo de pequena régua de madeira, que serve para dar dimensão desejada à malha. A malha dá sempre o dobro da largura do malheiro, e a mesma, depende do tipo de peixe a ser capturado.

<b>Malha grande</b>	<b>Captura</b>
Malheiro 8 cm = 16 cm de malha	Viola , anchova grande, cação
Malheiro 6 cm = 12 cm de malha	
<b>Malha média</b>	
Malheiro 4 cm = 8 cm de malha	Bagre
Malheiro 3,5 cm = 7 cm de malha	Tainha
<b>Malha pequena</b>	
Malheiro 3 cm = 6 cm de malha	Peixe-rei
Malheiro 1,5 cm = 3 cm de malha	Sardinha
Malhas menores de 3 cm ou rede fina de 12 mm	Camarão

Tanto a agulha como o malheiro são de fabricação caseira, variando o tamanho de ambos conforme a dimensão da malha a ser tecida. Como já ficou exposto, as malhas podem ser classificadas pelo seu tamanho: pequenas, médias e grandes. A malha para redes, destinadas à captura de peixes de maior porte, é feita com dois nós, pois oferece maior resistência a rede.

## ANEXO 04

As trilhas serão descritas a seguir:

### **1- Trilha do Macaco:**

Considerada uma trilha de nível difícil, com tempo médio de duração de três horas, tem o seu início na Estrada Geral da Vargem Grande, próximo às últimas casas da Comunidade Santo Daime e seu final na Costa da Lagoa, entre as praias do Saquinho e do Sul. As principais dificuldades da trilha são o seu abandono e bifurcações.

Para localizar o início da trilha, deve-se, a partir do ponto final do ônibus da linha Vargem Grande, seguir em direção à cadeia de morros. A entrada está a 100 metros de um campo de futebol. Este caminho fica próximo às últimas casas da comunidade do Santo Daime. No início do percurso passa-se por uma ponte sobre um riacho onde há uma cachoeira. É só a primeira parada.

A Trilha dos Macacos, como é conhecido o tortuoso caminho que liga a Vargem Grande à Lagoa da Conceição, faz a ligação entre as regiões Norte e Leste da Ilha. Este caminho, praticamente abandonado, foi, até o final do século XVIII, utilizado pelos moradores da Costa da Lagoa que pretendiam chegar ao Norte da Ilha. Muitos trechos, hoje cobertos pela vegetação, já foram passagem para rebanhos de gado e para parte da produção de farinha moída nos engenhos da Costa.

Para se percorrer toda sua extensão, desde a Vargem Grande até a localidade conhecida como Saquinho, na Costa da Lagoa, leva-se cerca de três horas. A trilha atravessa uma região pouco explorada de mata densa e árvores de grande porte. O caminho atravessa cerca de oito quilômetros dentro da mata nativa e percorre, em grande parte, o Parque Florestal do Rio Vermelho - uma área de



preservação permanente fiscalizada pela Polícia Ambiental. Esta trilha não é aconselhável para quem não conhece o local. O ideal é contar com um guia ou alguém que conheça o caminho.

A caminhada prossegue pela Mata Atlântica, que em muitos locais parece apagar completamente a trilha. A região é coberta por uma floresta praticamente intocada, que acaba servindo de refúgio para roedores, pequenos mamíferos e primatas. Os macacos-prego, espécie que deu nome à região, já foram mais numerosos, mas o animal foi muito caçado e hoje só aparece em pequenos bandos pela manhã.

Depois de muito caminhar, chega-se a uma bifurcação. A trilha que segue à direita leva à comunidade do Rio Vermelho. Para se chegar à Costa da Lagoa é necessário seguir em frente pelo caminho principal e somente abandoná-lo quando se encontra um riacho que leva à Praia do Saquinho, uns dos locais mais isolados da Costa da Lagoa, freqüentado somente pelos poucos moradores.

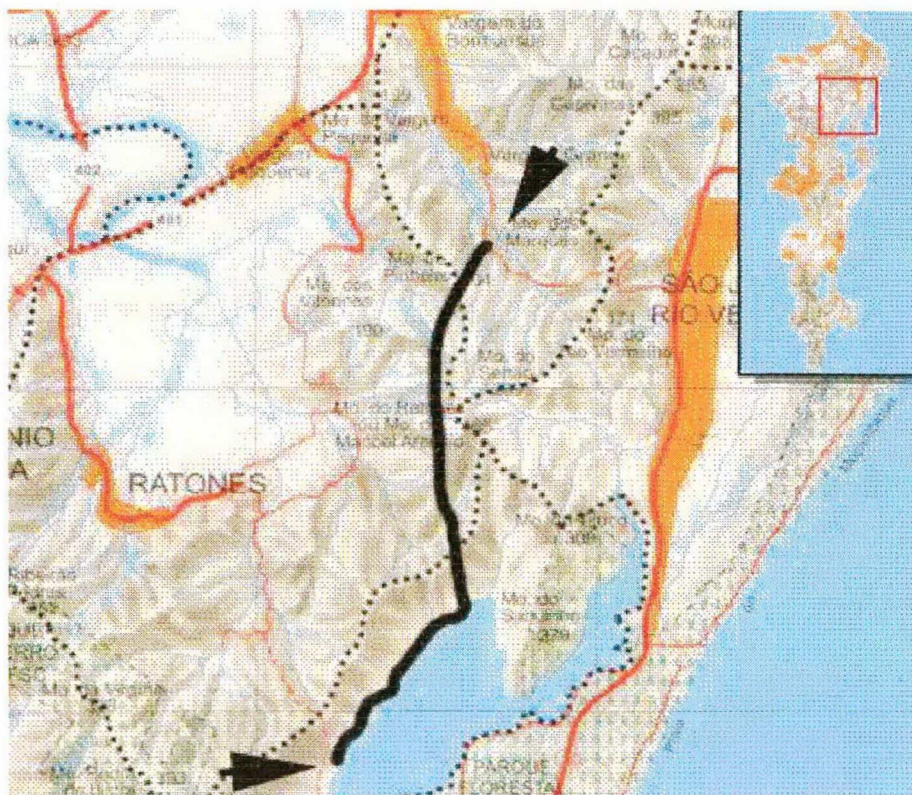


Figura 28: Mapa de localização da Trilha dos Macacos. Fonte:

Para sair do Saquinho, pode-se continuar pelo caminho em direção ao Centrinho da Costa da Lagoa. Mas, depois de uma caminhada tão pesada, aconselha-se seguir até o trapiche onde atracam as embarcações da Cooperbarco, que levam diretamente à Freguesia da Lagoa (Centrinho da Lagoa). Próximo ao ponto de desembarque passam ônibus da empresa Transol, que levam ao centro da cidade.

## **2- Ratonos**

Considerada uma trilha de nível fácil, com tempo médio de duração de trinta minutos, tem o seu início na Estrada Geral da Ratonos, na localidade do Canto do Moreira e seu final na Costa da Lagoa, próximo a praia do Sul. A principal dificuldade da trilha é a subida íngreme. Para se chegar ao início da trilha, utiliza-se o ônibus que faz a linha Ratonos.

A trilha inicia logo após as últimas casas da região conhecida como Canto do Moreira. Dali, segue-se em frente por um caminho bem marcado, que, depois de subir e descer a montanha liga-se ao Caminho da Costa.

Ultrapassando o morro que separa a comunidade de Ratonos da Praia do Saquinho, chega-se à Lagoa da Conceição. Do topo da montanha, depois de uma subida íngreme, tem-se uma vista inusitada da Lagoa, em toda sua exuberância. Esta trilha é uma das várias que ligam-se à Costa da Lagoa. Foi aberta na mata quando as únicas formas de chegar às comunidades do interior da Ilha eram a pé ou no lombo de um cavalo. De acordo com biólogos, em Ratonos ainda se pode encontrar o jacaré-de-papo-amarelo, que habita os rios da região.

Pelas inúmeras pegadas deixadas na trilha pode-se perceber que ainda hoje é usada pelos moradores desta região isolada da Costa. Às vezes, é mais fácil para chegar ao Centro de Florianópolis caminhando até Ratores por cerca de 30 minutos do que esperar as embarcações da Cooperbarco. O caminho já foi a principal via de escoamento da produção agrícola e dos engenhos de farinha.

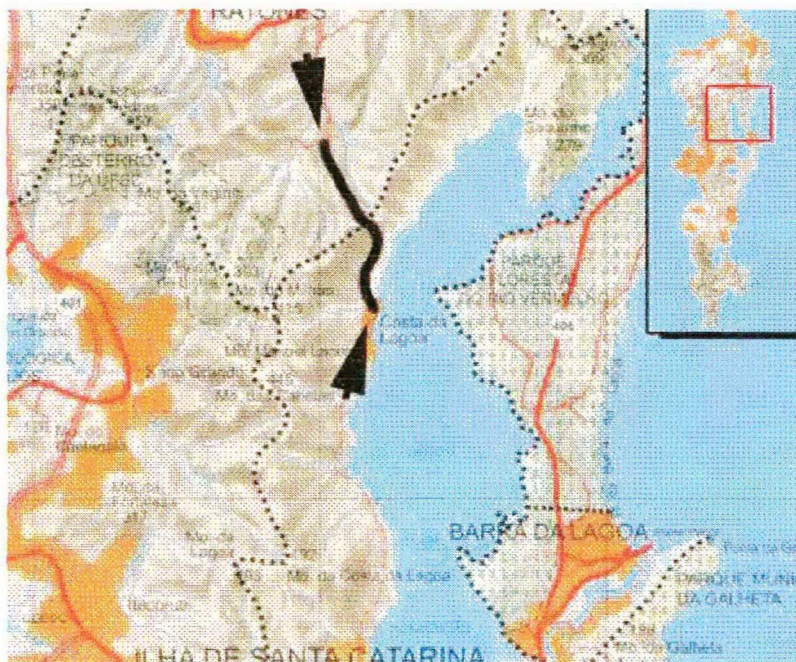


Figura 29: Mapa de localização da Trilha de Ratores. Fonte: [www.guiafloripa.com.br](http://www.guiafloripa.com.br)

### 3- Monte Verde

Considerada uma trilha de nível difícil, com tempo médio de duração de duas horas, tem o seu início na Rua do Marfim, no bairro Monte Verde, próximo ao Clube de Caça e Pesca Independente, e seu final na Costa da Lagoa, na Vila Verde. A principal dificuldade da trilha é sua extensão, trilhas secundárias e subida íngreme. Para se chegar ao início da trilha, utiliza-se o ônibus que faz a linha Monte Verde.

A trilha do Monte Verde sobe o morro que deu nome ao bairro e faz a ligação com a Costa da Lagoa. O caminho margeia o riacho que forma quedas d'água e piscinas naturais, que não estão liberadas para banho, por determinação da Companhia de Águas e Saneamento. Mesmo assim, um dos locais mais conhecidos, a pouco mais de 150 metros do início do caminho, é bastante freqüentado no verão. Uma piscina natural onde se vê os moradores locais arriscando saltos das pedras e das árvores, a uma altura de quase oito metros de altura. Piscina natural, à margem da trilha, proibida para banho



Figura 30: Mapa de localização da Trilha Monte Verde - Costa. Fonte: [www.guiafloripa.com.br](http://www.guiafloripa.com.br)

Seguindo em frente, o caminho ultrapassa o riacho e sobe a montanha, logo chegando à segunda queda d'água - também bastante visitada. Ela fica em uma trilha secundária e só deve ser seguida com a companhia de guia ou alguém que conheça a trilha. Após visitar as quedas d'água, continue em frente até atingir o topo do morro. Para isso, é só seguir a trilha principal. Quase no ponto mais alto da montanha, o visitante se depara com uma bifurcação na trilha. A da direita leva à Pedra do Urubu, de onde se tem uma vista panorâmica da Baía Norte. A da esquerda liga ao Caminho da Costa. É um trecho de trilha sinuosa entre a mata fechada, mas que não chega a representar riscos maiores. Quando se inicia a descida da montanha a mata fica mais densa. Caminha-se mais um pouco e o visitante se depara com o

Caminho da Costa da Lagoa. Dali, é só escolher entre mais 30 minutos a pé, até a Freguesia da Lagoa, ou esperar o barco da Cooperbarco, que faz a ligação entre todas as vilas da Costa e com a Freguesia da Lagoa, onde existe ponto de ônibus e chegam automóveis.

#### **4- Caminho da Costa**

Considerada uma trilha de nível médio, com tempo médio de duração de quatro horas, tem o seu início na Estrada Geral do Canto dos Araçás e seu final na Praia do Saquinho. A principal dificuldade da trilha é sua extensão. Para se chegar ao início da trilha deve-se seguir em frente, após o final da Estrada Geral do Canto dos Araçás, utiliza-se os ônibus que fazem as linhas Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição e Canto dos Araçás.

O Caminho da Costa, como é conhecida a trilha, é o ideal para quem não quer enfrentar penhascos e desfiladeiros. Sem grandes obstáculos, é feita em trechos planos por quase todo o percurso, onde o visitante passa por enseadas de águas calmas. A trilha é bem marcada, entre a Mata Atlântica e a Lagoa da Conceição. O ponto mais elevado fica após a Ponta da Areia, de onde se pode avistar uma paisagem inesquecível: uma panorâmica das dunas da Praia da Joaquina, da Lagoa em toda sua extensão, da Reserva Ecológica do Rio Vermelho, do Morro da Barra da Lagoa e da Ponta da Galheta.

Percorre-se cerca de oito quilômetros por uma região que, desde a metade do século XVIII, desenvolve atividade agrícola. Já foram 26 engenhos - hoje são poucos, que acabam virando atração turística. Farinha de mandioca, café, açúcar e aguardente abasteceram por mais de um século a Vila de Nossa Senhora do Desterro

(mais tarde Florianópolis) e os navios que ancoravam em seu porto. A Costa da Lagoa era "celeiro da Ilha".



Foto 25: Engenho da Costa da Lagoa.

O caminho deixou de ser conservado em 1945. Até então, era possível percorrer toda sua extensão de charrete ou carro-de-boi. Diz a história do local que residia na região um certo Manoel da Costa, rico proprietário de terras, que mandava cortar os ramos de árvores que tocassem seu chapéu enquanto passava montado a cavalo. Outro, dono de engenho, cavalgava acompanhado por um escravo a pé, levando parte das compras feitas na Freguesia da Lagoa.

Algumas vilas são servidas de bares e restaurante, como bar do Seu Manoel, na localidade conhecida por Vila Verde, bem no começo da caminhada. Mas é no Centrinho da Costa que ficam os restaurantes mais conhecidos, como o Lagoa Azul, citado no guia Quatro Rodas.

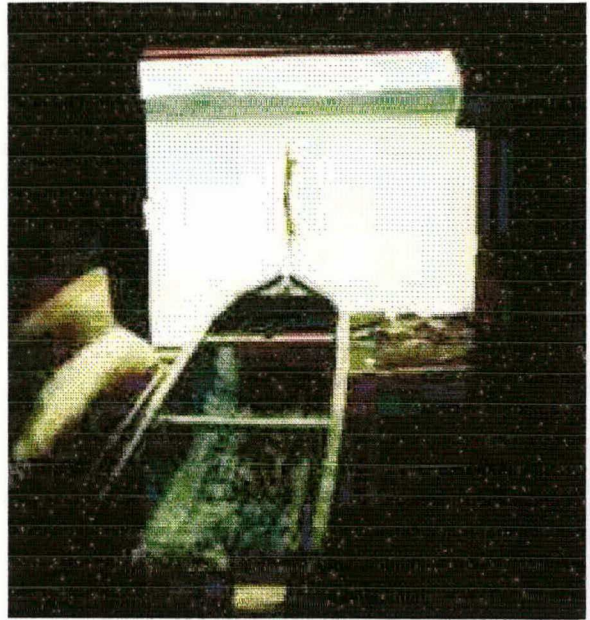
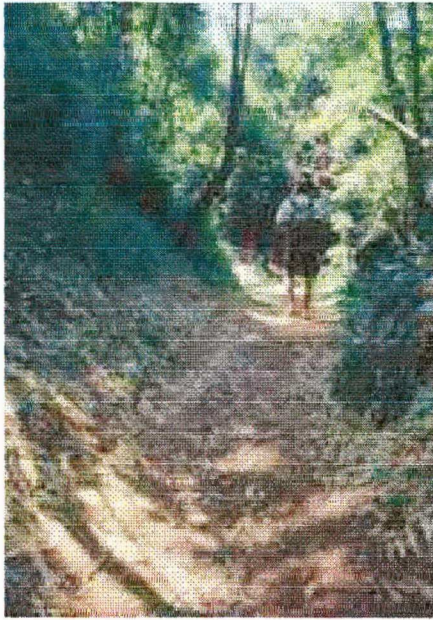


Foto26 e 27: Trilha Caminhos da Costa e Rancho de pesca.

A trilha da Costa da Lagoa termina no Saquinho, mas para voltar pega-se um barco na Praia do Sul. O desembarque é no trapiche do Centrinho da Lagoa, depois de cerca de uma hora de viagem pela lagoa. Essas embarcações fazem o transporte diário de passageiros, funcionando como o serviço de ônibus.

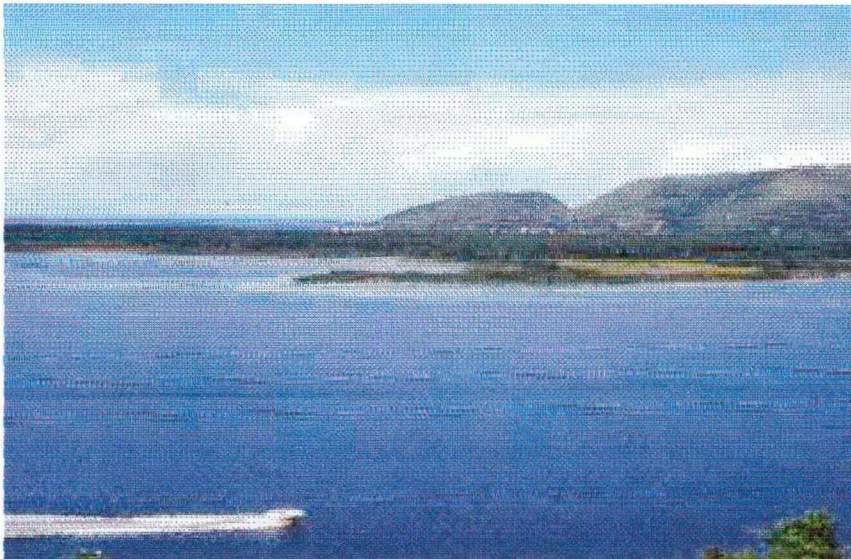


Foto 28: Vista do alto do Morro da Lagoa e Parque Florestal do Rio Vermelho





Figura 31: Mapa de localização da Trilha Caminhos da Costa.  
Fonte: [www.guiafloripa.com.br](http://www.guiafloripa.com.br)

## ANEXO 05

As principais rezas utilizadas pelas benzedadeiras, segundo D. Nina, que aprendeu as rezas com sua comadre, são:

### **COBRERU (cobrero):**

**Benedeira** – *Qui é Qui eu cortu? Cobreru brabu. Issu mêmu eu cortu in nom di Deus i da Virgi Maria, Qui é Qui cortu?*

**Doente** – *A cabeça, o mêo e o rabu,*

**Benedeira** – *U Qui é Qui cortu? Cobreru brabu. Corto a cabeça, u meio i o rabu. Sequi i ti suma cobreru, furmigüero, imizadi, mal compostu di fulano co u nomi di Deus i da Virgi Maria.*

### **SAPINHO (afta)**

*Benze treis vezes, cortando simbolicamente com faca ou tesoura um capim ou talo de mamoeiro.*

### **PEITO ARRUINADO (doenças das vias respiratórias)**

*Jesuis saiu a caminhá, chegô a casa de um hôme bom i mulhé má. A mulhé má feiz a cama na lama, sará-ti mama.*

### **VENTRE VIRADO (doenças estomacais)**

*Ia Jesus, Jusé, pelo caminho, Jusé ficou pra trais. Jesuis disse: anda Jusé. Não posso Senhor. Qui tem Jusé? Ventre virado. Então anda Jusé, Qui uns tens ventri*

*sararão, como sarô as minhas cinco chaga. Em nomi de Deus i da Virgi Maria.  
(galho de arruda com água benta – 3 vezes)*

### **RENDIDO (torções, quebras, dores musculares)**

*U Qui é Qui coso? Carni quebrada, nervo torto, veia aberta, ôssu rindidu. Issu mêmo eu côso cum u nomi di Deus, di Santu Afonsu, di São Virtuoso. Carni quebrada torná a sará, nervu torto toma o seu lugá, ossu rindidu torna a colá; veia aberta torna a fechá, i todo mali há di curá cum nomi di Deus i da Virge Maria.*

*O benzimento é dito enquanto o benzedor vai costurando com agulha e linha um pedaço de pano branco, que é costurado durante os nove dias da benzedura. No fim dos 9 benzimentos, tira agulha do pano e coloca-o na fumaça.*

### **ZIPLA OU ZIRIPELA (zipra)**

*Vinha São Pedru i São Paulo di Roma, incontro cum Jesus Cristu. Jesus Cristu preguntô: Qui é Qui ai lá? Zipla, zipela, sinhô, Qui tá acabandu cum tudu. Vorta Pedru i Paulo, benzi cum a erva du monti, cum a água da fonti i u pó da guia, Qui u mal ti sararia, cum nomi di Deus i da Virgi Maria.*

*Benze-se com água benta, um galho de arruda “dentro dum pri branco, virgi” – pires branco novo.*

### **PARA A CHUVA**

*Santa Clara Clariai, Santa Estia, estiai, Santo Antônio, manda o sol para enxugar o meu lençol.*

## **CONTRA HEMORRAGIAS – DI SANGUI**

*São Marcus, São Luicas, São Mateu, cortando trigi em campu seus, corto-se Luicas, disse Mateu: sangui põe-ti nas veia comu Jesusu Cristu tevi na cêa. Sangui põe-ti nu artar. Sangui põe-ti in ti, como esuis tevein si, in nomi di Deus i da Virgi Maria.*